

Rodrigo Vivas Andrade

**AS INTERSEÇÕES MADIÁTICAS DA PEQUENA BOM SUCESSO DE 1938-
1954: leituras e discursos de Júlio Castanheira.**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Professora Regina Helena Alves da Silva

Belo Horizonte
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG
2001

Dissertação defendida e aprovada em junho de 2001 pela banca examinadora constituída pelos professores:

Regina Helena Alves da Silva (Orientadora)

João Cezar de Castro Rocha (UERJ)

César Geraldo Guimarães (UFMG)

Thaís Velloso Cougo Pimentel (UFMG)

Aline, vamos voltar o relógio
Fotografar os segredos
Quero você como um credo

A minha mãe por ser o que é.

Ao César Guimarães por atribuir sentido.

Ao Júlio Castanheira

AGRADECIMENTOS:

Esta pesquisa foi iniciada ainda na graduação e várias pessoas a acompanharam em estágios diferentes.

Agradeço a Elke Félix Pena pelo apoio e pela ótima companhia para as recorrentes brigas com Júlio Castanheira, e também por ter corrigido as partes iniciais.. Devo-lhe muito.

À *Vivas Corporation* que me bancou quando a prometida bolsa, tão esperada, não passava de uma promessa. A *Vivas Corporation* financiou esta pesquisa em toda a graduação e ainda por mais um ano, durante o mestrado, com direito a casa, comida e roupa lavada.

À minha mãe por apresentar-me a Júlio Castanheira e dirigir a *Vivas Corporation* com dedicação.

Aos funcionários da *Vivas Corporation*, meus irmãos Andrea, Alessandro, Fabrício e Liliane, por terem convivido com um intelectual provinciano todo este tempo e, principalmente, a Fabrício e Andréa, sempre dispostos a entender teorias que nem eu mesmo dominava.

À família de Júlio Castanheira que sempre me recebeu muito bem. Agradeço a Hebe, Mirinha e Alcione.

A tia Conceição por ter disponibilizado grande número de seus livros sobre Bom Sucesso e por ter-me fornecido inúmeras informações sobre Júlio Castanheira e também sobre Bom Sucesso.

A Tio Armando, Tia Ana, Tércio, Titi, Patrícia, Tata, que me acolheram durante a pesquisa em São João del Rei. Obrigado pelo carinho, pela comida, pelo apoio.

Ao casal Álvaro e Priscila por estarem sempre presentes. Ao meu amigo Álvaro, companheiro e profissional de apoio incondicional, por ter-me apoiado desde o início. E

à minha amiga Priscila, que precisou enumerar catástrofes para que eu soubesse que nem tudo estava perdido.

A todo pessoal da UFOP. A Renato Pinto Venâncio e a Angelo Carrara pela confiança.

A Marli um agradecimento especial por sempre estar presente e ter-me ajudado tanto. Não sei como teria sido sem ela.

Aos amigos que, apesar de termos estudado na mesma faculdade durante a graduação, a UFOP, só aprendi a conhecer no mestrado da UFMG. A Patrícia, sempre disposta a conversar de uma forma muito respeitosa e amigável. Ao amigo Soneca pelas maravilhosas tardes de conversas e pelo grande estoque de cerveja e cachaça. Ao Márcio Eurélio pela presença e ao Jean pela grande capacidade de articulação e amizade.

Um agradecimento especial ao Alexandre, com quem muito aprendi neste último ano de mestrado. Obrigado pelos inúmeros cafés regados à crença na razão universal. Tenho certeza de que, se eu conseguisse acreditar na metade do que ele acredita, já teria meu exército. Obrigado pela leitura cuidadosa da dissertação, pela maturidade e por termos aprendido a nos respeitar.

A Regina Helena, orientadora brilhante, amiga, cordial, que me ofereceu condições de trabalho e total autonomia.

À grande amiga Juliana que transita muito bem tanto na história como na comunicação. Obrigado por apresentar-me grande parte da bibliografia da área de comunicação, pelas longas conversas e pela companhia.

Ao amigo Rober por ser tão brilhante, amigo confiável, parceiro de cafés e cigarrilhas e pela leitura carinhosa e cuidadosa da dissertação. Obrigado por ter aparecido na minha vida.

Ao professor Luiz Costa Lima pela seriedade, competência, acessibilidade e profissionalismo. Obrigado por ter respondido às dezenas de questões e por ter lido tão minuciosamente a dissertação.

Ao professor César Guimarães, um dos responsáveis pela dissertação, pelo estudo especial.

Ao pessoal da Casa três, em Mariana, que sempre me recebeu com muito carinho, nas visitas quinzenais a Aline, e nunca me cobrou caixinha. Agradeço a Bianca, Douglas, Eulália, Sérgio, Marcos Paulo e Renatinha.

Ao amigo Márcio Rimet pela amizade, carinho e companhia.

Ao pessoal do mestrado em História da UFMG: Rita, Camila, Ana Cláudia, Lúcio, Sônia e Sonila. Um agradecimento especial ao Luís Henrique pela presença.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| Resumo | 11 |
| Abstract | 12 |
| Apresentação | 13 |
| Introdução | 15 |
| CAPÍTULO 1 | |
| Júlio Castanheira, Bom Sucesso e as redes de favores..... | 29 |
| CAPÍTULO 2 | |
| Júlio Castanheira: entre livros e práticas..... | 48 |
| 2.1 A biblioteca de Júlio Castanheira..... | 48 |
| 2.2 As leituras de Júlio Castanheira..... | 64 |
| CAPÍTULO 3 | |
| Performance..... | 95 |
| Conclusão..... | 140 |
| Referências bibliográficas | 142 |
| Lista de Gráficos..... | 8 |
| Lista de Fotos..... | 9 |
| Lista de Figuras..... | 10 |

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1

Divisão da biblioteca: áreas – autores.....53

Gráfico 2

Obras instrumentais.....61

Gráfico 3

Literatura: divisão por língua.....62

LISTA DE FOTOS DA BIBLIOTECA

Foto 1

Vista parcial da Biblioteca de Júlio Castanheira.....54

Foto 2

Vista parcial da Biblioteca de Júlio Castanheira.....57

Foto 3

Vista parcial da Biblioteca de Júlio Castanheira.....58

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--------------------------|-----|
| Figura 1 | |
| "É extraordinário" | 133 |
| Figura 2 | |
| "M'o pagarás" | 134 |
| Figura 3 | |
| "Horror! Horror!" | 135 |
| Figura 4 | |
| "Viva o Brasil" | 135 |

RESUMO:

Júlio Castanheira, morador de uma pequena cidade de Minas Gerais, Bom Sucesso, entre os anos de 1938 a 1954, possuía um grande acervo que se manteve preservado, permitindo-nos estudar a composição da biblioteca deste personagem, suas práticas de leitura e os seus discursos pronunciados em reuniões públicas. A ineficiência da comunicação pelo impresso, em decorrência das altas taxas de analfabetismo, foi compensada por leitores/oradores. Júlio Castanheira, ao discursar, utilizava técnicas performáticas e retóricas capazes de construir e acessar a memória auditiva dos ouvintes.

ABSTRACT:

Júlio Castanheira lived in Bom Sucesso, a small town in Minas Gerais, between 1938 and 1954. He owned a great quantity of books that were preserved and thus allowed us to study the way his library was composed, what reading practices he had, as well as the speeches he made in public gatherings. The inefficiency of written communication due to high illiteracy rates was thus compensated by the work of 'reading orators'. Júlio Castanheira utilized performance and rhetorical techniques in his speeches that were capable of constructing and accessing his readers' auditory memory.

APRESENTAÇÃO:

Não conseguiria localizar, se alguém me indagasse, quando nasceu o interesse pelas questões que apresento em forma de dissertação. A sensação que tenho é de que nasci com elas. Relutei, no início, em incorporar esta apresentação, que não consegue fugir do caráter apologista tão comum nas autobiografias. Respondo, entretanto, à necessidade dos meus leitores, ou melhor, dos meus três leitores.

Nasci e morei em Bom Sucesso até os 15 anos, quando, então, fui estudar em um colégio interno localizado em uma pequena cidade de Muzambinho. Rapidamente descobri, nos primeiros meses de colégio interno, que não conhecia alguns livros, bandas, filmes. A explicação para tal déficit vinha acompanhada de qualitativos como provinciano, interiorano, atrasado. Passei a elaborar hipóteses que explicassem por que certas informações não chegavam à minha cidade. A dúvida já se apresentava complexa porque percebia que algumas informações eram atualizadas, ou seja, existia um conjunto de informações que eram compartilhadas.

De Muzambinho para o cursinho em Itajubá, depois direto para o curso de História em Ouro Preto. No quarto período de História, já somava minha segunda bolsa de iniciação científica com uma grande ansiedade em montar um projeto de pesquisa pessoal. Tive contato com inúmeros trabalhos no campo da história, pois trabalhava em um projeto de análise da produção histórica no Brasil entre os anos de 1990 a 1994. Tomei conhecimento do projeto de Álvaro de Araújo Antunes, que desenvolvia o mestrado analisando a biblioteca de José Pereira Ribeiro. Compartilhei minha ansiedade com minha mãe, que mencionou ter existido um personagem em Bom Sucesso que discursava em reuniões públicas e possuía uma grande biblioteca. Estas informações foram suficientes para que eu viajasse para Bom Sucesso.

Entrei nesta biblioteca depois de uma longa explicação para a família de Júlio Castanheira a respeito dos objetivos da pesquisa, que ainda não eram certos para mim. A partir desta biblioteca e de alguns discursos, passei a elaborar um projeto de pesquisa. O *corpus* documental já me fornecia a possibilidade de formular um conjunto de questões sobre a circulação das idéias pela sociedade. Percebi, por exemplo, que certas análises compartimentavam a circulação e também a permanência de certos pensamentos na sociedade. No primeiro momento, comecei a pensar neste personagem chamado Júlio Castanheira como um intelectual que, por ser professor, havia sido cooptado pelo Estado varguista para exercer a função de compensar a ausência de meios técnicos como o rádio, a televisão ou fontes impressas em geral como livros e jornais. A felicidade foi quando, já no mestrado, comecei a flertar com um conjunto de teóricos de outras áreas, como da teoria da literatura e comunicação. Ao ler estes autores, apresentados pelo professor César Guimarães, passei a descobrir o quanto era complexa a questão que eu me havia proposto.

É neste sentido que espero despertar o interesse dos próximos leitores sobre possíveis indícios capazes de explicar as questões suscitadas nesta dissertação.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, visitaremos Bom Sucesso, uma pequena cidade de Minas Gerais, entre os anos de 1930 a 1954. Teremos como anfitrião Júlio Castanheira, o qual, para ficarmos na terminologia da época, poderíamos qualificar de "ilustre conterrâneo". Este passou, com a ação do tempo, a pertencer ao rol dos ilustres, mas agora também "desconhecidos" e foi justamente o tempo, ou seja, a história elaborada neste trabalho, que permitiu que novamente Júlio Castanheira tivesse a possibilidade de ler seus inúmeros livros, anotando as partes que considerava mais importantes; elaborar seus discursos, que seriam pronunciados em reuniões públicas e aos quais relacionava os sentidos da tradição com mundos maravilhosos encontrados em sua biblioteca; e de, ao mesmo tempo, nos convidar a conhecer mais sobre as práticas de compartilhamento de sentido existentes nas pequenas cidades.

Os suportes técnicos com os quais convivemos atualmente como o rádio, a televisão, a internet, compreendendo os *e-mails*, *chats*, levam-nos a perguntar como, antes da existência destes meios, um conjunto de idéias circulava na sociedade chegando até uma pequena cidade como Bom Sucesso, passando a constituir uma comunidade de sentido entre os moradores. O trabalho, com este tipo específico de tema, demarca a tentativa de conciliar as mensagens difundidas com os meios materiais que propiciaram esta difusão. Nesta perspectiva, acreditamos que meios técnicos diferentes conformam relações pessoais diferenciadas e, por consequência, produzem formas de recepção específicas.

Após percebermos a importância do meio, podemos afirmar que uma mensagem contida em um jornal não pode ser analisada da mesma forma que uma mensagem que circule na televisão, no rádio ou na internet. Neste sentido, muito mais que isolarmos um tipo de pensamento que circulava em uma determinada época, temos como objetivo

relacionar o tipo de suporte material utilizado e suas correspondentes conseqüências no entendimento dessas mensagens.

Para problematizarmos estas questões, temos como *corpus* documental o acervo de Júlio Castanheira, do qual podemos mencionar 37 discursos pronunciados em reuniões públicas e cerca de 3600 livros que compunham a sua biblioteca. Ao observamos este *corpus* documental, fica clara uma primeira relação: tanto o discursar em reuniões públicas como as práticas de leitura referem-se a processos comunicativos, mas, por corresponderem a meios diferentes, serão problematizados separadamente.

É importante ressaltar um primeiro aspecto que servirá como eixo do nosso trabalho: o da relação entre a leitura e o discursar, que nos aproxima do complexo debate sobre as relações entre o impresso e a oralidade, aqui não concebidos como "via de mão única", embora sempre, nas duas vias, o orador seja figura indispensável do circuito comunicativo.

Os aspectos sociais que elucidariam esta característica da nossa literatura têm sido problematizados há algum tempo. O caminho seguido por estudiosos como Sílvio Romero e Antônio Cândido foi o de verificar a não existência, no Brasil, de um público leitor, fato que exigia uma configuração da literatura. Como sabemos, a literatura está inserida em um circuito que compreende a produção, a circulação e o consumo. A ausência de um público leitor exigiria que a literatura, para circular no Brasil, dependesse dos oradores. O orador na literatura corresponderia, para Sílvio Romero, a um momento histórico localizado nos últimos anos do século XVIII e nos primeiros do século XIX:

as peças oratórias eram escritas para ser recitadas, mas eram-no com verdadeiro entusiasmo. O povo, que nada lia, era ávido por ouvir oradores mais famosos [...]. Não havia divertimentos públicos, como hoje; o teatro era nulo as festas de igrejas eram

*concorridissimas.*¹

Não muito diferente foi a proposta de Antônio Cândido que, em *Literatura e Sociedade*, também apontaria para a necessidade de oradores para compensar a ausência de ávidos leitores. A literatura também dependeria dos palcos e

*O homem de letras foi aceito como cidadão, disposto a falar aos grupos [...] para edificação de quantos, mesmo sem o ler, estavam dispostos a ouvi-lo. Condições todas, como se vê, favorecendo o desenvolvimento de uma literatura sem leitores [...].*²

Antônio Cândido refere-se ao orador como parte integrante do sistema literário brasileiro, sendo a ele delegada a função de transmissão das mensagens da literatura. Em *Literatura e Sociedade*, este autor acompanha a evolução do papel do orador na literatura, que, desde a colônia, teria seu público nos "auditórios - de igreja, academia, comemoração".

*A cerimônia religiosa, a comemoração pública foram ocasião para se formarem os públicos mais duradouros em nossa literatura colonial, dominada pelo sermão e pelo recitativo.*³

Como foi visto, uma sociedade com altas taxas de analfabetismo exigiria, segundo Sílvio Romero e Antônio Cândido, oradores para que a literatura fosse difundida. Esta discussão tomou corpo com um artigo de Luiz Costa Lima e a formulação do conceito de auditividade, que estabelece uma variante desse ponto de vista pelo estabelecimento de uma diferença entre oralidade e auditividade. A auditividade caracterizaria a permanência de traços de uma cultura oral no interior de uma cultura escrita dominante. Neste sentido, além de uma cultura oral existente relacionada a uma sociedade analfabeta, existiria também, nos próprios textos impressos, marcas de oralidade.

¹ ROMERO. *História da Literatura Brasileira*, p. 542.

² CANDIDO. *Literatura e sociedade*, p. 81.

³ CANDIDO. *Literatura e sociedade*, p. 78.

Neste trabalho, percebemos Júlio Castanheira como um destes oradores que compartilharia seu acervo literário com a população de Bom Sucesso, mas apontamos também para a presença da auditividade que percebemos, apesar de não nos dedicarmos inteiramente à questão, como fundamental e que, infelizmente, tem suscitado poucas pesquisas. Em outras palavras, além da presença de oradores discursando em praça pública até a primeira metade do século XX, configurando-se como um espaço de união das pessoas da cidade de Bom Sucesso, o próprio texto literário seria marcado pela auditividade.

Apesar de demarcarmos a importância do conceito de auditividade, formulado por Luiz Costa Lima, é necessário mencionar algumas ponderações feitas por João Cezar de Castro Rocha em *Literatura e cordialidade*. Este autor baseia-se no conceito de auditividade, mas, como afirmamos, pondera sobre a negatividade do conceito ao afirmar que

*Auditividade, pois, não implica necessariamente precariedade intelectual; do mesmo modo que um texto sem qualquer traço de auditividade não será obrigatoriamente um modelo de pensamento.*⁴

Castro Rocha se preocupou mais em buscar as características da sociedade brasileira que pudessem explicar a presença do conceito de auditividade. Uma das características seria, segundo o autor, contemplada na definição de "homem cordial" que seria marcado pela "hipertrofia do privado" e pelo primado das relações pessoais. Nas palavras de Castro Rocha,

*Neste campo discursivo, a auditividade também supõe o recurso à autoridade; recurso favorecido por outra consequência da hipertrofia do privado: dada a instabilidade de espaços públicos para a discussão, as diferenças se resolveram na palavra dos maiores. No círculo periférico do convívio imediato, destaca-se o mestre local.*⁵

⁴ CASTRO ROCHA. *Literatura e cordialidade*, p. 181.

⁵ CASTRO ROCHA. *Literatura e cordialidade*, p.189.

Autores como Paul Zumthor, em *A letra e a voz*, também são obrigatórios no que concerne à discussão da auditividade. Zumthor, por exemplo, sistematizou três tipos de oralidade que corresponderiam a três situações de cultura: a oralidade primária, a mista e a secundária. Pierre Lévy, em *As tecnologias da inteligência*, acrescentou a informática na discussão do oral e do impresso para refletir sobre as possíveis mudanças nas categorias de pensamento. Para finalizar, podemos citar ainda Eric A. Havelock, em *A revolução da escrita na Grécia*, que relaciona as mudanças da transição da oralidade para a escrita na Grécia. A memória, por exemplo, na sociedade sem escrita, concentrava-se no indivíduo e era permeada por vários recursos como o ritmo e a redundância, para que pudesse ser facilmente acessada.

Neste sentido, os objetivos e problemáticas que apresentamos fazem com que esse estudo dialogue com outras disciplinas, pois a comunicação, o discurso e as representações partilhadas não são preocupações apenas da história. Roger Chartier afirma que a história só tem importância na medida em que dialogue com outras disciplinas⁶. E, apesar dos conceitos e problemáticas situarem-se em disciplinas distintas, as indagações se convergem.

Ao analisarmos a leitura, neste trabalho, temos o objetivo de entender primeiramente a composição da biblioteca de Júlio Castanheira. O que levou este intelectual a reunir e organizar uma biblioteca de 3600 livros? Passaremos depois a tentar entender como se deu a comunicação pelo impresso, ou seja, como Júlio Castanheira apropriou-se dos livros, além de analisarmos o tipo de prática a que a leitura, na época, era apropriada.

Nestes termos, o circuito comunicativo da história da leitura poderia ser descrito como sendo composto: pelo autor, o editor, os impressores e encadernadores, os fornecedores de papel, de tinta, os distribuidores, os livreiros, os leitores que compram, emprestam e se reúnem em clubes de leitura, não esquecendo as influências intelectuais

⁶ CHARTIER. *Entrevista*, p. 8.

e de publicidade e as relações econômicas e sociais. O tamanho do circuito acaba por exigir que o historiador se concentre em apenas uma parte dele e o risco está em se

*fragmentar em especializações esotéricas isoladas entre si por técnicas misteriosas e incompreensões mútuas, parece necessária alguma visão holística do livro como meio de comunicação.*⁷

A história da leitura, ao congregar inúmeras disciplinas, acabou incorporando os mais diferentes estudos neste campo, como os que tratam de problemas relacionados à leitura na escola, comparação de edições, para perceber alterações feitas pelos autores, livros proibidos e estratégias editoriais. Talvez uma proposta possível seja pensarmos em uma divisão entre os estudos sobre o livro e outros sobre a leitura, enfrentando-se o risco da fragmentação, já apontado por Robert Darnton.

Apesar da leitura e o discurso configurarem-se como práticas diferentes, o modelo teórico converge em decorrência de ambos se referirem a questões comunicacionais. Passemos, então, à apresentação do quadro teórico, mas é necessário afirmar que estamos privilegiando uma perspectiva de análise, pois as questões concernentes à comunicação têm percorrido anos de debates e têm como referência paradigmas distintos. O paradigma informacional ocupou um lugar de destaque nas análises que se preocupavam com a transmissão de informações estabelecendo um modelo que ia de um emissor até um receptor. Esse modelo pode ser descrito pensando em uma mensagem bruta que se deseja transmitir, um transmissor que

*codifica ou modula essa informação a fim de torná-la transmissível; o canal onde a informação codificada (o sinal) é transmitida até a recepção; um receptor que decodifica o sinal a fim de reencontrar a mensagem inicial; a destinação final da mensagem.*⁸

Com referência ao paradigma clássico, as indagações efetuadas podem ser sintetizadas em "quem" - "diz o quê" - "a quem" - através de qual canal - com qual

⁷ DARNTON. *O beijo de Lamourette*, p. 112.

⁸ FRANÇA. *Jornalismo e vida social*, p. 36.

efeito?⁹ Nesse paradigma, a comunicação passa a ser reduzida a uma atividade que se preocupa com uma transmissão, até um destinatário, de uma mensagem estática. Esse modelo acaba negando inúmeras variáveis presentes no ato da comunicação como a reciprocidade e a intersubjetividade dos comunicantes. Esse modelo é considerado "finalista e a comunicação se explica no seu fim pragmático, sua razão instrumental que é a transmissão de informações".¹⁰

A comunicação, neste trabalho, é caracterizada não como uma mensagem enviada para um receptor, mas como um processo dinâmico que relaciona mensagem, momento do discurso e a construção dos interlocutores. "Não existe mensagem 'X' já feita."¹¹ A mensagem só se forma no processo de comunicação de A e B, sendo construída por eles em um processo de interação, na medida em que o sentido se funda na presença dos interlocutores,

*uma relação de reciprocidade fundada no simbólico. É um ato de compartilhamento, de projeção intersubjetiva que supõe a tensão dialética entre a identidade e a diferença.*¹²

O sentido do discurso é construído passo a passo na presença dos interlocutores, sendo necessário referir-se a um saber prévio compartilhado entre os presentes. No exercício da palavra, afirma França, existe um "ato de repetição e criação de alguma coisa de único, de individual".

*A ação discursiva se faz sempre na articulação de dois processos: a redundância e a criação (processo parafrástico e polissêmico). Toda a mensagem se constrói a partir de outras mensagens, um texto traz em si mesmo a fusão de outros textos precedentes, a palavra pronunciada é a seqüência de uma palavra já dita.*¹³

A indicação de que uma mensagem se constrói a partir de outra anterior é uma referência a Hans Robert Jauss que levantou essas questões no campo da literatura. No

⁹ FRANÇA. *Jornalismo e vida social*, p. 36.

¹⁰ FRANÇA. *Jornalismo e vida social*, p. 38.

¹¹ FRANÇA. *Jornalismo e vida social*, p. 49.

¹² FRANÇA. *Jornalismo e vida social*, p. 51.

¹³ FRANÇA. *Jornalismo e vida social*, p. 48

ano de 1967, em sua aula inaugural na Universidade de Konstanz, intitulada *A história da literatura como provocação à teoria literária*, Jauss lançou as bases da Estética da Recepção. Esta provocação foi feita, nas palavras de Sérgio Alcides, propositadamente com "vara curta". "Como desafiar os limites de uma disciplina acadêmica tão rígida, tão impregnada de boas tradições do século XIX, sem correr riscos?"¹⁴

Jauss não só pronunciou uma conferência "provocativa", mas foi responsável pela alteração curricular na Alemanha. Este autor inaugurou uma nova perspectiva para o estudo da história da literatura: o nascimento do leitor. Com suas teses, publicadas em *História da Literatura como provocação à Teoria Literária*, fundou um novo paradigma para a História da Literatura.

Jauss analisa o novo como um processo de articulação com o velho. Para que o processo comunicativo exista, é preciso relacionar, então, um saber prévio e somente depois introduzir novas idéias. Este processo de articulação do velho e do novo ocorre tanto no processo de leitura, despertando a leitura de outros textos, como também no momento do discurso. Neste sentido, para Júlio Castanheira inaugurar o novo, ele tinha que se referir ao saber prévio compartilhado entre os interlocutores. A noção que se forma é de circularidade, pois "a palavra nos envia às relações; as relações, à palavra".¹⁵

Ou ainda:

O ato comunicativo é mais do que a simples relação de reciprocidade, "o estar juntos", porque ele supõe a palavra, a construção partilhada de uma materialidade simbólica. A comunicação ultrapassa igualmente a esfera circunscrita da palavra pronunciada, porque essa palavra se funda na relação dos interlocutores, sua "co-presença" e "co-participação" do ato.¹⁶

Vera Veiga França estabelece dois movimentos no instante do discurso, sendo o primeiro endocêntrico, que "nos envia para as relações internas ao texto - a articulação

¹⁴ ALCIDES. *Histórias da Literatura como provocação*, p. 4.

¹⁵ FRANÇA. *Jornalismo e vida social*, p. 45.

¹⁶ FRANÇA. *Jornalismo e vida social*, p. 52.

das palavras, os mecanismos internos de produção de sentido", e outro movimento seria o exocêntrico, "com direção a outros textos, às circunstâncias do discurso."¹⁷

Para desenvolvermos essas questões, serão utilizados os 37 discursos pronunciados por Júlio Castanheira, entre os anos de 1938 a 1954, procurando as referências aos interlocutores e ao sentido prévio presente nos discursos. Em termos metodológicos, serão analisados os discursos através da proposta de Patrick Charaudeau e a definição de contrato comunicativo.

O contrato comunicativo se refere ao conhecimento prévio ou indícios de sociabilidade que ligam os interlocutores. A ausência do contrato comunicativo redundaria na incompreensão da mensagem, pois nenhum discurso tem um significado em si, sendo o sentido formado à medida em que se constrói um interlocutor.

Este contrato comunicativo refere-se a um saber prévio compartilhado pelos interlocutores que depende da articulação de um conjunto de idéias velhas na inscrição de novas. Os discursos pronunciados por Júlio Castanheira possuem indicação dos participantes, ou seja, os interlocutores aos quais os discursos eram dirigidos, sendo possível estabelecer uma tipologia para que sejam observados os contratos comuns a todos os interlocutores e os contratos alterados para o mesmo público.

Para elucidarmos todo o circuito percorrido pela mensagem, serão analisadas as apropriações feitas por Júlio Castanheira dos livros que lia na sua biblioteca.

É necessário observarmos que, apesar da leitura e o discursar residirem em práticas diferenciadas, o quadro teórico é convergente, pois ambos têm como preocupação a compreensão do processo comunicativo em sua globalidade. Após a apresentação desse quadro teórico, percebemos que a noção de intelectual, definido como uma figura central difusora de ideologias, não parece adequada.

¹⁷ FRANÇA. *Jornalismo e vida social*, p. 49.

A atuação de Júlio Castanheira é vista, neste trabalho, muito mais como a de um mediador, que agencia o sentido com os ouvintes no momento em que discursa. Em outras palavras, Júlio Castanheira não é o "autor da comunicação, ele partilha desse processo permanente, tão vasto quanto a cultura".¹⁸ Essa afirmação realça novamente a desconstrução de uma figura central difusora de ideologias e, ao mesmo tempo, marca a necessidade de se buscar, nas mediações e nos interlocutores, a comunicação como um processo de construção de sentido.

O deslocamento da definição de intelectual para a de mediador corresponde às contribuições da midiologia que tem sido propagandeada por Debray em seus livros, em diversas entrevistas concedidas aos jornais franceses e na sua revista eletrônica *Mediologie*¹⁹. Esse autor demarca o campo da midiologia usando, como exemplo, a chegada de Freud em Nova York, em 1909, quando disse à filha: "Não sabem que lhes trazemos a peste". Segundo Debray, o historiador das idéias teria como tarefa, isolar, através de um microscópio, o agente transmissor da peste, o bacilo de Yersin. O epistemólogo, como bom farmacêutico, buscaria a cura através da estreptomicina". O midiólogo estaria ocupado apenas com os meios transmissores que, no caso específico da peste, seriam os ratos e pulgas, "sem esquecer os pacotes, tudo isso sem qualquer intenção profilática".²⁰

Outro autor, que também sistematizou o papel do mediador na sociedade, foi Jesús Martín-Barbero ao se preocupar com estudos de recepção nos meios de comunicação de massa. Esse conceito é muito recente e apareceu juntamente com um conjunto de problemas relacionados com a recepção, surgidos apenas na década de 80 na América Latina. Barbero afirma que a maioria dos estudos dedica-se a estudar as

¹⁸ FRANÇA. *Jornalismo e vida sócia*, p. 43.

¹⁹ Cf: <http://www.mediologie.com>

²⁰ DEBRAY. *Curso de midiologia geral*, p. 53.

estruturas econômicas e ideológicas dos meios, "sem se propor minimamente ao estudo das mediações através das quais os meios adquiriram materialidade institucional e densidade cultural"²¹. Afirma, ainda, que os estudos parecem "atribuir a dinâmica das mudanças históricas à influência dos meios e outros em que estes são reduzidos a meros instrumentos passivos nas mãos de uma classe dotada de quase tanta autonomia quanto um sujeito kantiano"²². Barbero declara que, se não existem mediações nem política nem cultural na história dos meios, isto ocorre

*sem dúvida porque a maior parte da história escrita na América Latina continua deixando de fora o espaço cultural, ou reduzindo-o a seus registros cultos - a Arte, a Literatura - do mesmo modo como a vida política da Nação é quase sempre só o da "grande política", a política dos grandes fatos e das grandes personalidades, e quase nunca a dos fatos e da cultura política das classes populares.*²³

O termo mediador já foi utilizado no campo da história em outros estudos, mas que o concebem apenas como intermediário, ou seja, uma ponte que ligaria, sem interferências, um ponto ao outro. Esta ligação do mediador com o intermediário acaba por aproximar-se do conceito de intelectual, criticado neste trabalho. O mediador, nesta dissertação, seria então um agenciador de práticas que constrói o sentido juntamente com os interlocutores. Negamos, portanto, a passividade dos agentes e o caráter estático que se pode atribuir à comunicação.

Para relacionarmos a circulação de idéias na sociedade, problematizando o discursar e a leitura sob a luz da auditividade, estaremos dividindo a dissertação em três capítulos.

No primeiro capítulo, *O discursar em reuniões públicas*, mostraremos a inserção da prática do discurso em Bom Sucesso, Minas Gerais, entre os anos de 1938 a 1954.

²¹ MARTIN-BARBERO. *Dos meios às mediações*, p. 228.

²² MARTIN-BARBERO. *Dos meios às mediações*, p. 228.

²³ MARTIN-BARBERO. *Dos meios às mediações*, p. 228.

Como as relações pessoais e as redes de favores corroboravam a prática do discursar em reuniões públicas e a inserção de Júlio Castanheira nesta sociedade.

O personalismo e a "hipertrofia do privado" serão demonstrados através da história da família de Júlio Castanheira, que foi resgatada com as indicações do livro de memórias de Castanheira Filho²⁴, irmão de Júlio Castanheira. Identificaremos os inúmeros aspectos privilegiados nas relações existentes no interior de Minas Gerais, percebendo o discursar em reuniões públicas como uma prática que atravessa gerações. Sendo que uma das únicas formas coletivas de transmissão e circulação de idéias nas pequenas cidades, no período estudado, era o discursar em reuniões públicas.

A busca da subjetividade do transmissor sinaliza para problemas como a composição dos discursos, da legitimidade do orador e da construção dos interlocutores no interior do discurso.

A conquista de legitimidade do orador, na cidade de Bom Sucesso, é um fator indispensável para que o espaço discursivo seja aberto, mas não é suficiente para garantir o entendimento do discurso. Se Júlio Castanheira não buscasse os elementos contratuais no discurso, a legitimidade alcançada estaria ameaçada.

O segundo capítulo, *História dos livros e práticas de leitura*, está estruturado em dois tópicos. No primeiro, nos perguntamos: qual era a composição da biblioteca deste mediador? Qual o sentido de se reunir aproximadamente 3600 livros e como foram organizados? Para discutirmos estas questões, dividimos a biblioteca em 3 grandes grupos. No primeiro grupo, dividimos a biblioteca em 6 áreas: didático; ciência popular; religião; história; filologia; literatura. No segundo, obras instrumentais, correspondentes aos métodos que ensinavam uma determinada língua, quais sejam: japonês; árabe; sânscrito; tupi, espanhol; italiano; dicionários; esperanto; inglês; grego; alemão;

²⁴ CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, 1975.

reescrita; latim; francês; português. No terceiro, e último grupo, subdividimos a parte de literatura em 5 línguas: inglês, latim, alemão, francês e português.

Em termos metodológicos, a separação da biblioteca guarda intacto o ordenamento original feito pelo seu proprietário, de acordo com os relatos familiares. O que fizemos foi pensar as categorias classificatórias que capturam o sentido da ordenação deste acervo.

No segundo tópico, as leituras de Júlio Castanheira, resgataremos as práticas de leitura feitas por um mediador que apenas estudou as primeiras letras, completando sua formação de forma autodidata, obtendo, assim, o direito de lecionar. Analisaremos as marcas marginais feitas nos livros lidos por Júlio Castanheira, resgatando as relações com o impresso. O estudo da relação de Júlio Castanheira com o impresso é importante, pois existem duas formas de nos relacionarmos com o passado, em Bom Sucesso, no período estudado, nas pequenas cidades: ou com a tradição passada de geração a geração através do cotidiano, rituais, gestos, ou através de um conjunto de idéias materializadas nos livros.

No terceiro capítulo, *Performance*, nos remeteremos ao momento das reuniões públicas. Analisaremos os discursos de Júlio Castanheira buscando os índices relacionais e as estratégias discursivas elaboradas nos discursos. Como este mediador construiu seus interlocutores no discurso tentando relacionar os sentidos, socialmente partilhados, com a introdução de novos sentidos, oferecidos pelos livros de cujas idéias se apropriava.

Os discursos foram pronunciados em formaturas e em praça pública. Demonstraremos como eles se diferenciam tanto no que se refere ao tema como na forma. Neste capítulo, apontamos para o conceito de auditividade, demonstrando uma

estrutura de redundância para que a memória auditiva pudesse ser construída e acionada.

CAPÍTULO 1**JÚLIO CASTANHEIRA, BOM SUCESSO E O DISCURSAR****EM REUNIÕES PÚBLICAS.**

Um verbo não pode se transmitir sem se fazer Carne e a Carne não é apenas amor e glória, mas também suor e sangue. A transmissão nunca é seráfica porque é encarnação. O Cristo não tem asas para abandonar a cruz; além disso, os mensageiros do Verbo, os anjos, têm um corpo demasiado sutil para fazerem tal serviço. A comunicação é fluida, enquanto a mediação é pesada.

Régis Debray

O resgate de uma prática comum à primeira metade do século XX, o discursar em reuniões públicas, constitui o objetivo deste capítulo. Inserido em uma tradição que atravessa gerações, o discursar pode ser analisado como um fenômeno de longa duração, correspondendo à "recitação dos *aedos* gregos, as *Actes Diurnes* dos romanos, os *avvisi* venezianos e os trovadores da Idade Média".²⁵

Anterior à hegemonia de meios técnicos, como o jornal, o rádio, a televisão e a internet, a disseminação de um conjunto de sentidos dava-se pela reunião de um grupo de pessoas que possuíam, previamente definido, um orador escolhido para agenciar²⁶ este momento. Mas, se o recurso comum do discursar era a oralidade, quais as fontes possíveis para resgatar tal prática e, ao mesmo tempo, como defini-la? A dificuldade oferecida pela ausência de fontes faz com que um trabalho que consiga estudar esta prática, em sua extensão temporal e espacial, seja dotado de grande mérito. A complexidade de tal meta fez com que reduzíssemos nosso estudo a delimitações

²⁵ FRANÇA. *Jornalismo e vida social*, p. 47.

²⁶ Escolhemos o termo "agenciar" para expressar a relação de reciprocidade existente no momento do discurso.

espacial e temporal bem definidas, que foram determinadas pelas possibilidades oferecidas pelas fontes.

Estas fontes foram encontradas no acervo de Júlio Castanheira, das quais nos interessam agora 37 discursos que foram pronunciados por este mediador entre os anos de 1938 a 1954. Estes discursos foram realizados, em sua maioria, em dois tipos de ocasiões, nas formaturas da escola normal de Bom Sucesso e em praça pública. Mas o interesse deste capítulo é caracterizar a sociedade de Bom Sucesso, demonstrando a inserção do discursar em reuniões públicas.

A importância de mencionarmos o "lugar" dos discursos está em pensarmos que o sentido do discurso não se refere apenas à mensagem transmitida, mas também a um conjunto de referências que passam necessariamente pela apropriação do espaço. A praça seria um espaço conflituoso e multifacetado, *"o lugar no qual o povo assume voz que canta"*. Para Martin Barbero,

A praça é o espaço não segmentado, aberto à cotidianidade e ao teatro, mas um teatro sem distinção de atores e espectadores. Caracteriza a praça sobretudo uma linguagem; ou melhor: a praça é uma linguagem, "um tipo particular de comunicação".²⁷

Acreditamos que, para melhor entendermos estes "espaços", pensando o discursar enquanto expressão da apropriação destes "lugares sociais" característicos de construção de experiências, seja necessário traçarmos, primeiramente, um panorama da cidade de Bom Sucesso. Passaremos, depois, a mostrar como este mediador conquistou o espaço para discursar nas reuniões públicas e acreditamos que o caminho possível para entendermos a inserção deste mediador na cidade passe pelo entendimento do significado das redes de favores conquistadas pela sua família. É digno de nota que esse caminho é justificado pela estruturação da sociedade do interior, que tem na sua base a

²⁷ MARTIN-BARBERO. *Dos meios às mediações*, p. 94. Neste trecho, Martin Barbero está se referindo a Bakhtin, em *Cultura popular na Idade Moderna e no Renascimento*, p. 139.

estrutura familiar e as relações pessoais.

Uma vez que a rede de favores possui como centro a família percorreremos, por isso, a história familiar de Júlio Castanheira, começando pela chegada do avô deste mediador a Bom Sucesso, analisando até o momento em que Júlio Castanheira passa a se inserir nesta rede.

Mas como estava estruturada esta sociedade que se reunia para ouvir um arauto responsabilizado e que se sentia responsável por agenciar esse momento? E poderíamos perguntar, ainda: qual o significado dessa prática em uma pequena cidade?

As informações sobre a sociedade de Bom Sucesso, a inserção da família Castanheira nessa cidade e, por conseqüência, do próprio Júlio Castanheira foram retiradas de um livro de memórias escrito por Castanheira Filho,²⁸ irmão de Júlio. Sérgio Miceli, ao analisar um conjunto de memórias, afirmou que os memorialistas tendem a demonstrar o "jogo de que participam" e foi justamente nesse caminho que o livro escrito por Castanheira Filho nos foi eficiente, demonstrando as redes de favores administradas pela família de Júlio Castanheira em Bom Sucesso. Nas palavras de Miceli:

Se a celebração biográfica é uma maneira de reconstituir vidas exemplares num registro apologético, dissimulando-se os mecanismos reais que regem as trajetórias sociais e intelectuais, os memorialistas, por sua vez, não escondem o jogo de que participam, pois sua situação lhes faz enxergar melhor os móveis da luta de cujas gratificações mais importantes se vêem excluídos. Por esta razão, o investimento no gênero memórias é tanto maior e mais freqüente quanto mais baixo o grau de consagração relativa, fazendo com que o próprio produtor assuma ele mesmo o encargo de proceder, de maneira dissimulada, à sua própria consagração.²⁹

Bom Sucesso, localizada no centro oeste de Minas Gerais, possuía uma população de 21160 em 1940. Em decorrência da diminuição do número de municípios, a população foi reduzida a um total de 16402, em 1950. Júlio Castanheira não escreveu

²⁸ CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, 1975.

²⁹ MICELI. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*, p. 17.

nenhum livro e toda a documentação da cidade, tanto das escolas como da prefeitura, foi queimada. Restou-nos apenas o livro de memórias de Castanheira Filho e o livro *História de Bom Sucesso*, também escrito por Castanheira Filho, além de fontes esparsas que encontramos nas escolas Benjamin Guimarães e Protásio Guimarães, no museu da cidade e na Prefeitura de Bom Sucesso, na biblioteca e nos arquivos do Colégio Santo Antônio, em São João del Rei, no Centro de Referência do professor em Belo Horizonte, na Hemeroteca do Arquivo Público Mineiro e no Arquivo Público Mineiro. As informações encontradas não foram muitas e, por isso, qualquer fragmento sobre a cidade tornou-se amplamente valorizado.

Esta foi a situação dos relatórios dos inspetores ambulantes, encontrados no Arquivo Público Mineiro, que acabaram por mencionar fragmentos sobre a situação de Bom Sucesso que, apesar de não corresponderem ao período estudado, nos foram importantes pela escassez de registros sobre a cidade. Assim, João Batista Maciel, inspetor ambulante, visitou Bom Sucesso em 1907:

Foi elevada a freguesia pela resolução de 14 de julho de 1832, a vila pela lei n. 1883 de 15 de julho de 1872, instalando-se a 30 de dezembro do mesmo ano, a cidade pela lei n. 2002 tendo lugar a instalação a 30 de dezembro de 1875. Passou a categoria de comarca 7 de janeiro de 1892, digo 91, sendo instalada a 9 de abril de 1892. Com a última reforma judiciária ficou constituindo um termo da comarca de Lavras. Na ordem administrativa, compõe-se quatro distritos cidade São Tiago, Santo Antônio do Amparo e São Batista.³⁰

Bom Sucesso possuía, entre os anos de 1913 a 1930, quatro clubes literários. Entre os anos de 1913 a 1919, o Clube Recreativo Rio Branco; em 1919, o Clube Recreativo Coelho Neto; em 1923, o Clube Recreativo Afonso Arinos e, a partir de 1933, o Clube dos 70.

³⁰ MACIEL. *Relatório*.

A cidade também possuía inúmeros jornais, tais como: *O Bom Sucesso*, fundado em 1886; *O Juvenil*, em 1890; *O Século*, em 1892; *A Vespa*, em 1895; *A Nova Era*, em 1889; *Liberdade*, em 1909; *O Semanário*, em 1919; *O Bom Sucesso*, fundado novamente em 1923, *O Lírio*, em 1923, e o *Prélio*, em 1925. Os grupos teatrais também freqüentavam a lista das atividades existentes em Bom Sucesso, sendo o primeiro grupo fundado em 1892, o segundo grupo, chamado Grupo Dramático Bom Sucesso, em 1901, e o Clube Teatral Manuel Ferreira Guimarães, tendo Júlio Castanheira como responsável. Poderíamos citar algumas peças encenadas: *A carteira fatal*, do Professor Jarbas Bayeux; *A cigana me enganou*, de Paulo de Magalhães; *A família do Linhares*, de Paulo Orlando e Eurico Silva; *Gaspar o serralheiro*, de Batista Machado.

A presença de salões literários, jornais e grupos de teatro ganham nova configuração quando tomamos conhecimento de que 51% da população de Bom Sucesso não sabia ler nem escrever. Esses dados não diferem dos encontrados sobre a década de 1950, segundo os quais, 49,54% eram de pessoas que não sabiam ler e escrever.

Essa visão panorâmica sobre Bom Sucesso não é suficiente para entendermos como Júlio Castanheira passa a servir como referência intelectual da cidade, mas é, no mínimo, digno de nota mencionar a efervescência cultural que ocorria em Bom Sucesso na época, visto o grande contingente de analfabetos.

Passemos, então, para a segunda etapa, localizando quais são os fatores responsáveis por Júlio Castanheira ter sido o escolhido para agenciar o sentido com a população de Bom Sucesso. Acreditamos na importância conferida à família deste mediador em Bom Sucesso e, por isso, recuaremos nosso estudo à chegada do avô de Júlio Castanheira a Bom Sucesso, quando se começou a construir a rede de favores.

O primeiro indício da inserção da família de Júlio Castanheira na rede de favores, em Bom Sucesso, começou com o seu avô, que veio de Portugal em 27 de março de 1831. Bento Gonçalves Castanheira chegou em Teófilo Otoni, local em que residia um primo que viera de Portugal anos antes. Este português, por intermédio de seu parente, conseguiu um emprego na cidade de Perdões, Minas Gerais, sendo transferido posteriormente para Bom Sucesso, para trabalhar em uma "casa comercial". O tempo na casa comercial rendeu frutos, com a obtenção do estabelecimento como dote

*Seu Bento, o senhor trabalha comigo há anos, considerado como membro da família, que já o conhece bastante. Case-se com minha filha Joana, que está moça, eu lhe darei o negócio por dote e irei para minha fazenda, pois estou cansado do comércio.*³¹

As redes de favores funcionavam como uma importante moeda nas pequenas cidades e, com a administração do comércio, Bento Gonçalves Castanheira passou a construir um espaço de reconhecimento na sociedade de Bom Sucesso. Castanheira Filho atribuiu esse reconhecimento à atividade desenvolvida pelo seu avô, o "comerciante era pessoa muito conhecida, criando prestígio na localidade e nas imediações".³²

Bento Gonçalves Castanheira exercia outras funções, além do comércio, e os fazendeiros procuravam esse português para pedir conselhos, pagar-lhe impostos, estendendo-se, assim, as suas relações.³³ Como podemos observar, a ausência de profissionais qualificados nas pequenas cidades fez com que as pessoas com mais prestígio acabassem por desempenhar inúmeras funções, como as de advogado, comerciante ou proprietário de jornal, aumentando, dessa forma, a rede de favores.

³¹ CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, p. 8.

³² CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, p. 8.

³³ CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, p. 8.

Bento Gonçalves Castanheira teve seis filhos e quatro filhas: Leopoldino Gonçalves Castanheira, que foi mais tarde Comendador, deputado e vice-presidente do Estado do Espírito Santo; Venâncio Gonçalves Castanheira, que se formou em Farmácia na Universidade Federal de Ouro Preto; Dr. Herculano Gonçalves Castanheira, formado em Medicina; Amâncio Gonçalves Castanheira, que seguiu também a carreira política, e Wenceslau Gonçalves Castanheira, que se formou em Odontologia. As mulheres: Branca Rosa, Maria Eulina, Delfina Euzébia e Maria Delfina.

A família de Júlio Castanheira ocupou cargos de grande influência na cidade de Bom Sucesso. Castanheira Filho faz questão de mencionar o papel desempenhado pelos filhos homens que estudaram em Vila Rica, dizendo que eram "talentosos, aplicados aos livros e representavam papéis salientes na sociedade"³⁴. As mulheres, quando retratadas, aparecem ocupando outros papéis, não tão salientes, mas teriam "sido bonitas, desembaraçadas, de boa conversação, recitando poesias" (sic).³⁵

Venâncio Gonçalves Castanheira casou-se com a filha de um fazendeiro "muito inclinado para as coisas da Justiça, e tinha alguns livros de Direito, que gostava de ler nas suas horas vagas, com muito interesse, como se fosse um causídico".³⁶ Do casamento de Venâncio Gonçalves Castanheira e Guilhermina Mendes Castanheira, filha do fazendeiro José Bernardes, nasceram nove filhos: Bento, Maria, Misael, Venâncio, Túlio, Joana, Sílvio, Carmelita e Júlio Castanheira.

Venâncio Gonçalves Castanheira estudou em Vila Rica, perpetuando o prestígio familiar, mas agora com um diploma de farmacêutico. "De boa cultura, conhecendo bem Português e Francês, escrevia na imprensa local e falava em público, numa

³⁴ CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, p. 10.

³⁵ CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, p. 10.

³⁶ CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, p. 12.

linguagem ataviada, que a todos agradava. Assinava um jornal francês, *Le Globe Trotteur*, com o qual muito se distraía".³⁷

A falta de médicos na cidade fez com que Venâncio passasse a atender a população carente da cidade. Todas as tardes, afirma Castanheira Filho, após o jantar, seu pai punha o chapéu e saía pelos bairros à procura de doentes, que examinava, na falta de "facultativos".³⁸

Este "caridoso" doutor fazia a receita e entregava-a para o pobre doente anotando os débitos em um livro. Este último estava "certo de que aquilo era perdido. Perdido não, porque era caridoso, compadecia-se do pobre e era sem ambição, [...]."³⁹

Além de ser "caridoso", Venâncio Gonçalves Castanheira exerceu inúmeras funções em Bom Sucesso. Escrevia, na imprensa local, artigos sobre diversos assuntos, "em estilo leve e escoreito, que agradavam geralmente, e seu discursos em festas públicas eram ouvidos com prazer, dada a sua linguagem florida". Venâncio teria ocupado vários cargos públicos e, ao ser promotor substituto, "desempenhou o cargo com escrupulo, defendendo a sociedade, mas acusando sem grande rigor aqueles que eram levados à barra do tribunal, de cuja sorte se compadecia".⁴⁰

Ocupando o cargo de inspetor escolar, Venâncio, durante anos, teria fiscalizado os estabelecimentos de ensino, "interessando-se pela instrução". Por último, Venâncio teria sido delegado de higiene, com a função de fiscalizar a limpeza pública.⁴¹

Os jornais também funcionavam como uma forma de ampla difusão de interesses políticos, mais pelas relações engendradas que propriamente pelas informações veiculadas. Castanheira Filho afirma que "Doutor Mourão, personalidade

³⁷ CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, p. 8.

³⁸ Denominava-se "facultativo" o médico sem formação universitária.

³⁹ CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, p. 14.

⁴⁰ CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, p. 14.

⁴¹ CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, p. 14.

de Bom Sucesso com grande projeção política", criara um jornal, a "Nova Era", que deixou de circular em Bom Sucesso. Como possuía a maquinaria necessária, o Doutor Mourão queria que Castanheira Filho fundasse um jornal, fornecendo-lhe as oficinas gratuitamente.

Segundo Castanheira Filho, ele teria recusado tanto o pedido do Doutor Mourão como também do então Secretário da Fazenda, Francisco Sales, em decorrência de sua família pertencer a um partido de oposição.⁴²

A partir das primeiras décadas do nosso século, a família de Júlio Castanheira passa a perder, de forma significativa, o poder econômico. Castanheira Filho descreve a vida de seus irmãos, afirmando que Túlio poderia ter dado um bom médico, "se tivesse cursado a Academia". Tinha muito jeito para esta nobre profissão, pois trabalhou por muito tempo na farmácia, conhecendo a "eficácia dos medicamentos".

Bento também teria trabalhado por muito tempo na farmácia, conseguindo, posteriormente, montar a sua. Sílvio, que deveria ser engenheiro, dada a sua grande habilidade para isso, teve contrariada a sua inclinação, vindo a ser contabilista, aliás, de muita competência.

Júlio, afirma Castanheira Filho, era fanático pelos livros, sendo professor na Escola Normal. "Quando queria adquirir uma obra de determinado escritor, não olhava preço. Estudava sem cessar, conhecendo vários idiomas. Deixou uma grande biblioteca. Deu certo".⁴³

Por fim, Castanheira Filho se descreve como um amante da literatura, sentimento que cultivava desde a infância. Ele almejava ser advogado e chegou mesmo a fazer defesas judiciais sem, contudo, ter concretizado seu sonho de se tornar doutor.

⁴² CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, p. 33.

⁴³ CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, p. 56.

"Meu pai era homem de cultura, [...] mas a sua profissão de farmacêutico não permitia manter os filhos fora, cursando estudos superiores".⁴⁴

Uma situação equivalente ao que aconteceu com a família de Júlio Castanheira é analisada por Sérgio Miceli, em seu trabalho sobre os intelectuais na Primeira República. Miceli afirma que a maioria deles pertencia a famílias de "parentes pobres da oligarquia". Essas famílias administrariam por longa data cargos de influência política e cultural, as únicas que lhes teriam restado.⁴⁵

A descrição de Miceli coincidiu com a situação da família de Júlio Castanheira, seus membros sendo excluídos da oportunidade de freqüentar um curso superior, tendo no autodidatismo o recurso possível. Note-se que Júlio Castanheira passou a trabalhar como professor após prestar o "exame de suficiência", que permitia que as pessoas que não freqüentaram a universidade dessem aulas. O mesmo recurso do autodidatismo⁴⁶ foi utilizado por Castanheira Filho ao tentar a permissão para trabalhar como advogado, a "carta de advogado". Com a decadência econômica, o que teria restado seriam os elementos culturais e a possibilidade de acessar a rede de favores já consolidada.

Castanheira Filho fala, em seu livro, que os jornais não estavam dando lucro: "Continuava O Semanário a circular regularmente, mas, depois de seis anos, vi que o jornalismo no interior não oferecia vantagem nem futuro [...]."⁴⁷

Talvez este comentário possua um tom de exagero, pois é passível de compreensão que, mesmo se um jornal naquela época não fosse muito rentável economicamente, o era em termos de reconhecimento social.

⁴⁴ CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, p. 56.

⁴⁵ Cf: MICELI. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*. 1980. MICELI. *Poder, sexo e letras na república velha*. 1977. PÉCAUT. *Os intelectuais e a política no Brasil*. 1990.

⁴⁶ Sobre o ensino livre conferir: BARROS. *A ilustração brasileira e a idéia da universidade*. 1959. apud: VENÂNCIO. *Das arcadas do bacharelismo*, p. 75.

⁴⁷ CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, p. 65.

A construção das redes de favores era muito importante em Bom Sucesso dando o direito de Castanheira Filho trabalhar como advogado, mesmo sem ser formado nesta profissão.

"O Juiz de Direito, Dr. Alberto Gomes Ribeiro Luz, meu amigo, quando o réu era pobre e não tinha advogado, mandava o oficial de justiça Antônio Veloso: — Vá dizer ao Castanheira que tenho serviço para ele! Já eu sabia do que se tratava e ia logo fazer a defesa. E com tal felicidade que todos os acusados eram absolvidos".⁴⁸

Ou seja, os instrumentos culturais foram a única forma da família de Júlio Castanheira se manter proeminente. Dois episódios serão eficientes para destacarmos as redes de favores construídas em Bom Sucesso.

O primeiro episódio é sobre um funcionário dos correios que precisava de um favor, e este dizia: "já recorri à política local e até ao Dr. Francisco Sales, [...] e nada conseguiram".⁴⁹ Castanheira Filho, percebendo a necessidade do funcionário dos correios, resolveu interceder e relatou como conseguiu o favor, o que faremos logo após a narrativa do segundo episódio.

O segundo é sobre o Dr. Gabriel de Andrade que era um médico em Passa Tempo, Minas Gerais, e candidatou-se ao cargo de deputado. Este político foi a Bom Sucesso fazer sua campanha e pediu que Castanheira Filho escrevesse sobre ele. Castanheira Filho escreveu recomendando-o e o resultado foi uma grande votação para o deputado.

O reconhecimento dos préstimos de Castanheira Filho deu-se com as seguintes palavras: "Muito lhe devo, Castanheira Filho, e quando precisar de mim escreva-me, e tudo farei para lhe servir".⁵⁰

⁴⁸ CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, p. 62.

⁴⁹ CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, p. 65.

⁵⁰ CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, p. 65.

Castanheira Filho, então, escreveu para o Dr. Gabriel de Andrade, pedindo-lhe que intercedesse pelo funcionário dos correios. Dias depois a resposta teria sido a seguinte: "Tudo arranjado favor seu amigo".⁵¹

A rede de favores é também demonstrada em uma passagem que ultrapassou as fronteiras de Bom Sucesso. Um primo de Castanheira Filho passou em um exame para tornar-se farmacêutico do exército, tendo sido aprovado e não convocado, "apesar de ter os seus padrinhos".⁵² Castanheira Filho resolveu, então, intervir.

*O Dr. Basílio Magalhães era um amigo, presidente da Câmara Municipal de São João Del Rei. Fui à redação da "A Tribuna", de que era redator, expliquei-lhe o que havia e pedi a sua intervenção. Ora, ele era **amigo íntimo** do Dr. Pandiá Calógeras, então ministro da Guerra, e naquele mesmo dia escreveu-lhe, pedindo a nomeação do meu parente, que estava na iminência de ser nomeado. Poucos dias depois o órgão oficial publicou a nomeação de Ronan Castanheira para farmacêutico do Exército, designação para servir na guarnição de São Francisco do Sul, em Santa Catarina, com o que ficou salva a sua situação".⁵³*

Mencionadas estas relações existentes em Bom Sucesso, é possível passarmos, nesse momento, para a inserção de Júlio Castanheira nessas redes de favores construídas pela família do mediador. Júlio Castanheira nasceu em Bom Sucesso no ano de 1908. Viveu sempre ali e viajava para comprar livros, sendo isso comprovado através de anotações nos livros que indicava o nome da livraria e da cidade em que o livro foi comprado, "*Livraria Acadêmica em Belo Horizonte, Livraria de São João del Rei*". O grande interesse de Júlio Castanheira por livros, mencionado por Castanheira Filho, resultou na montagem de uma grande biblioteca que deve ter colaborado para a composição do perfil intelectual de Júlio Castanheira. Esta valorização de símbolos concretos que compõem o estereótipo do intelectual foi também percebida por Sérgio Buarque de Holanda:

⁵¹ CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, p. 65.

⁵² CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, p. 87.

⁵³ CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, p. 87. (Grifos nossos).

O amor bizantino dos livros pareceu, muitas vezes, penhor de sabedoria e indício de superioridade mental, assim como o anel de grau ou a carta de bacharel. É digno de nota — diga-se de passagem - o valor exagerado que damos a esses símbolos concretos; [...].⁵⁴

Como já mencionamos, é também de Sérgio Buarque de Holanda a definição de "homem cordial", caracterizado pela hipertrofia do privado, do personalismo, das relações pessoais e das redes de favores.

O homem Júlio Castanheira nunca existiu, nem mesmo para a família. A dificuldade foi grande, pois o intelectual sempre prevalecia. Localizamos, no depósito da prefeitura de Bom Sucesso, inúmeras biografias. Estas biografias foram realizadas cumprindo-se uma exigência dos professores de Bom Sucesso. Pessoas importantes eram presenteadas com seu nome dado a uma rua e toda "rua" merece uma biografia dos alunos das escolas.

Ninguém sabia ao certo em que lugar Júlio Castanheira estudou, nem mesmo a família. As biografias eram unânimes em afirmar o Colégio Santo Antônio, em São João del Rei. Teria estudado na época em que o irmão de Tancredo Neves estudara e morreria neste colégio. Uma semana pesquisando em São João del Rei foi o suficiente para percebermos o engano: Júlio Castanheira havia estudado apenas as primeiras letras em um colégio dirigido por um tio em Bom Sucesso.

Tínhamos em mãos um conjunto de livros, discursos, peças de teatro adaptadas, informações esparsas. Resolvemos, então, consultar os jornais da época, que circulavam em Bom Sucesso, na esperança de acharmos uma coluna assinada por ele. Em vão, Júlio Castanheira foi citado apenas como um intelectual que realizava discursos. Este mediador não aparecia nem no jornal que era de propriedade de seu irmão – Castanheira Filho.

⁵⁴ HOLANDA. *Raízes do Brasil*, p. 122.

"Homem de alta cultura que sabia falar inúmeras línguas, inclusive sânscrito, a língua que Jesus falava". Esta caracterização é comum a praticamente todas as biografias. Tentamos organizar o conjunto de informações e temos a consciência de que não fizemos diferente das biografias, ou seja, oferecemos uma fisionomia a Júlio Castanheira.

Júlio Castanheira cursou o primário na escola de Protásio Celso Ferreira Guimarães —seu tio— sendo essa a única vez em que esse mediador frequentou uma escola. Uma descrição desse estabelecimento, feita em 1907 pelo inspetor João Batista Maciel, mostra as condições da escola

Visitei este estabelecimento particular, sob a direção do Sr. Protásio Celso Ferreira Guimarães, que é dotado de grande erudição e saber, latinista afamado, energia inquebrável na transmissão do ensino das diversas humanidades que leciona de uma modéstia admirável. [...] Chamei a lição de latim o aluno Bento Castanheira que satisfez-me perfeitamente, a esmo abri Horácio e mandei que lesse, traduzisse e medisse os versos, conforme a metrificação latina o que fez com prontidão, argui sobre métrica e qualidade de versos e sílabas respondendo muito bem. Outros alunos traduziram Virgílio, Ovídio e Bello Gallico.⁵⁵

O inspetor escolar João Batista Maciel finaliza seu relatório afirmando

Sai deste estabelecimento levando ótima impressão lamentando apenas, que um talento da ordem do Sr. Protásio esteja tão esquecido sendo digno de estar em posição muito melhor de uma colocação que pudesse dar arras de sua erudição.⁵⁶

A descrição da escola de Protásio Guimarães foi feita por um inspetor escolar que tinha a função de fiscalizar o ensino nas cidades de Minas Gerais. O Estado de Minas foi dividido em áreas e cada inspetor era encarregado de fiscalizar uma certa região. Bom Sucesso, em 1907, pertencia à 31^a circunscrição. No livro de memórias de Castanheira Filho também é mencionada a presença desse inspetor, que apresentamos no trecho que se segue:

⁵⁵ MACIEL. *Relatório*.

⁵⁶ MACIEL. *Relatório*.

Certo dia [Protásio] levantou-se da sua cadeira e avisou: - Amanhã os senhores venham prevenidos, porque meu amigo Maciel virá visitar o Colégio e examiná-los. Maciel era o inspetor escolar estadual, homem de muito preparo e latinista, velho amigo da casa. Trajava bem, muito atencioso, com a barba branca crescida.

Tio Protásio me chamou à mesa. Já estavam ali empilhados livros em latim e francês: Odes e Satirae, de Horácio, Eneida e Bucolicae, de Virgílio; Les Beautés du Christianisme e Les Martirs, de Chateaubriand.⁵⁷

Depois de estudar na escola de seu tio, Júlio Castanheira prestou o exame de "madureza" no Ginásio Santo Antônio, em São João Del Rei, para obter o diploma ginásial. Trabalhou como professor⁵⁸ de 1930 a 1950 exercendo, paralelamente, outras atividades como a de diretor de teatro, orador em reuniões públicas e outras cerimônias, além de integrar o quadro da maçonaria.⁵⁹

Júlio Castanheira prestou "exame de suficiência" para trabalhar. Como professor, começou lecionando, no curso de adaptação, Geografia, História e Educação Cívica em 26 de junho de 1930. Em 1943, tomou posse da cadeira de Francês. Em 1953, da cadeira de Português. Em março de 1947, lecionou Latim para o curso normal. Ainda no curso ginásial, História Geral e do Brasil, no ano de 1951.

Júlio Castanheira discursou em Bom Sucesso entre os anos de 1938 a 1954. O irmão, Castanheira Filho, mencionou a seguinte situação:

Desde mocinho gostava de fazer discursos, mas o primeiro que fiz, foi um fracasso. Numa festa de casamento de uma parenta, na roça, pedi a palavra. Tinha decorado umas frases para saudar os noivos na mesa de sequilhos. Comecei bem, com certo entusiasmo, mas no meio esqueci o resto e tive de encerrar, com grande decepção.

Quando uma pessoa de destaque fazia anos ou alguns moços se formavam, reunia-se o povo na praça principal, com banda de música e foguetes, seguindo para a residência do homenageado, e um orador fazia a saudação.⁶⁰

⁵⁷ CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, p. 35.

⁵⁸ Informações retiradas do Arquivo morto da Escola Estadual Benjamin Guimarães.

⁵⁹ CASTANHEIRA FILHO. *História de Bom Sucesso*, p. 149.

⁶⁰ CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*, p. 69 e 71.

Como caracterizamos no início desse texto, o discursar corresponde a um fenômeno que atravessa gerações e ocorre em lugares e épocas diferentes. Em Bom Sucesso, por exemplo, a tarefa de discursar não era responsabilidade apenas de Júlio Castanheira, tendo sido atribuída a outros membros de sua família.

Apesar de alguns trabalhos apontarem para o papel do discurso, estamos trabalhando com uma modalidade muito específica. Não nos interessamos, por exemplo, pelos discursos feitos em academias para um público especialista. O interesse desse trabalho está concentrado no discurso realizado para um público de uma cidade em geral. Esta escolha é justificada porque o interesse desta dissertação é entendermos como as idéias circulavam antes da hegemonia de meios técnicos como o rádio e a televisão.

O papel desempenhado por Júlio Castanheira corresponde, segundo nossa hipótese, ao do narrador de Walter Benjamin. O discurso era uma das práticas que mediavam o compartilhamento de sentidos, característica fundamental do narrador que, segundo Benjamin, parece ter se extinguido. Esta constatação é feita, ainda segundo Benjamin, quando se pede para uma pessoa narrar uma história e o constrangimento torna-se geral. Já não existe a modalidade do discurso em praça pública, como em Bom Sucesso. A crise do discurso como forma de transmissão de sentidos parece coincidir com a própria crise da possibilidade de se intercambiar experiências. "A experiência de narrar está em vias de extinção, cada vez são mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente".⁶¹

O primeiro narrador benjaminiano seria aquele que, no seu relato, se utilizaria das experiências transmitidas de pessoa a pessoa, dos sentidos sedimentados na tradição. As melhores narrativas seriam, então, aquelas que menos se distinguem das

⁶¹ BENJAMIN. *Magia e técnica, arte e política*, p. 197.

histórias orais passadas pelos inúmeros narradores anônimos. O segundo narrador seria representando pela figura do viajante que tem muito o que contar sobre mundos maravilhosos e distantes, mas "também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições".⁶²

Júlio Castanheira situava-se entre estes dois narradores. Sempre viveu em Bom Sucesso, participando, assim, dos sentidos naturalizados, e viajava apreendendo um conjunto de sentidos novos de terras estranhas, lendas de países distantes, que foram usados para compor seus discursos. Júlio Castanheira "viajava" ao reunir as informações dos livros em que lia e *tecia* passado e presente, estranho e cotidiano.

Júlio Castanheira exercia uma prática que estava em vias de desaparecer com o movimento vertiginoso da sociedade de consumo e da sociedade de informação. Mas qual o papel do discursar em reuniões públicas em uma cidade como Bom Sucesso? Os sentidos naturalizados de uma sociedade se manifestam em gestos, formas de se alimentar, rituais de morte. Através desses sentidos, os membros de uma mesma comunidade se reconhecem e são reconhecidos enquanto pertencentes a uma determinada cultura.

*Como os indivíduos não sabem, propriamente falando, o que fazem, o que fazem tem mais sentido do que sabem. Doua ignorância, portanto, habilidade que se desconhece.*⁶³

O discursar, então, não é o fim, mas o meio pelo qual era aberto um espaço de compartilhamento de sentidos administrado pelos participantes. Este espaço parece também aberto quando da leitura em voz alta na presença de ouvintes:

Leitura, enfim, na qual o ritmo não marca o texto, mas o grupo, e na qual o lido funciona não como ponto de chegada e fechamento de sentido, mas ao contrário, como ponto de partida, de reconhecimento e colocação em marcha da memória coletiva, uma memória que acha refazendo o texto em função do contexto, reescrevendo-o ao utilizá-lo

⁶² BENJAMIN. *Magia e técnica, arte e política*, p. 198.

⁶³ CERTEAU. *A invenção do cotidiano*, p. 124.

*para falar do que o grupo vive.*⁶⁴

O discursar era o momento em que a sociedade de Bom Sucesso se reunia e atualizava suas referências em uma articulação de um conjunto de sentidos tradicionais, característico do primeiro narrador benjaminiano, com os novos sentidos próprios do viajante. Era o momento, então, em que a sociedade falava sobre si e para si.

Algumas sociedades acabam por eleger um representante dotado de características diferenciadas do restante da população. Sobre este representante passa a ser depositada a confiança para que se instaure um espaço de compartilhamento de sentido. Júlio Castanheira, além de possuir um "nome" familiar importante, era alfabetizado e professor. É importante ressaltarmos, entretanto, que esse "escolhido" é apenas o agenciador de práticas e não propriamente o condutor das massas ou difusor de uma ideologia. Não é objetivo desse trabalho analisar o papel do intelectual na sociedade, mas é necessário que se diga que a visão dos estudos que delegam ao intelectual a função de "conduzir" uma sociedade e de que a ideologia produzida convenceria como mágica os indivíduos não é compartilhada por esse trabalho.

A atuação de Júlio Castanheira é vista neste trabalho, como já dissemos, muito mais como a de um mediador que agencia o sentido com a população no momento em que discursava. Esta definição realça novamente a desconstrução de uma figura central difusora de ideologias e, ao mesmo tempo, marca a necessidade de se buscar nas mediações e nos interlocutores a comunicação como um processo.

A reivindicação da inserção do mediador nos estudos historiográficos foi feita por Regis Debray. Fala-se em "idéias que causaram impactos" ou "as palavras que abalaram o mundo", mas como estas idéias passaram a fazer parte de uma sociedade? Debray lançou as primeiras sementes para pensarmos a circulação das idéias e o papel

⁶⁴ MARTIN-BARBERO. *Dos meios às mediações*, p. 148.

do "mediador" na sociedade. Este autor fala que "as palavras não têm braços, nem martelo para dar pancadas". [...] "Esse livro teve impacto". Será que foi arremessado contra as pessoas, como um projétil?⁶⁵

Debray é muito ilustrativo neste sentido, ao afirmar que "a midiologia, enquanto estudo das mediações, jamais poderá esquecer o pequeno intermediário, o terceiro excluído das transmissões, tradicionalmente desdenhado pelos 'grandes pensadores'."⁶⁶ Por essa razão, será utilizado o termo mediador em decorrência de características peculiares a esse tipo de definição, não encontradas no termo intelectual.

Em uma sociedade com grande taxa de analfabetismo e sem a consolidação do rádio enquanto meio de transmissão, o discursar funcionou como forma privilegiada para que o sentido fosse compartilhado entre os habitantes de Bom Sucesso.

Neste sentido, apesar de termos traçado uma história da família Castanheira, procurando sua inserção em uma rede de favores que propiciou a conquista de legitimidade de Júlio Castanheira, não acreditamos que esta seja a única condição exigida para que este mediador discursasse. A busca da legitimidade do orador na cidade de Bom Sucesso é um fator indispensável para que o espaço discursivo seja aberto, mas não é suficiente para garantir o entendimento do discurso. Júlio Castanheira teria a legitimidade ameaçada se não articulasse as características dos dois oradores apresentados por Walter Benjamin, quais sejam: os sentidos sedimentados na tradição em articulação com novos sentidos.

Neste sentido, tentamos apresentar o discursar como momento de compartilhamento de sentido característico de uma sociedade do personalismo, das relações pessoais e das redes de favores.

⁶⁵ DEBRAY. *Curso de midiologia geral*, p. 22

⁶⁶ DEBRAY. *Curso de midiologia geral*, p. 58.

CAPÍTULO 2**JÚLIO CASTANHEIRA: ENTRE LIVROS E PRÁTICAS**

Aprender a ler é a mais difícil das artes (Goethe)
As bibliotecas são um campo de batalha (Paul Bourget)
O livro domina, desfaz, refaz, perde ou salva as existências (Jules Vallès)

A Biblioteca de Júlio Castanheira

É com a epígrafe acima que abriremos este segundo capítulo, que compreende a análise da composição da biblioteca, assim como as leituras de Júlio Castanheira. Estas citações, que apontam para definições de leituras, foram retiradas de livros grifados por Júlio Castanheira.

A comunicação pelo impresso ocupa, nesta pesquisa, um lugar de destaque seja devido à sua indubitável importância como meio de comunicação na sociedade ocidental, seja por ter possibilitado a Júlio Castanheira acessar novos sentidos exteriores aos cristalizados na tradição de Bom Sucesso. Júlio Castanheira deve ter passado muito tempo trancafiado em sua biblioteca pelo número de livros lidos, anotados e também a exigência física que demandava a leitura.

A leitura não era apenas uma prática restrita ao olhar, mas exigia que Júlio Castanheira, com sua habitual espátula, violasse cada folha, pois as folhas vinham coladas. E, como mostraremos ao longo do texto, outras práticas corpóreas eram exigidas na prática da leitura.

O livro é o meio pelo qual é veiculada uma série de mensagens que só existem condicionadas a um circuito comunicacional composto por mensagem, meio e uma pessoa que se apropria desta mensagem. A referência a este circuito acaba por abalar uma certa capacidade atribuída ao impresso, que seria a de reter estático um sentido de um texto escrito em épocas passadas. Como sabemos, esse sentido não é estático,

carregando com o tempo novas atribuições. O controle deste sentido corresponde a um espaço de conflitos encarnados em instituições e práticas sociais.

Este debate é importante, pois se a história da leitura surgiu, como afirma Darnton, da "convergência de diversas disciplinas num conjunto comum de problemas, todos relacionados com o processo de comunicação",⁶⁷ é necessário, então, que esse estudo privilegie uma mensagem, um meio e um receptor, assim, no caso específico dessa dissertação, concentraremos a nossa análise em Júlio Castanheira. Este circuito é indispensável para que a comunicação se realize.

É, no mínimo, instigante acompanhar as práticas de leitura de uma pessoa que morava no interior, sendo-lhe dificultadas formas alternativas de interlocução, tanto pela ausência de meios técnicos, como pela inexistência de um público leitor. Como uma pessoa se apropria de novos sentidos oferecidos pelo impresso? Este parece ser o interesse de Roger Chartier ao afirmar que

A apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Conceber deste modo atenção às condições e aos processos que muito concretamente determinam as operações de construção do sentido é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas [...].⁶⁸

Mas como conhecer estas práticas encarnadas? Talvez a maior dificuldade encontrada nos estudos que buscam analisar as apropriações sejam as fontes. Chartier enumera um conjunto destas que poderiam ser utilizadas pelos historiadores da leitura:

a percepção direta, por ocasião de uma confissão, escrita ou oral, voluntária ou extorquida; o exame dos fatos de reescrita e de intertextualidade onde se anula o clássico corte entre escrita e leitura, já que aqui a escrita é, ela própria, leitura de uma outra escrita; por fim, a análise serial de corpus fechados na medida em

⁶⁷ DARNTON. *O beijo de Lamourette*, p. 109.

⁶⁸ CHARTIER. *A história cultural*, p. 26.

*que a inflexão dos motivos no interior de um dado gênero [...].*⁶⁹

O resgate da leitura através de confissões é extremamente difícil e as fontes mais utilizadas têm sido as listagens de livros encontradas nos inventários, que são insuficientes, pois mostram quais os livros que foram possuídos, mas não se sabe se foram lidos e se alguém deles se apropriou.

As dificuldades de encontrarmos fontes capazes de problematizar a complexidade que é a leitura tornam imensamente valorizado o *corpus* documental que encontramos pertencente a Júlio Castanheira. Este mediador possuía uma biblioteca de aproximadamente 3600 livros que preenchia uma enorme sala de uma casa na rua principal de Bom Sucesso. Nenhum livro foi danificado por traça durante os 30 anos em que a biblioteca se manteve fechada. O veneno "B.H.C." executou bem o seu papel, eliminando qualquer intruso que tentasse invadir a "harmonia" do ambiente, inclusive possíveis pesquisadores.

Júlio Castanheira era muito minucioso no tratamento de sua biblioteca, opondo-se ao pressuposto que afirma que a leitura "raramente deixa marcas."⁷⁰ Júlio Castanheira deixou marcas ao anotar várias informações em seus livros: data e local de aquisição; preço dos livros; além de suas formas de obtenção, por troca ou presente, e, por fim, anotações nas marginais dos livros. Estes destaques nos permitiram resgatar as leituras de Júlio Castanheira, sendo de grande importância em razão da espontaneidade e por favorecerem a problematização do encontro entre o mundo do texto e o mundo do leitor de que trataremos no próximo tópico.

Um aspecto importante, e que merece ser mencionado, é a forma de arquivamento e de organização da biblioteca deste mediador. Esta organização revela muitos aspectos sobre as categorias classificatórias da época e as peculiaridades

⁶⁹ CHARTIER. *A história cultural*, p. 61.

⁷⁰ CHARTIER. *Entrevista*, p. 11.

oferecidas por Júlio Castanheira. A grande dificuldade foi a de elaborar uma metodologia eficiente tanto para a classificação da biblioteca como também para o trabalho com as anotações marginais feitas pelo mediador. A escassez de estudos na área aumentou ainda mais as dificuldades pela impossibilidade de se estabelecer comparações com outros estudos. Infelizmente, as pesquisas que trabalham com as apropriações feitas por um leitor ou comunidades de leitores, no século XX, são praticamente inexistentes, apesar de haver uma teorização muita bem fundamentada que postula as apropriações singulares dos leitores, mas a história da leitura ainda continua carente de estudos empíricos que estabeleçam os limites das interpretações.

Neste sentido, apesar das dificuldades mencionadas, o *corpus* documental encontrado ofereceu-nos a oportunidade, dentro dos limites de uma dissertação de mestrado, de lançar uma série de possíveis entradas nesse acervo singular.

Elaboramos algumas questões metodológicas para tratamento da biblioteca e a primeira refere-se à divisão dos livros. Dividimos a biblioteca não por títulos, mas por autores de cada área, devido à enorme discrepância entre o número de livros escritos por filósofos se comparado aos escritos por literatos. Como exemplo, podemos citar Camilo Castelo Branco que ultrapassava a marca de 100 livros na biblioteca de Júlio Castanheira.

Outro aspecto metodológico refere-se à separação em áreas. Apesar de termos mantido a organização de Júlio Castanheira, nomeamos as partes que compunham a biblioteca segundo os critérios organizacionais que acreditamos terem sido adotados por ele.

A primeira foi uma divisão da biblioteca separada por autores que tratavam dos seguintes temas: filosofia, geografia, livros didáticos, religião, história, filologia,

literatura e ciência popular. O que denominamos de ciência popular refere-se a autores que tentam explicar cientificamente fenômenos do cotidiano.

A segunda divisão denominamos de *Obras instrumentais* que tinha como objetivo ensinar uma determinada língua. Dentre as existentes na biblioteca podemos citar japonês, árabe, sânscrito, tupi, espanhol, italiano, esperanto, inglês, grego, alemão, latim, francês, português, dicionários em geral e reescrita. O processo de reescrita foi tratado mais especificamente pela área de tradução que passa a considerar os fatores ideológicos transmitidos juntamente com a tradução de um texto. No próximo capítulo, analisaremos estes livros que possuíam enorme importância na fixação de uma determinada leitura. E, ao mesmo tempo, na sua canonização compondo, assim, os livros que os manuais da época classificavam como "boa literatura".

Na terceira e última divisão separamos os livros de literatura por língua, resultando nas seguintes categorias: português, francês, alemão e inglês.

Em relação às questões metodológicas, é necessário mencionarmos que serão duas as classificações da biblioteca de Júlio Castanheira, que acabam por se cruzar. Mostraremos os dados das quantificações em gráficos e também fotos tiradas da biblioteca.

Passaremos a mostrar a primeira divisão. Os resultados encontrados foram os seguintes: 35 autores escreviam sobre filosofia; 43 sobre geografia; 55 sobre psicologia; 79 sobre livros didáticos; 89 sobre ciência popular; 90 sobre religião; 165 sobre história; 459 sobre filologia e 657 sobre literatura.

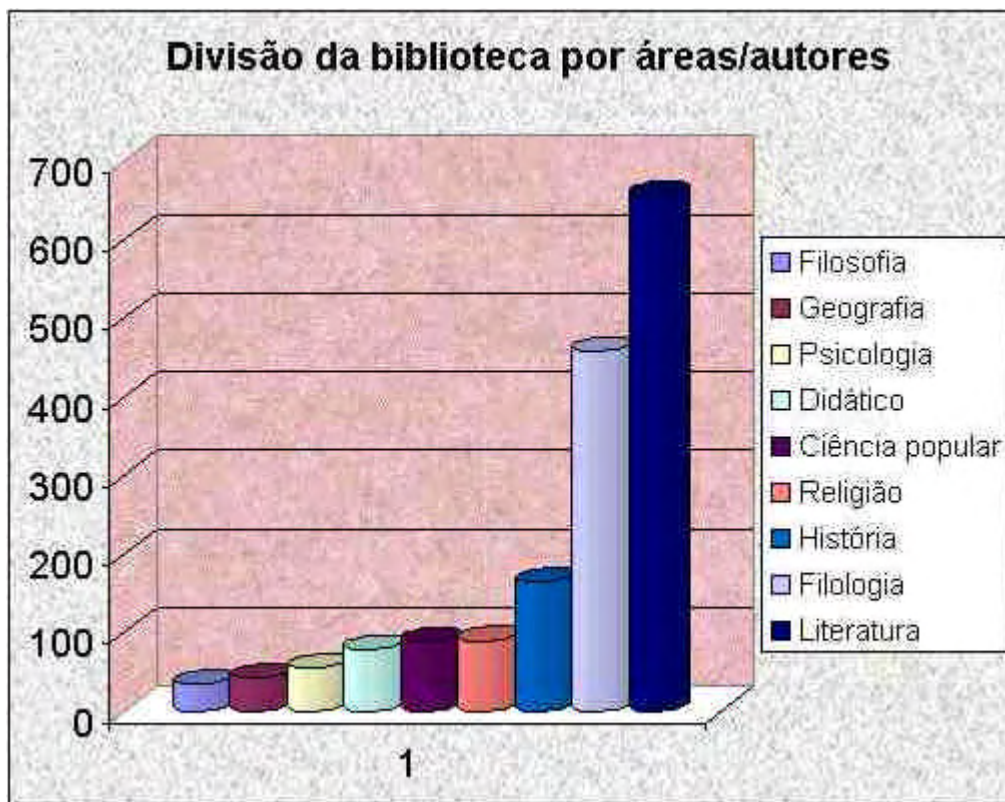


GRÁFICO 1 – Biblioteca de Júlio Castanheira.

AS DIVISÕES DE JÚLIO CASTANHEIRA



FOTO 1 – Biblioteca de Júlio Castanheira

A parte da biblioteca mostrada na foto acima é dividida em quatro colunas com 8 prateleiras em cada coluna. A primeira coluna, da esquerda para a direita, era dedicada à história, incluindo os livros didáticos. Dentre estes poderíamos destacar: Coelho Netto, Olavo Bilac, Rocha Pombo, Afrânio Peixoto, Haddock Lobo Filho, Pedro do Couto, Tito Lívio Ferreira. É importante ressaltar que um dos critérios para publicar livros didáticos, nessa época, relacionava-se à vinculação com importantes instituições existentes no período. Poderíamos destacar o Instituto Histórico e Geográfico, o Colégio Pedro II, o Centro D. Vital e a Liga de Defesa Nacional. No capítulo 3, estudaremos as características dessas instituições inserindo-as no ambiente de produção de discursos de interpretação do Brasil.

Voltando à composição da biblioteca de Júlio Castanheira, podemos notar que apenas a última prateleira de cima para baixo não possuía livros de história, sendo ocupada por revistas encadernadas.

Dentre os autores que escreviam sobre história, destacamos os seguintes: 25 livros escritos por César Cantu; 03 por Pandiá Calógeras; 10 por Rocha Pombo (ver a Quinta prateleira de cima para baixo, os livros pretos); 24 por Afonso Celso; 01 por Alberto Torres; 09 por Rui de Pina; 12 por João de Barros; 04 por Frei Brito Bernardes; 04 por Tomas Henri Buckle; 01 por Fernão Cardim; 05 por Diogo do Couto; 01 por Tito Lívio Ferreira; 20 por Afrânio Peixoto; 6 por Jônatas Serrano; 05 por Varnhagen; 01 por Nina Rodrigues; 01 por José Veríssimo; 23 por João Ribeiro.

A segunda prateleira, da esquerda para a direita, é dedicada às chamadas ciências naturais. Destacam-se livros como o de Camille Flammarion: *Les mondes imaginaries et les mondes reels*; *Les Terres du Ciel*; *Sonhos estelares*; *Uranio*; *Fim do mundo*; *Iniciação astronômica*; *Les étoiles et les curiosites du ciel*; são 25 livros desse autor.

Outros autores: Krummell, que escreveu *Handbuch der Oceanographie*; Brewer C., autor de *La chef de la science*; Bricarelli, que escreveu o livro intitulado *Letture popolai d'astronomia*; Ludwig Busse, autor de *Concepção do universo*. Exatamente na quarta prateleira, de baixo para cima, estão os livros "proibidos". Júlio Castanheira separou uma prateleira para um conjunto de livros a que atribuímos a denominação de "proibidos". Mas o que esses livros possuíam em comum e qual a justificativa para receberem tal denominação? Este conjunto de livros foram classificados, segundo a definição de Júlio Castanheira, como deterministas. Apesar de termos obedecido a esta denominação de Júlio Castanheira, sabemos que existem, dentre os autores citados, deterministas, evolucionistas e positivistas. Todos os livros que se reuniam nessa prateleira tinham em comum, além das teorias em que se amparavam, um grande número de comentários raivosos feitos por Júlio Castanheira. Estes autores que compunham essa prateleira, juntamente com as anotações feitas por Júlio Castanheira

nestes livros, serão analisados no tópico *As leituras de Júlio Castanheira* para que não atrapalhem a apresentação da biblioteca.

Deste modo, a terceira prateleira é dedicada a registrar livros da religião católica. Inúmeras bíblias, *A Providência de Maria* de Lecourieux; *Palavras de fé* de Leão; *Heresia protestante* de Carlos de Laet; *Olhando Jesus* de José Lopes Ribeiro; *Epitome historie sacrae* de Lhomond; *Imagem da vida cristã* de Frei Heitor Pinto; *História dos Hebreus* de Flávio Josef; dentre outros.

A quarta, e última prateleira, dessa parte da biblioteca, é dedicada a outras religiões e ao misticismo. Nesta seção, podemos encontrar: *Dynamismo espiritual* de Padre Lourenço; *A sciencia indu: Raja Ioga* de Yogi Ramacharaka; *Como fazer-se Yoga* de Abhedananda; *Filosofias e religiões da índia* de Lorenz. Os livros dedicados a *Rosa Cruz* ocupam um lugar expressivo na biblioteca de Júlio Castanheira.

Após a apresentação desses livros, qualquer conclusão pareceria óbvia como a existência de uma grande diversidade de temas contendo desde livros católicos como os vários de filosofia oriental.

Um aspecto curioso é que não encontramos nenhum livro da chamada "geração de 30", na biblioteca, e também nenhum livro de poetas, como Carlos Drummond de Andrade. Tanto os gêneros literários como as divisões de épocas são definidas posteriormente, tentando enumerar caracterizações para as mesmas. Infelizmente, o critério utilizado para essas caracterizações refere-se à data de publicação de uma obra e, muitas vezes, essas obras não foram reconhecidas na época em que foram produzidas.

Um exemplo pode esclarecer melhor a questão apresentada acima. Quando nos perguntamos quais os autores mais representativos que escreviam sobre história na década de 1930 no Brasil, os nomes de Sérgio Buarque de Hollanda e Gilberto Freyre são inevitáveis. Mas o reconhecimento desses autores refere-se muito mais a um tipo de

público universitário que propriamente leitores comuns na década de 30. Como esta dissertação se preocupa com as apropriações e um conjunto de imagens e sentidos cristalizados na sociedade, alguns autores canonizados acabam não sendo relevantes para a pesquisa na época tratada. Neste sentido, apesar de Olavo Bilac e Coelho Neto publicarem na década de 20, esses autores ainda continuavam sendo indicados entre os anos 1930-1954 como livros didáticos para as escolas.



FOTO 2 - Biblioteca de Júlio Castanheira

A prateleira que ocupava o maior espaço, na vertical, é dedicada às edições baratas. É interessante notarmos que estas edições foram encadernadas com um material parecido com cartolina, em contrapartida a “boa literatura”, que ocupava a parte superior da prateleira, recebeu uma encadernação de capa dura. As edições baratas tiveram ampla difusão nos folhetins: Pérez Escrich com 43 livros – considerado como o "cicerone dos corações que soletravam"⁷¹; 14 de Alexandre Dumas; 97 de Emílio

⁷¹ MARTINS. *História da inteligência brasileira*, p. 408.

Salgari; 10 Walter Scott; 8 de Terrail Ponson; 4 de Ali Said; 117 Camilo Castelo Branco; 02 de Emily Brontë; 2 de Emílio Zola.

A parte superior, localizada acima da janela, trata-se de uma coleção de livros de padre Antônio Vieira, além de outros autores que escreviam sobre teatro.



FOTO 3 - Biblioteca de Júlio Castanheira

A última parte da biblioteca de Júlio Castanheira, representada pela foto acima, resgatava análises literárias e as obras instrumentais.

A divisão que foi estabelecida como literatura possui algumas subdivisões internas. Uma dessas pode ser explicada pelo fato de Júlio Castanheira ter estudado as primeiras letras com seu tio que estudara no Caraça, como é possível mencionar: 48 livros de Victor Hugo; 10 de Vergílio; 14 de Camões; 10 de René François de Chateaubriand; 2 de Tácito; 6 de Ovídio; 2 de Boccaccio; 2 de Homero; 2 de Dante Alighieri. Esse tipo de literatura, que poderia ser classificada como clássica, correspondia a um conhecimento muito valorizado na época, pertencendo ao programa

das escolas que era utilizado como recurso retórico. Júlio Castanheira menciona a importância dos autores clássicos em um discurso pronunciado em Bom Sucesso:

*Era meu desejo ardente possuir, nesta hora, a eloquência de Cícero ou de Demóstenes esses formidáveis tribunos da antiguidade clássica, ou então o poder miraculoso de externar o seu pensamento com as galas estilo de Chateaubriand que nos prende, nos arrastas nos seduz e nos encanta, quando temos a felicidade de ler *Les Martyrs*, essa obra imortal, encantadora e sublime, para poder de maneira cabal dar desempenho à missão, de que fui investida.⁷²*

Consideramos, nesta pesquisa, autores pertencentes à filologia todos que escreveram manuais de como redigir, ler e “aprender sem mestre”, não se restringindo apenas à língua portuguesa. Além desta língua, existiam as seguintes: francês, latim, alemão, grego, inglês, esperanto, italiano, espanhol, tupi, sânscrito, árabe e japonês. Outros livros, que também podem ser registrados como pertencentes à *filologia*, são os que ensinavam como ler ou analisar um texto que denominamos, nesta dissertação, como reescrita.

Júlio Castanheira possuía 456 autores dedicados à filologia. Este número pode ser explicado em decorrência de Júlio Castanheira estar formulando um dicionário contendo o significado de palavras em várias línguas.

Denominamos obras instrumentais aquelas que se propõem o ensino de alguma especialidade, neste caso específico de uma língua. A biblioteca de Júlio Castanheira possuía a seguinte distribuição de obras instrumentais: 271 livros para o português; 95 para o francês; 72 para o latim; 65 para a reescrita; 55 para o alemão; 39 para o grego; 30 para o Inglês; 23 para o esperanto; 19 dicionários restritos ao português; 16 para o italiano; 11 para o espanhol; 07 para o tupi; 04 para o sânscrito; 3 para o árabe; 01 para o japonês.

⁷² CASTANHEIRA. *Discurso 34*.

Um dado interessante nesta divisão é que Júlio Castanheira não possuía nenhum livro em japonês, árabe, tupi e esperanto, mas guardava um número considerável de livros que ensinavam essas línguas. A citação de trechos em língua estrangeira funcionava como um recurso retórico que conferia legitimidade e fortalecia a imagem de Júlio Castanheira como mediador. Esta foi a análise feita por Maraliz Christo ao estudar um grupo de intelectuais autodidatas, dentre eles Gilberto de Alencar e Estevan de Oliveira. Nas palavras de Christo:

As palavras e expressões latinas em meio a textos de língua portuguesa, quer escrita, quer oral, constituir-se-iam numa espécie de “signum social por excelência”, responsável por efetivar uma diferença e, ao mesmo tempo, legitimar a decantada diferença entre a classe dominante e proletariado. Assim, os elementos das camadas médias urbanas, que buscaram ingressar na “intelectualidade” fugindo do ônus do trabalho manual, utilizaram do latim como mecanismo cultural capaz de distinguir uma elite, portadora de um conhecimento não puramente utilitário, antes “de luxo”. Se o latim era aprendido nas escolas, a exemplo do Caraça, aqueles que não tiveram a oportunidade de freqüentar suas salas de aulas, se dedicaram ao estudo do latim, por conta própria, objetivando, assim, se aproximar de uma cultura erudita, reservada aos que, desde cedo, se curvavam às disciplinas na escola e, em contrapartida, se distanciando da cultura popular, característica dos que — como eles — foram excluídos da escola.⁷³

Essa parece ter sido a situação de Júlio Castanheira, que aprendeu diversas línguas com um conjunto de manuais, não tendo, entretanto, livros dessas línguas.

⁷³ CHRISTO. A “Europa dos pobres”, p. 40.

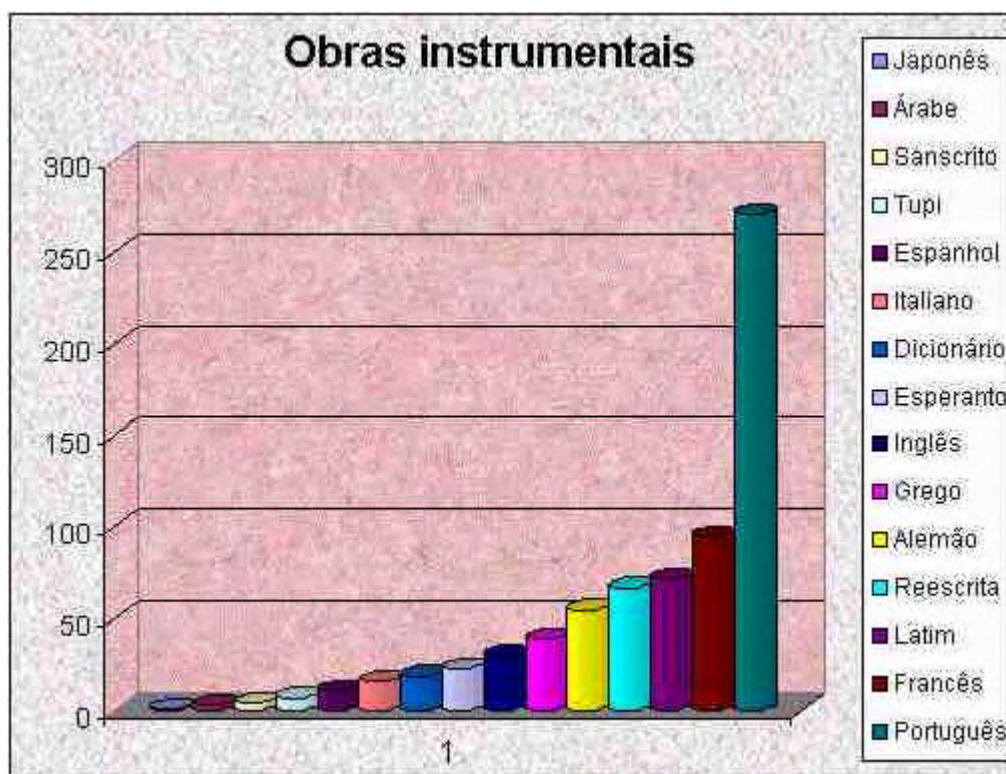
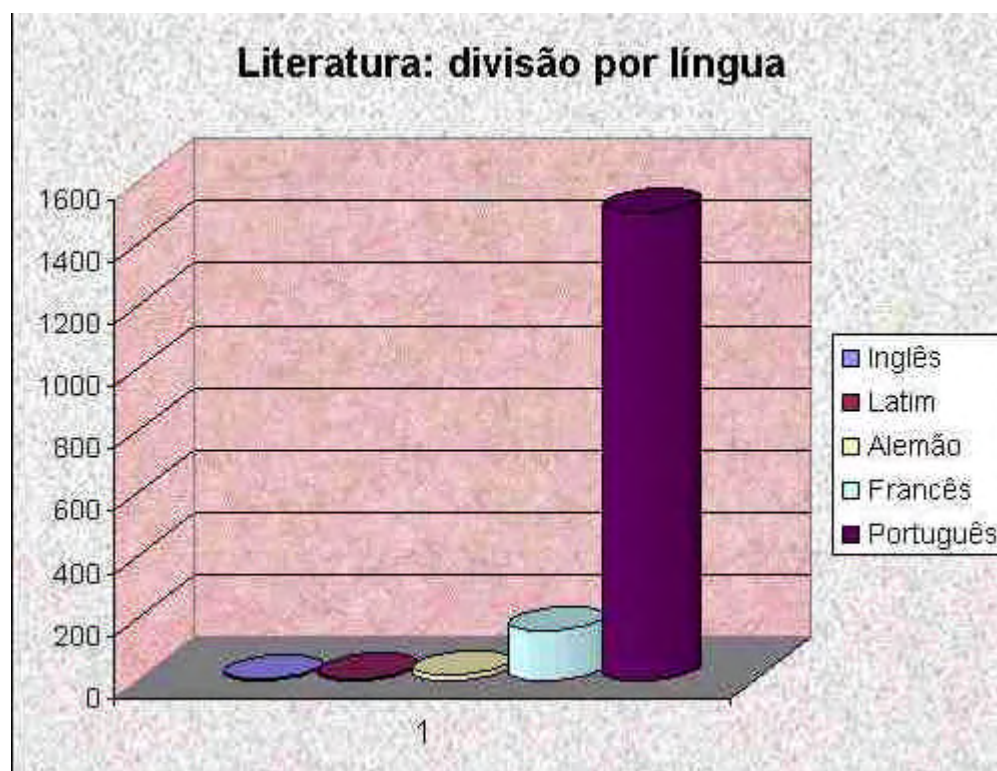


GRÁFICO 2 – Biblioteca de Júlio Castanheira

Ao analisarmos os livros de literatura existentes na biblioteca de Júlio Castanheira e ao efetuarmos uma divisão por língua, notamos a seguinte distribuição: 1500 livros para o Português; 158 para o Francês; 15 para o Alemão; 06 para o Latim; 05 para o Inglês.

**GRÁFICO 3**

Ao analisarmos este gráfico, percebemos um aspecto que corrobora o entendimento da atuação de Júlio Castanheira. Existem 95 livros relacionados com a aprendizagem do francês, tendo 158 livros de literatura em francês, nada mais coerente. Mas, quando analisamos o número de livros dedicados à aprendizagem do latim, deparamo-nos com 72 livros, sendo que na biblioteca existem apenas 6 livros escritos em latim. O mesmo acontece com outras línguas como: esperanto, italiano, espanhol, tupi, sânscrito, árabe e japonês. Talvez a inexistência de obras em algumas línguas deva-se à dificuldade de encontrarmos, no Brasil, livros nessas mesmas línguas.

Esta foi uma apresentação panorâmica da composição da biblioteca de Júlio Castanheira, passaremos, agora, à análise de um conjunto de marcas feitas por esse mediador.

As leituras de Júlio Castanheira

Repudiai com asco de vossas bibliotecas todos e quaisquer livros que versem sobre materialismo, que tenta, com a ganância de miserável avaro, destruir, aniquilar os mais sublimes ensinamentos de Moisés e Jesus. Kozeritch, Dantec, Guilhaume, Bückner, Vogt, Taine e cavalgadas que tais emprestaram a ciência, desvirtuando-a do que tem de sublime: o amor e crença em Deus.⁷⁴

Este tópico estrutura-se em três partes cujo objetivo é o de responder como Júlio Castanheira se apropriou de um conjunto de livros lidos no período de sua vida e, ao mesmo tempo, como este mediador teve contato com novos sentidos exteriores ao da tradição de Bom Sucesso, como o conjunto de livros se fundiu à experiência cotidiana desse intelectual e, depois desse contato, livro e texto tornaram-se outros.

Para respondermos a esta complexa questão, na primeira parte do tópico mostraremos os contornos teóricos desta problemática, situando autores e correntes que trabalharam a inserção do leitor como objeto de estudo. Passaremos, então, à segunda parte, demonstrando empiricamente as relações entre as problematizações teóricas sobre a leitura e nosso objeto de pesquisa. Somente na terceira parte tentaremos fechar os caminhos propostos pela primeira e segunda partes, relacionando as peculiaridades do nosso sistema literário brasileiro, do conceito de leitura existente na época, das práticas de leitura que esse sistema literário e o conceito de leitura conformaram e a inserção de Júlio Castanheira nessa complexa rede.

⁷⁴ CASTANHEIRA. *Discurso 24*.

No campo específico da *História da leitura e práticas de leitura*, destacam-se Roger Chartier e Robert Darnton, que trouxeram novas contribuições para a História. Chartier, por exemplo, considera que a História só possui valor na medida em que estabelece um diálogo com outras disciplinas. Para ele, no campo da *história da leitura* o encontro teria sido

imediate e evidente tanto com a crítica literária [pelo menos aquela que enfoca a recepção das obras] como com a filosofia [pelo menos aquela que se inscreve numa perspectiva fenomenológica e hermenêutica].⁷⁵

Os termos "crítica literária" e "filosofia", usados por Chartier, são abrangentes e, por isso, iremos decompô-los. Com o objetivo de iniciarmos a discussão, lançaremos uma questão: como ocorria o encontro entre o mundo do texto e o mundo do leitor? Ou seja, como Júlio Castanheira leu seus livros? O livro possuía um horizonte de expectativa que se encontrava com o horizonte de expectativa de Júlio Castanheira? Em outras palavras, esta dissertação não seria completa se não contemplasse os anos de debate sobre o encontro do mundo do texto e o mundo do leitor.

Paul Ricoeur será nossa porta de entrada. Este autor, por exemplo, construiu uma teoria da leitura "apoiando-se, por um lado, na fenomenologia do ato de ler; por outro lado, na estética da recepção".⁷⁶

O objetivo visado era duplo: pensar a efetivação do texto na sua leitura como a condição para que se revelem as possibilidades semânticas e se opere o trabalho de refiguração da experiência; compreender a apropriação do texto como uma mediação necessária à constituição e à compreensão de si.⁷⁷

Paul Ricoeur baseava-se na Estética da recepção, mas qual é a inserção dessa corrente para pensarmos o encontro entre o mundo do texto e o mundo do leitor e, ainda, qual o lugar ocupado pela Estética da recepção na História da literatura? A

⁷⁵ CHARTIER. *Entrevista*, p. 8.

⁷⁶ CHARTIER. *Entrevista*, p. 8.

⁷⁷ CHARTIER. *A história cultural*, p. 24.

História da literatura tem percorrido uma longa tradição de debates e amadurecimentos significativos. Poderíamos, de forma esquemática, apresentar pelo menos três escolas da História da literatura. A Teoria crítica, baseada nos preceitos de Theodor W. Adorno nas áreas de filosofia e estética, se recusa a analisar o impacto da obra, "considerada objeto independente dos constrangimentos sociais"⁷⁸. Escreve Hohendahl:

O leitor, espectador ou ouvinte não aparece como uma categoria independente determinando a obra, porque Adorno nunca questiona o ato hermenêutico da interpretação. A competência daquele é tomada como certa; o recebedor é sempre uma construção ideal que, assim, não pode violar o texto. Se não for esse o caso — como nas relações entre a vanguarda e a massa — então a culpa por essa incompatibilidade recai sobre o público [...].⁷⁹

Nas décadas de 30 e 40, outra escola, o New criticism, obteve grande influência, principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos. Esta escola percebia a obra de arte como autônoma, sendo importante analisar apenas os fatores internos à mesma. "Os estudos sobre o leitor são classificados como extrínsecos, em contraste com a abordagem intrínseca, que focaliza o fenômeno estético-literário em si mesmo".⁸⁰

A Fenomenologia, como o New criticism, também considera o leitor e o autor exteriores e, por isso, incapazes de produzir uma interferência no texto, não merecendo, essas duas instâncias, serem objeto de descrição. É importante ressaltarmos, entretanto, a importância do trabalho de Wolfgang Iser, que sugere que o texto possui uma estrutura de apelo e, por causa disto, o leitor passa a ter um papel fundamental no estudo da obra.

Desta maneira, se a fenomenologia associada às pesquisas de Ingarden é avessa a uma teoria da literatura que considere o leitor um fator básico do processo artístico, seus desdobramentos vieram a se opor à origem, ainda que não contradigam as idéias principais,

⁷⁸ Zilberman. *Estética da recepção e história da literatura*, p. 14.

⁷⁹ HOHENDAHL. Introduction to Reception Aesthetics. apud: Zilberman. *Estética da recepção e história da literatura*, p. 14.

⁸⁰ HOHENDAHL. *op. cit.*, p. 33. apud: Zilberman. *Estética da recepção e história da literatura*, p. 14.

*conforme se observa no trabalho de Iser.*⁸¹

A importância da Estética da recepção, que teria influenciado Paul Ricoeur, foi a de introduzir o leitor como instância a ser estudada pela História da literatura. Robert Jauss lançou as bases da Estética da recepção. Nas palavras de Sérgio Alcides, esta provocação foi feita, propositadamente, com "vara curta". "Como desafiar os limites de uma disciplina acadêmica tão rígida, tão impregnada das "boas tradições" do século XIX, sem correr riscos"?⁸²

Jauss não só pronunciou uma conferência "provocativa", como nos afirma Wolfgang Iser, tanto que "as causas dessa mudança na tradição [o surgimento da Estética da recepção] baseiam-se, de um lado, na experiência da modernidade, e, de outro, na revolta estudantil".⁸³

Jauss inaugurou uma nova perspectiva para o estudo da História da literatura: o nascimento do leitor. Com suas teses, publicadas em *História da Literatura como provocação à Teoria Literária*, fundou um novo paradigma para a História da literatura.

Segundo a Estética da recepção, existem fatores internos e externos capazes de influir na recepção de uma obra. Note-se que o que chamamos quotidianamente de recepção, a Estética da recepção designa como "efeito". O "efeito" seria "a resposta ou reação motivada pelo texto no leitor; pode significar igualmente o impacto causado no sistema estético ou histórico de um dado período"⁸⁴ e a recepção seria a análise do conjunto de efeitos de uma obra durante um período histórico. Toda época possuiria, então, um *horizonte de expectativa*, definido por R. Holub como:

sistema intersubjetivo ou estrutura de espera, um 'sistema de referências' ou um esquema mental que um indivíduo hipotético pode trazer a qualquer texto". Uma das tarefas da estética da recepção é a

⁸¹ ZILBERMAN. *Estética da recepção e história da literatura*, p. 14.

⁸² ALCIDES. *Histórias da Literatura como provocação*, p. 4.

⁸³ ISER. *O ato da leitura*, p. 9.

⁸⁴ ZILBERMAN. *Estética da recepção e história da literatura*. Vocabulário crítico.

*reconstrução desse horizonte, a fim de esclarecer o relacionamento da obra com o público.*⁸⁵

Toda obra, quando surge, está inserida em um horizonte de expectativa, seja reafirmando o horizonte ou negando-o. Uma obra de arte, mesmo quando é representante de um novo horizonte de expectativa, carrega consigo elementos do horizonte de expectativa pré-existente, ou seja, a capacidade de posicionamento mesmo que seja o de não identificação.

*Ademais, a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a "meio e fim", conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral de compreensão vinculado, ao qual se pode então, — e não antes disso —, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores.*⁸⁶

"Ela desperta a lembrança do já lido", pensando aqui o conceito amplo de leitura que não se restringe à decodificação de símbolos na página impressa, mas também em uma leitura da realidade. Desse ponto de vista, afirma Jauss, há a possibilidade de se pensar na Literatura não apenas como uma representação tipificada da sociedade reduzida a três termos: idealizado, satírico ou utópico.

*A função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social.*⁸⁷

O conceito de horizonte de expectativa de uma época seria, então, um conjunto de discursos sociais, sejam eles de coerção ou resistência, difundidos à sociedade.

A obra literária está inserida em um circuito com categorias coercitivas que tentam controlar o sentido do texto. Podemos considerar a obra literária como portadora

⁸⁵ ZILBERMAN. *Estética da recepção e história da literatura*. Vocabulário crítico.

⁸⁶ JAUSS. *A história da literatura como provocação a teoria literária*, p. 28.

⁸⁷ JAUSS. *A história da literatura como provocação a teoria literária*, p. 50.

de um discurso social que tem imensa importância na ausência de outros meios de comunicação de massa e, justamente por isso, existe a tentativa de se controlar este discurso. Assim, quando Júlio Castanheira lia qualquer livro presente na sua biblioteca tinha contato com um conjunto de estratégias coercitivas contidas nos prefácios ou em comentários feitos por críticos.

Poderíamos mencionar, por exemplo, que o horizonte de expectativa pode ser verificado historicamente através do efeito de uma obra em um determinado público. Quando uma obra de arte responde a questões postas pelo horizonte pré-existente ou é capaz de colocar novas questões para a sociedade, esta obra é portadora de um novo horizonte.

Esta imagem pode ser verificada historicamente por meio da reação de um público e do juízo da crítica. Apesar de Jauss contribuir de forma decisiva para discussão sobre a leitura, ao incluir o leitor em sua análise, parece não saber como resgatar as leituras do juízo da crítica e de uma categoria tão abrangente como um público. O próprio Jauss reconheceu as limitações dos seus conceitos, como nos mostra Olinto:

Menos de uma década depois, o próprio autor reconhece, explicitamente, a limitação de seus conceitos e aponta a ausência da esfera social como lacuna de sua construção teórica. Jauss considera, então, o estudo crítico dos processos recepcionais tributário do saber histórico, porque as concretizações do texto literário precisam ser explicadas pelo contexto histórico e social da recepção.⁸⁸

Poderíamos resumir a duas as críticas mais recorrentes feitas à Estética da recepção. A primeira pela Estética da recepção não considerar a materialidade dos textos:

As diferenças que esses historiadores podem estabelecer em relação às abordagens literárias e filosóficas prendem-se a dois elementos: o

⁸⁸ OLINTO. *Histórias da Literatura*, p. 28.

*primeiro remete à materialidade dos textos. Contra todas as formas de abstração dos textos estudados, lidos, comentados independentemente das modalidades de sua inscrição e de sua comunicação, é necessário lembrar, parece-me, que a significação das obras dependem também das formas que as transmitem a seus leitores e a seus ouvintes.*⁸⁹

A segunda acusa a Estética da recepção de não considerar leitores diferentes na mesma sociedade

*Por outro lado, contra todas as formas de abstração do leitor ou, dizendo melhor, de 'etnocentrismo' da leitura, que supõe comuns a todos os leitores práticas que são, na verdade, absolutamente específicas — por exemplo, aquelas do crítico literário ou do filósofo hermeneuta... —, devemos lembrar que a leitura tem uma história e uma sociologia. É pois necessário reconstruir as competências, as técnicas, as convenções, os hábitos, as práticas próprias a cada comunidade de leitores [leitoras].*⁹⁰

As recorrentes críticas efetuadas à Estética da recepção, como estas feitas por Roger Chartier, afirmam que a Estética da recepção "supõe comuns a todos os leitores práticas que são, na verdade, absolutamente específicas". A Estética da recepção trabalharia, portanto, com o que se convencionou denominar "leitor ideal", que seria um leitor hipotético, sem constatação empírica.

Sem sombra de dúvida, os trabalhos de Roger Chartier são importantes na medida em que historicizam o leitor, mas este leitor também não é uma construção ideal? Um leitor sufocado no volume de livros quantificados nos arquivos? É necessário que se faça um estudo mais pontual sobre os leitores, pois não basta resgatarmos leitores nem nos discursos sobre a leitura, nem em quantificações exaustivas de bibliotecas. O estudo em uma perspectiva micro é o único que nos oferece realmente a possibilidade de resgatar as disputas de forças existentes entre as "estratégias" das editoras, do controle do sentido, e "as astúcias" do indivíduo que procura escapar destas coerções.

⁸⁹ CHARTIER. *Entrevista*, p. 8.

⁹⁰ CHARTIER. *Entrevista*, p. 8.

Os estudiosos da História da leitura, das mais diferentes áreas, que acreditam conseguir resgatar o leitor através dos discursos sobre leitura em uma determinada época, desconsideram todas as complexidades que são inerentes à leitura. Não descartamos os ganhos efetuados pelos trabalhos de Roger Chartier ao quantificar bibliotecas em busca de leitores, mas os mesmos acabam invisíveis na aplicação deste tipo de metodologia.

Além do leitor ideal — problema que não é exclusividade da Estética da recepção —, a materialidade dos textos surge como um divisor de águas entre estas duas disciplinas tão próximas. O trabalho de D. F. Mackenzie é usado, pelos Historiadores da Leitura, como "pedra de toque" para demarcar a importância da materialidade dos textos. Infelizmente, este autor ainda não foi verdadeiramente debatido pelos Historiadores, como também não o foram os preceitos da Estética da recepção.

Talvez o que percebemos seja apenas uma confusão de terminologia — um aspecto caro à abrangência do termo História da Leitura. Não podemos deixar de descartar, entretanto, valiosos trabalhos que se dedicaram ao resgate do leitor, quais sejam: Robert Darnton, em "Os leitores respondem a Rousseau: a fabricação de sensibilidade Romântica", capítulo do livro *O Grande massacre dos Gatos*; Peter Burke, em *As fortunas d'o cortesão*.

Apontamos essas limitações no trabalho de Jauss, mas quais foram os ganhos fornecidos por esse autor? Além de inserir o leitor como instância de estudo para a História da literatura, Jauss abordou muito bem a atualização do livro com o ato da leitura e esclareceu que o sentido de um livro não estava fixo no texto, precisando, portanto, de um leitor para atualizá-lo. "Diferentemente do acontecimento político, o

literário não possui conseqüências imperiosas, que seguem existindo por si só e das quais nenhuma geração poderá mais escapar".⁹¹

Esta constatação é muito importante por revelar grupos diferentes de leitores na mesma sociedade — "a comunidade interpretativa" de Fish e, coincidência ou não, a "comunidade de leitores" de Roger Chartier.

Com a obra de Jauss, descobrimos também que um texto desperta o já lido e que um livro, a partir de sinais, refere-se a outros livros. "Vergílio descobriu, segundo Pope, que seguir a natureza era em última análise a mesma coisa que seguir Homero".⁹² Sem dúvida, o conceito de horizonte de expectativa é muito útil para pensarmos o mundo do texto, permitindo que os especialistas reconheçam as referências em um conjunto de obras produzidas anteriormente.

Um problema deve ser colocado no momento: existe uma teoria muito bem estruturada quando se refere ao horizonte de expectativa da literatura. Uma obra que passa a dialogar com um conjunto de obras anteriores. Mas e quando existe o encontro do horizonte de expectativa da obra com o horizonte de expectativa do leitor? Quais os contornos do horizonte de expectativa formado pelo conjunto de livros marcados por Júlio Castanheira? Durante o período em que Júlio Castanheira leu seus livros, algum deles conseguiu produzir uma ruptura com o horizonte constituído? E quais seriam os traços do sentido dominante da época? Acreditamos que a obra de Jauss é fundamental para discutirmos essas questões e, para sanarmos a indefinição que permeia o conceito de horizonte de expectativa, escolhemos o leitor Júlio Castanheira.

O objetivo é justamente analisar como Júlio Castanheira atualizou um conjunto de imagens difundidas pela literatura. Uma vez que a biblioteca de Júlio Castanheira possuía mais de 3600 livros, decidimos recortar, então, um conjunto de livros para

⁹¹ JAUSS.. *A história da literatura como provocação a teoria literária*, p. 26.

⁹² FRYE.. *Anatomia da crítica*, p. 98.

resgatarmos as leituras efetuadas por esse mediador. Três grandes temas serão analisados nessa segunda parte do capítulo: o conceito de leitura na época (que abordaremos analisando os compêndios que ensinavam a ler e que estaremos confrontando com as marcas de Júlio Castanheira); o segundo tema a ser analisado serão os autores "proibidos", que, por sua vez, se relacionam com o terceiro tema, a concepção de literatura para a época.

Mas o que era leitura na época? Analisaremos, primeiramente, um conjunto de textos grifados por Júlio Castanheira mostrando as práticas de leitura feitas por este mediador, comparando-as aos manuais de leitura, e as observações e grifos feitos por ele. É importante ressaltarmos que só aparecerão, citados nesse texto, trechos que receberam as marcas de Júlio Castanheira e, quando houver comentários que tenham sido efetuados por esse intelectual, os mesmos serão colocados em nota com o termo *Notas Marginais*.

Começaremos a analisar o conceito de leitura pelo livro *A Formação do estilo pela assimilação dos autores*⁹³, de Antônio Albalat, que foi escrito em 1924, e o próprio título já mostra indícios de um conceito de leitura. Ler seria estudar linha por linha de uma obra literária. A leitura teria por função ensinar a escrever e, ao mesmo tempo, alimentar a alma, oferecendo a possibilidade de assimilar o estilo do autor. Albalat se pergunta: "Que autores se devem ler? Segundo Plínio, 'é preciso ler muito os autores, mas não muitos autores', o que significa que 'Só se devem ler livros bons'. O perigo de se ler muitos livros seria o "risco de cair em reminiscências".⁹⁴ O conceito de leitura, para esse autor, é abstrato, parecendo aproximar-se do conceito de livros canonizados:

Façamos dos grandes escritores do nosso país a base da nossa educação literária.

⁹³ ALBALAT. *A formação do estilo pela assimilação dos autores*. 1928.

⁹⁴ ALBALAT. *A formação do estilo pela assimilação dos autores*, p. 27.

*Leiamos os clássicos, porque são os nossos mestres, porque escreveram na nossa língua, porque a nossa literatura veio deles e, finalmente, porque é o único meio prático de aprender a escrever.*⁹⁵

Júlio Castanheira, além de grifar este trecho acima, escreveu ainda a expressão "muito bem!"⁹⁶ ao lado da citação. Mesmo com as anotações marginais e os grifos, é difícil falar das influências do compêndio de Albalat em Júlio Castanheira, mas é importante mencionarmos dois indícios. O primeiro é que Júlio Castanheira parece não discordar da proposta deste autor, mas não se incomoda em ler uma grande diversidade de livros. A leitura linha a linha parece ter sido seguida por Júlio Castanheira, pois todas as palavras dos textos lidos por esse intelectual possuíam marcas na parte de baixo. Essas marcas parecem refletir o ato de contar sílabas, estabelecendo métricas.

Júlio Castanheira deixou marcações em outro livro de Albalat, *A arte de escrever ensinada em vinte lições*, correspondente à 7ª edição de 1944. Albalat se dedicou a discutir a leitura na terceira lição. Neste livro, o autor tem uma nova proposta para uma "boa leitura". A leitura dissiparia a monotonia, sendo que muitos literatos nunca se entregam "ao trabalho sem ter lido algumas páginas de um grande escritor".⁹⁷ No livro *A arte de escrever ensinada em vinte lições*, Albalat condena a leitura de apenas um autor, pois "faz cair no pasticho e transfunde-nos os defeitos de um escritor".⁹⁸ E, ainda, "ler muito, ler todos os bons autores, que possamos ler".⁹⁹

Mas como se deve ler? Segundo este autor,

ler, sem tomar notas, é como se nada se houvesse lido. Decorrido seis meses, não vos lembrareis do que lestes.

*Devorarmos tudo, vermos desfilar tudo, não nos determos em coisa nenhuma, é trabalho indigesto e confuso.*¹⁰⁰

⁹⁵ ALBALAT. *A formação do estilo pela assimilação dos autores*, p. 37.

⁹⁶ Notas marginais. ALBALAT. *A formação do estilo pela assimilação dos autores*, p. 37.

⁹⁷ ALBALAT. *A arte de escrever ensinada em vinte lições*, p. 28.

⁹⁸ ALBALAT. *A arte de escrever ensinada em vinte lições*, p. 28.

⁹⁹ ALBALAT. *A arte de escrever ensinada em vinte lições*, p. 29.

¹⁰⁰ ALBALAT. *A arte de escrever ensinada em vinte lições*, p. 36.

Júlio Castanheira parece concordar com a funcionalidade das anotações e ainda grifa "A verdadeira memória consiste, não no recordar, mas em ter, ao alcance da mão, os *meios de encontrar*".¹⁰¹ Ele utilizava-se dos próprios livros para ter sempre ao alcance da mão os seus sentidos.

A leitura tem também como função ensinar a escrever. Guerreiro Murta, no livro *Como se aprende a redigir*, publicado em Lisboa, afirma que a língua seria o "dote mais sagrado que a nossa terra e os nossos país nos legaram"¹⁰². Este livro, publicado em 1950, possuía forte apelo emocional e foi escrito para alunos que estavam começando a escrever. Segundo Guerreiro Murta, a primeira palavra que as crianças geralmente aprendem seria a mais doce do vocabulário. "É o nome da nossa santa professora - Mãe".¹⁰³ Esse manual acaba por reafirmar um conjunto de imagens cristalizadas sobre a história de Portugal, como demonstrado na citação abaixo:

*Ela [a língua] foi hino brilhante em Aljubarrota, canção dolente e de saudade no alto mar, e elegia cortante em Alcácer-Quibir. Foi tuba de fama e de patriotismo em Camões, grito de paixão e de súplica em Sóror Mariana, harpa de angélicos suspiros em João de Deus.*¹⁰⁴

Mas como as crianças aprenderiam a escrever se

*Os rapazes só gostam de devorar publicações fantasiosas, sem o menor desejo de se instruírem. Só correm atrás do enredo, à busca do fim da aventura, passando por cima dos pontos sérios[?].*¹⁰⁵

Esta citação foi marcada por Júlio Castanheira, que escreveu ao lado com uma interrogação: B. Sucesso?¹⁰⁶. Ele concordou com o diagnóstico feito por Guerreiro Murta, mostrando que os jovens de Bom Sucesso teriam o mesmo comportamento ao lerem, passando por cima dos pontos sérios.

¹⁰¹ ALBALAT. *A arte de escrever ensinada em vinte lições*, p. 36.

¹⁰² MURTA. *Como se aprende a redigir*, p. 13.

¹⁰³ MURTA. *Como se aprende a redigir*, p. 13.

¹⁰⁴ MURTA. *Como se aprende a redigir*, p. 15.

¹⁰⁵ MURTA. *Como se aprende a redigir*, p. 18.

¹⁰⁶ Notas Marginais. MURTA. *Como se aprende a redigir*, p. 18.

Continuando a análise de Guerreiro Murta, Júlio Castanheira novamente escreve ao lado da citação, mas agora se pergunta: mal geral?¹⁰⁷

*Os desportos hoje absorvem-lhes todo o tempo. A paixão do futebol invadiu-lhes o cérebro, e fez que eles dessem um pontapé nos livros; a doença do automobilismo atacou as famílias ricas, e o amor ao estudo partiu para sempre dos seus lares.*¹⁰⁸

Como já dissemos, as utilidades da leitura seriam a aprendizagem da escrita e as relações da língua com o entendimento do indivíduo e, por consequência, da nacionalidade.

*Positivamente, depois da religião, é a língua dos mais potentes caracteres de nacionalidade. Quando um povo, mais forte do que outro, planeja absorvê-lo, começa, de ordinário, alterando-lhe o nativo idioma; conspurca-o e perverte-lhe a sintaxe, enxertando-lhe termos estranhos e construções espúrias.*¹⁰⁹

A ligação entre nacionalidade e língua é também mencionada por Jonathas Serrano:

*a religião e a língua são duas cadeias de bronze que prendem as gerações presentes às passadas e que, perpetuando-se através das idades, constituem a Pátria. Evidentemente dos fatores múltiplos que concorrem para a integração da alma nacional um dos mais importantes é o próprio idioma.*¹¹⁰

Mas como era a prática de leitura de Júlio Castanheira? Já apontamos uma prática desse intelectual, que lia palavra por palavra medindo as frases e metrificando-as. Outras práticas podem ser resgatadas nas anotações feitas nos manuais de leitura existentes em sua biblioteca. O título do manual, escrito por Batista de Castro, já aponta para seu conteúdo, *Correção e estética na leitura oral*. Este autor faz uma história da leitura mencionando os primórdios dessa prática na Grécia, onde "desde as escolas

¹⁰⁷ Notas marginais. MURTA. *Como se aprende a redigir*, p. 19

¹⁰⁸ MURTA. *Como se aprende a redigir*, p. 19.

¹⁰⁹ ALMEIDA. *Cooperemos para a boa linguagem*, p. 9.

¹¹⁰ SERRANO. *Antologia Brasileira*, p. 31.

elementares se cogitava da boa dicção e correta modulação vocal".¹¹¹ Em Roma, a leitura em voz alta teria como objetivo final a oratória. Este autor continua:

Nas Institutiones, preconiza Quintiliano relevantes conselhos atinentes à leitura, muito dos quais oportunos ainda hoje, como, p. ex., o que condena a afetação e a leitura cantada. Mercê dos ensinamentos de Quintiliano, pode Júlio César objetar a alguém que lia cantando: -"Se você está cantando, está cantando mal; se você está lendo, por que canta?"¹¹²

O primeiro passo para uma boa leitura seria a leitura em voz baixa, para a compreensão do sentido do texto. "Tantas vezes quantas necessárias à completa percepção do sentido de cada vocábulo, da sua ortoépia e prosódia".¹¹³

Jonathas Serrano também escreve sobre a leitura em voz alta, afirmando a recorrência dessa prática que se esvaiu em decorrência da incapacidade dos leitores, pois

Saber ler em voz alta não representa apenas a capacidade de impressionar um auditório numeroso e exigente, em conferência, discurso ou preleção: a leitura em família, hoje tão rara, é prazer dos melhores, se o leitor entende o ofício.¹¹⁴

Serrano afirma que poderia mencionar inúmeras razões para o fim da reunião da família para a leitura em voz alta e uma delas é, segundo o autor, bastante justo, pois "não há quem por gosto escute quando não há quem saiba dar expressão e vida ao que diz".¹¹⁵

Notamos, com esse conjunto de análises, que o ensino da leitura estava vinculado ao ensino da escrita. Essas observações, relativas à leitura em voz alta, apontam para um tipo de prática social que valoriza a oratória como momento de reunião de um grupo de pessoas e compartilhamento de sentido, além do conceito de auditividade. Como já foi apresentado de forma fragmentada neste capítulo, entre os

¹¹¹ CASTRO. *Correção e estética na leitura oral*, p. 17.

¹¹² CASTRO. *Correção e estética na leitura oral*, p. 17.

¹¹³ CASTRO, Batista. *Correção e estética na leitura oral*, p. 18.

¹¹⁴ SERRANO. *Antologia Brasileira*, p. 21.

¹¹⁵ SERRANO. *Antologia Brasileira*, p. 21.

anos de 1930 a 1954 existe uma forte presença do discursar, da oratória tão comum no início do século. Mas quais são as possíveis relações entre a leitura em voz alta, a valorização da oratória e o discursar em praça pública? Discutiremos estas relações na terceira parte do capítulo.

Como segundo tema, analisaremos os autores "proibidos" por Júlio Castanheira. Começaremos comentando a epígrafe que foi retirada de um discurso pronunciado por Júlio Castanheira. *Kozeritch, Dantec, Guillaume, Bückner, Vogt e Taine* são autores que dividiam uma mesma prateleira na biblioteca de Júlio Castanheira e que denominamos de "proibidos". Esta denominação talvez sintetize o significado desses livros. São "proibidos" e devem ser "repudiados com asco"¹¹⁶ justamente porque eram referências recorrentes e promoviam forte fascínio. A importância do determinismo talvez resida na grande divulgação dessas teorias, tendo influenciado a literatura, a história e uma série de medidas políticas. A introdução dessas idéias no Brasil ocorreu a partir de 1870, como é comum afirmarem alguns analistas.

Autores como Thomas Skidmore, Renato Ortiz, Lilia Schwartz são unânimes em apontar a entrada das idéias deterministas no Brasil a partir de 1870. Positivismo, evolucionismo e materialismo eram estudados intensivamente. "Lia-se, com ardor intelectual, Comte, Darwin, Haeckel e também Taine e Renan".¹¹⁷ Mas, se o horizonte de expectativa a partir de 1870 refere-se às idéias deterministas, qual o horizonte que o antecedia?

O horizonte que antecedia relacionava-se com as idéias produzidas pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). O IHGB foi criado em 1838 "sob os auspícios do imperador". E promoveu, em 1840, um concurso que consagraria o "melhor plano para se narrar a história do Brasil". O título do texto ganhador foi *Como*

¹¹⁶ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 24*.

¹¹⁷ SKIDMORE. *Preto no branco*, p. 26

*se deve escrever a história do Brasil. "O vencedor foi o trabalho do naturalista bávaro Carl Friedrich von Martius, [...] que é publicado em 1845".*¹¹⁸ Martius passa em seu texto, como os outros membros do IHGB, a memória desejável, branca, portuguesa e sem conflitos.

O IHGB acabou por influenciar fortemente a produção de Júlio Castanheira que adquiriu vários livros dos membros deste instituto. É importante ressaltarmos também as relações desse Instituto com o Romantismo. Um dos ilustres membros do IHGB foi José de Alencar. O leitor poderia se perguntar: como um escritor que consideramos hoje como literato conseguiu pertencer a um instituto que, como sabemos, prezava tanto por uma análise científicista?

Em decorrência da Literatura basear-se em elementos "históricos" e por não existir diferença entre um texto "verdadeiro" e outro "ficcional"¹¹⁹, torna-se praticamente impossível diferenciarmos literatura e história. Estas divisões se referem ao conjunto de pressupostos de cada disciplina, que são marcados pela época.

A não diferenciação dos elementos que competem à Literatura e à História, aliados à capacidade de difusão e envolvimento muito maior da primeira, talvez seja um indício da cristalização de uma visão tão cara a esta e não propriamente àquela, quando pensamos em grande parte da população.

Não acreditamos, entretanto, que esta não diferenciação entre História e Literatura só fora produzida por uma elite para fins ideológicos, relaciona-se mais com uma idiosincrasia do período, mas também não desconsideramos o impacto provocado por esta falta de diferenciação. Alguns autores, como José de Alencar e Euclides da

¹¹⁸ GOMES. *História e Historiadores*, p. 15. Sobre o IHGB, conferir o trabalho de GUIMARÃES. Nação e civilização nos trópicos. *Estudos Históricos*. 1988.

¹¹⁹ Ginzburg dirá: "A nível formal, não há a menor diferença entre uma frase falsa e uma frase verdadeira. O mesmo pode dizer-se quanto à relação entre as narrativas de ficção e as narrativas históricas". GINZBURG, Carlo. *Op. cit.*

Cunha, pertenciam ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e eram considerados historiadores. Note-se que os formalistas russos acreditavam ser possível identificar a literariedade de uma obra. José Luis Jobim, ao escrever sobre História da Literatura, demonstra a impossibilidade de uma identificação de tais elementos e que esses critérios relacionam-se com a sociedade que o produz.

*Uma obra pode ser considerada literária [ou não] em função de um julgamento que, em cada período, é consequência das normas estéticas a partir das quais se julga. Ou seja, considerar um texto como literário [ou não] dependerá do contexto.*¹²⁰

A cristalização de uma imagem do passado sustentada pela Literatura pode ser explicada, primeiramente, pela ampla difusão a que a Literatura foi submetida. Esta ampla difusão tem sua origem, no Brasil, quando do nascimento dos "romans-feuilletons". Apesar da grande popularidade dos romances folhetins ter origem na Inglaterra, sua expansão começou na França por volta de 1827, quando os jornais passaram a buscar maior renda aumentando a capacidade de circulação.

Apesar da maioria dos romans-feuilletons brasileiros estar ligada à tradução, o total das obras brasileiras de ficção foi suficiente para tornar o folhetim um importante veículo para o talento "literário nacional".¹²¹

Marlyse Meyer, trabalhando com o *Jornal do Comércio*, demonstra que, em 1843, este tipo de publicação já estava em ampla difusão no Brasil.

*Em 26 de setembro de 1843 um anúncio do Jornal do Comércio dá o toque da presença da verdadeira grande novidade do momento, anunciador da erupção prestes a sacudir a imprensa cabocla: "Quem tiver a obra *Mystères de Paris*, por Eugène Sue, e quiser vendê-la, dirija-se à rua do Ouvidor, 87, loja de Mongie".*¹²²

Esta autora efetua, em 1882, um cálculo aproximado sobre o número de leitores de folhetins através da análise de uma empresa que emprestava jornais.

¹²⁰ JOBIM. *História da Literatura*, p. 129.

¹²¹ Ver o estudo de BLAKE, Augusto Victoriano Alves do Sacramento. *Diccionario Bibliográfico Brasileiro*. 1883-1902.

¹²² MEYER. *Folhetim*, p. 281.

Toda a gente é concorde em afirmar que o Brasil é um país não essencialmente agrícola como também profundamente contrário à letra redonda. Todos o sabem e os editores o sentem. Mas, por outro lado (e parece-me isto explica e justifica o mistério), não há talvez um país nenhum no mundo em que se emprestem livros e jornais com tamanha profusão do que entre nós.

O tendeiro que assina o Jornal do Comércio, não julgue a leitora que o faça para recreio seu, mas sim para o emprestar a vinte ou trinta famílias que o reclamam 20 ou 30 mil vezes na roda do dia.

Com A Estação, particularmente, pode-se dizer que cada assinante representa, termo médio, dez leitores, o que nos dá uma circulação de 100 mil leitores, quando, aliás, nossa tiragem é apenas de 10 mil assinantes.¹²³

Sendo possível ou não essa análise de Meyer, cabe-nos acrescentar outro aspecto importante sobre o sistema intelectual brasileiro e suas formas de difusão, que já foi mencionado sob a luz do conceito de auditividade. Segundo Antônio Cândido, não existiria uma tradição de leitura tal qual afirmada por Meyer, a literatura não seria lida e sim compartilhada no momento de reunião pública.

Se o primeiro fator da cristalização de uma imagem cara à Literatura se deve à ampla difusão, o segundo se relaciona com os temas tratados pela Literatura. Adepta do romantismo, a Literatura, do final do século XIX e início do XX, procura discutir elementos da construção nacional. Destacamos aqui os romances de Santa Rita Durão, *O caramuru*, Basílio da Gama, *O Uruguai*, que, apesar de terem sido escritos antes do Romantismo, já discutiam fatores ligados à identidade nacional. Não podemos deixar de mencionar os vários romances indianistas de José de Alencar.

Mas o paradigma apresentado pelo Romantismo passa a ser contestado com a introdução das idéias deterministas no Brasil. A Escola do Recife foi uma das instituições que funcionaram como porta-vozes das idéias deterministas. Os intelectuais que difundiam estas idéias tentaram substituir as lentes oferecidas pelo Romantismo. Os brasileiros seriam incapazes de produzir pensamentos mais elaborados devido às

¹²³ MEYER. *Folhetim*, p. 292.

condições do clima? O apaziguamento das desigualdades raciais apresentadas por Martius, no concurso promovido pelo IHGB, passa a ser ameaçado pelas teorias deterministas que vêm no processo de miscigenação um retrocesso.

Os brasileiros estariam fadados à infertilidade tanto física como cultural? Mas em que consistia essa teoria determinista? Antes de apresentamos, em linhas gerais, o darwinismo social, é necessário afirmar que todos os autores citados neste texto pertenciam à biblioteca de Júlio Castanheira.

A influência do darwinismo social pode ser percebida na origem da palavra “mulato”, derivada da palavra “mula”, resultado do cruzamento do jumento com a égua. Estes dois animais são de raças diferentes e o resultado do cruzamento é um animal infértil. Os mulatos, ou seja, os brasileiros que foram formados, segundo Martius, pela união de três raças, estariam, de acordo com as teorias deterministas, em processo degenerativo.

O desafio, para os intelectuais brasileiros que lançaram caminhos para a "civilização" brasileira, passava necessariamente pela discussão das teorias deterministas. Aceitá-las significaria atestar a inviabilidade de progresso da nação brasileira, não aceitá-las era mostrar-se distante do estatuto da ciência exigido no período. Neste sentido, é explicável o fascínio que essas idéias devem ter provocado em Júlio Castanheira.

A solução para os intelectuais brasileiros foi a de procurar brechas nas teorias deterministas para que pudessem conciliar os preceitos ditados pela "civilização" e firmar o caminho para o progresso da nação.

Henry Thomas Buckle talvez tenha sido o autor determinista com maior entrada no Brasil. Com sua obra *História da Civilização na Inglaterra*, escrita em vários volumes, determinou o futuro do Brasil, ou seja, a ausência deste. Note-se que Buckle

não precisou vir ao Brasil para falar sobre o "gigante adormecido". Oito páginas foram suficientes para que este autor descrevesse a topografia, a quantidade de chuvas e percebesse que o brasileiro era pequeno, frente a natureza que o circundava.

Buckle, como Ingenieros, estavam presentes na biblioteca de Júlio Castanheira. Ingenieros, filósofo argentino, "teve grande influência sobre a elite brasileira com suas confusas doutrinas da irremediável inferioridade racial dos não brancos".¹²⁴ Mas talvez o intelectual que tenha sido o catalisador de todas as teorias deterministas tenha sido Silvio Romero.

Este intelectual, com sua *História da Literatura Brasileira*, discutiu autores como Buckle e afirmava que "De todas as teorias propostas a de Spencer é a que mais se aproxima do alvo, por mais lacunosa que ainda seja."¹²⁵

Silvio Romero atacou a obra de Buckle por este escritor determinista dividir a civilização em dois grandes ramos: a Europa e o restante que estivesse fora dela. Na primeira, predomina o esforço do homem sobre a natureza; na outra, é o contrário o que se nota. Esta distinção é caprichosa.¹²⁶

Apesar das críticas efetuadas a Buckle, Silvio Romero, em outra ocasião, acabou por afirmar que a análise de "Buckle sobre o Brasil era dura, mas, no fundo, correta".¹²⁷

As teorias deterministas ofereceram uma nova fisionomia ao debate sobre o futuro do Brasil, no final do século XIX e início do século XX, e vários intelectuais brasileiros acabaram por adentrar-se nele. João Grave, com 26 obras na biblioteca de

¹²⁴ SKIDMORE. *Preto no branco*, p. 47

¹²⁵ ROMERO. *História da Literatura Brasileira*, p. 73.

¹²⁶ ROMERO. *História da Literatura Brasileira*, p. 85.

¹²⁷ SKIDMORE. *Preto no branco*, p. 49.

Júlio Castanheira, afirmou no jornal *O Estado de São Paulo* que "a raça latina, criadora de civilizações, guiadora da humanidade, achava-se exausta de fluido vital".¹²⁸

No seu livro, *Nos Estados Unidos*, presente na biblioteca de Júlio Castanheira juntamente com sete obras, o ensaísta, historiador e diplomata Manuel de Oliveira Lima afirmou que "a indulgência das nossas opiniões e desmazelo dos nossos costumes impedem-nos de hostilizar o negro em qualquer terreno, mesmo no da mistura das raças".¹²⁹

Ao analisar a questão racial nos Estados Unidos, Oliveria Lima afirmou que a situação dos negros era muito melhor no Brasil e sua explicação era que, devido ao equilíbrio racial da população, "os pretos melhoram num ambiente de brancos".¹³⁰

A literatura não ficou imune às teorias deterministas. A obra *Os Sertões* está presente na biblioteca de Júlio Castanheira, com mais cinco livros de Euclides da Cunha. Depois da Escola Politécnica, Euclides da Cunha passou a estudar na Escola Militar sendo, posteriormente, expulso. Mudando para São Paulo, Euclides da Cunha trabalhou no jornal *O Estado de São Paulo*.

Euclides da Cunha escreveu alguns artigos para *O Estado de São Paulo* sobre Canudos. "Seus relatos eram tão impressionantes que o editor, Júlio de Mesquita, enviou-o à Bahia para fazer reportagens de primeira mão".¹³¹

O autor d'*Os Sertões* lançou algumas conclusões sobre a situação do Brasil: "Não temos unidade de raça. Não a teremos, talvez, nunca. Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos".

¹²⁸ GRAVE. Jornal *O Estado de São Paulo* de 9 agosto de 1914. apud: SKIDMORE. *Preto no branco*, p. 79

¹²⁹ OLIVEIRA LIMA. *Nos Estados Unidos*, p. 52-53. apud: SKIDMORE. *Preto no branco*, p. 89.

¹³⁰ OLIVEIRA LIMA. *Nos Estados Unidos*, p. 52-53. apud: SKIDMORE. *Preto no branco*, p. 89.

¹³¹ SKIDMORE. *Preto no branco*, p. 121.

Euclides, ainda sobre a mestiçagem, afirmava que a mistura de raças "mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial" e o mestiço "é quase sempre um desequilibrado".¹³²

Euclides da Cunha, ao mencionar o trabalho de Buckle, fala em "extravagâncias geniais".

*A terra sobranceia o oceano, dominante, do fastígio das escarpas; e quem a alcança como quem vinga a rampa de um majestoso palco, justifica todos os exageros descritivos — do gongorismo de Rocha Pita às extravagâncias geniais de Buckle — que fazem deste país região privilegiada, onde a natureza armou a sua mais portentosa oficina.*¹³³

Mencionamos, em um trecho acima, que era fundamental que as brechas aparecessem para que não fosse decretada a total inadaptabilidade da nação brasileira. Para Euclides da Cunha, a saída seria o sertanejo, por não ter uma mestiçagem mais prolongada.

Júlio Castanheira reservou uma prateleira para guardar os livros que considerava perigosos à sociedade. Este intelectual falava sobre a simplicidade, quando ordenou que a população repudiasse com asco os autores deterministas:

*Em épocas que se perdem nas noites brumosas dos tempos primevos, havia, reza vetusta crônica hindu, em um dos menados do sagrado e caudaloso Ganges, entre tagurais, uma aldeia, cujos habitantes, ademais de humildes e bons, eram pacíficos e laboriosos.*¹³⁴

Várias são as interferências efetuadas nos livros proibidos por Júlio Castanheira, dentre eles destaca-se o *L'univers et-il été créé?*, de Guillaume, adquirido em 4 de junho de 1935.

Este intelectual escreve a seguinte mensagem na primeira capa:

Il est inconcevable que l'auteur soit ainsi materialiste. Nier Dieu c'est être le plus malheureux des mortels! A qui attribuer ces merveilles que la nature nos presente. Á la propre Nature? Jamais.

¹³² CUNHA. *Os sertões*. 1957. p. 147

¹³³ CUNHA. *Os sertões*. 1957. p. 148.

¹³⁴ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 24*.

*Nous existons, on ne peut nier, or tout créature repond a um createur ainsi: Laissez, malheureux ses idées, s'agenouille et prie á Dieux pardons apour ses péchés.*¹³⁵

Júlio Castanheira combatia todos os autores que negavam a existência de Deus ou faziam alguma crítica à religião católica. Do mesmo ataque foi acometido o livro denominado *L'Italie mystique. Histoire de la renaissance religieuse au moyen age*, escrito por Émile Gebhart.

Na contra capa deste livro, existe uma mensagem que não foi escrita por Júlio Castanheira e que fazia referência a Leonor Gomes Castanheira – a mulher de Júlio. A citação compara os vícios espirituais com os físicos, conferindo ao primeiro um peso muito maior. Essa citação pode ser um indício da circulação de livros por meio de empréstimos.

Um conselho ao dono d'este livro. Sua futura esposa sabe bem o francês. Está reservando este chef d'ouvre para divertimento d'ella? Aconselho-lhe que não o faça. Os tóxicos espirituais, são mais perigosos do que os materiais, são dificilmente curáveis

Júlio Castanheira, no interior do livro, fez um resumo de um trecho com bastante ironia.

*Eis aqui a história: os bispos, os padres, o papa, eram uns ignorantes. Afirma o autor. Este, si fora vivo, abriria uma aula de catecismo para ... o clero.*¹³⁷

Com o objetivo de encerrar a discussão das leituras efetuadas por Júlio Castanheira, vamos nos encaminhar agora para o terceiro tema, ou seja, as apropriações efetuadas nos livros que têm como objetivo definir e, ao mesmo tempo, construir uma História da Literatura. Essa análise é importante, pois acreditamos que uma importante forma de fixar uma leitura de uma obra ocorra, como já foi mencionado, pelos críticos.

¹³⁵ É inconcebível que o autor seja assim materialista. Negar Deus é ser o mais infeliz dos mortais! A quem atribuir as maravilhas que a natureza nos apresenta. A própria natureza? Jamais. Nós existimos, não podemos negar, ora toda criatura responde a um criador, assim: deixe, infeliz sua idéia, ajoelhe e peça a Deus perdão pelos seus pecados.

¹³⁶ Notas Marginais. GEBHART. *Histoire de la renaissance religieuse au moyen age*. 1906.

¹³⁷ Notas Marginais. GEBHART. *Histoire de la renaissance religieuse au moyen age*. 1906.

A ausência de um grande número de leitores faz com que a leitura de um especialista assuma grande importância. As definições de boa literatura, tão usadas nos compêndios sobre leitura, referem-se necessariamente a um conjunto de livros canonizados e que são apresentados construindo, assim, uma História da Literatura. Demonstraremos como a História da Literatura estava também fortemente marcada pelas teorias deterministas.

Passemos, primeiramente, para a definição de Literatura. É importante lembrarmos que todas as citações, aqui apresentadas, correspondem a marcas feitas nos livros da biblioteca de Júlio Castanheira.

A maioria dos autores presentes na biblioteca de Júlio Castanheira, além de fortemente marcados pelas teorias deterministas, recorriam à definição proposta por De Bonald que via a literatura como a expressão da sociedade. Cecil Meira afirma que a literatura é "o fio luminoso que nos conduz a todas as terras, a todos os climas, a todos os tempos, nos desvenda os mistérios, fala-nos da glória, da guerra, da beleza e do amor".¹³⁸

A literatura teria ainda, segundo Cecil Meira, o objetivo de dar luz e mais luz aos que para ela se encaminham, "dar maior vivacidade às qualidades naturais dos indivíduos, fornecendo-lhes novos recursos, outras fontes onde se inspirem para a vida".¹³⁹

As forças sociais estariam de tal forma organizadas pelos inúmeros fatores que comporiam o tecido social que "na generalidade, não somos nós que queremos. Obrigam-nos muitas vezes a querer, e daí mútua adaptação entre o temperamento individual e as forças sociais".¹⁴⁰

¹³⁸ MEIRA. *Introdução ao estudo da literatura*, p. 17.

¹³⁹ MEIRA. *Introdução ao estudo da literatura*, p. 18.

¹⁴⁰ MEIRA. *Introdução ao estudo da literatura*, p. 21.

A definição de literatura contida no livro de Afrânio Peixoto, *Noções de história de literatura geral*, também faz referência à definição de De Bonald. Nas palavras de Peixoto, "um dos lugares comuns do ideário é aquele postulado de De Bonald: "a literatura é a expressão da sociedade".¹⁴¹

A relação direta existente entre Literatura e sociedade é ressaltada por Afrânio Peixoto em outro livro, denominado *Panorama da literatura brasileira*, que compara esses elementos com as folhas e as raízes de uma árvore. Nas palavras de Afrânio Peixoto:

*A literatura de um povo não denuncia apenas sua sensibilidade e sua inteligência, senão suas condições de vida, feliz ou apreensiva, ou sofredora, sofrimento moral, político, econômico. Seria absurdo que a flor, na ponta do galho, não dependesse de raiz obscura, no seio profundo da terra.*¹⁴²

Mas que sociedade é essa que a literatura estaria refletindo? As respostas recorrentes são encontradas nas teorias deterministas. Nas palavras de Manuel Bandeira:

*A literatura de um povo depende da situação geográfica do país, do seu clima, da formação étnica da sua população, das vicissitudes da sua evolução histórica, do caráter nacional, dos usos e costumes. Taine resumiu as influências que operam sobre a literatura na sua famosa teoria da raça, do meio, e do momento.*¹⁴³

Um diagnóstico da permanência do método evolucionista foi feito por Mendes

Remédio

O estudo da história da literatura sofre, desde poucos anos, uma larga e profunda transformação em virtude das tentativas feitas para o sujeitar ao método evolucionista, de tao fecunda e vitoriosa aplicação em diferentes ramos das ciências. A hipótese de Darwin e Haeckel vai, também nesta província de estudos, ganhando adeptos convictos. Se é sempre bom, escreve o já citado Brunetière, desconfiar um pouco das novidades e esperar, sobretudo para as fazer entrar no ensino, que eles tenham, consoante a palavra incisiva de Malebranche, barba no queixo, podemos estar certos de que, agora, passados vinte e cinco ou trinta anos, a doutrina da evolução deve ter tido em si o que quer que seja que justifique a sua fortuna.

¹⁴¹ PEIXOTO. *Noções de história de história geral*, p. 10.

¹⁴² PEIXOTO. *Panorama da literatura brasileira*, p. 5.

¹⁴³ BANDEIRA. *Noções de História das Literaturas*, p.7.

Concedo que amanhã, talvez, ela seja desapossada da sua popularidade de um momento por outra doutrina ou hipótese – posto que, no fundo, o esteja longe de acreditar.¹⁴⁴

Coelho Netto chega a dedicar um capítulo à raça, em seu *Compêndio de literatura brasileira*

O meio influe no indivíduo estimulando-o ou enfraquecendo os homens. Os homens das regiões frias e agrestes, constrangidos a luta constante, são de uma resistência robusta, reforçados para a hostilidade; os que residem sob climas amenos, onde a vida é fácil, são naturalmente languídos, despreocupados.¹⁴⁵

Depois que apresentarmos estes três temas, tentaremos fechar esse texto relacionando alguns traços do sistema literário brasileiro, características de algumas correntes literárias existentes no período, valorização da oratória e do discursar em reuniões públicas. Vamos começar pela caracterização de alguns traços do nosso sistema literário.

Mencionamos rapidamente no primeiro capítulo, baseando-nos em Antônio Cândido, que a inexistência de um público leitor no Brasil era compensada com a existência de um orador que difundia a literatura e nos aproximamos do conceito de auditividade formulado por Luiz Costa Lima.

Desde o início, ainda segundo Antônio Cândido, a literatura ocuparia a tribuna, o espaço cívico, a ode cívica, etc. Ao se referir ao movimento Romântico, por exemplo, Cândido afirma que o nativismo e o civismo foram grandes pretextos que teriam funcionado como justificativa para a atividade criadora, como recurso para atrair o leitor com valores a transmitir.

Se as edições dos livros eram parcas, e lentamente, esgotadas, a revista, o jornal, a tribuna, o recitativo, a cópia volante, conduziam as suas idéias ao público de homens livres, dispostos a vibrar na grande emoção do tempo.¹⁴⁶

¹⁴⁴ REMÉDIO. *História da literatura portuguesa*, p. vi.

¹⁴⁵ COELHO NETTO. *Compêndio de literatura brasileira*, p. 2.

¹⁴⁶ CANDIDO. *Literatura e sociedade*, p. 79.

A relação escritor-público estaria definida, no Romantismo, em duas condições: a retórica e o nativismo. "A ação dos pregadores, dos conferencistas de academia, dos glozadores de mote, dos oradores nas comemorações, dos recitadores de toda hora, correspondia a uma sociedade de iletrados, analfabetos ou pouco afeitos à leitura".¹⁴⁷

Neste sentido, a literatura estaria reduzida a um certo ritmo oratório, não uma literatura escrita para ser lida. Os autores estariam escrevendo de tal forma que o leitor escutasse sua "voz brotar" nas linhas, como era recorrente na retórica.

Com o intuito de comprovar sua hipótese, Antônio Cândido cita o nome de Rui Barbosa que, considerado como a encarnação da inteligência no nosso século, ninguém lê fora de algumas "páginas de antologia". Note-se que Rui Barbosa é uma referência recorrente tanto quando analisamos o número de livros existentes na biblioteca, como nos discursos de Júlio Castanheira.

Esta peculiaridade do sistema literário brasileiro, apesar de não ter recebido ainda um estudo de fôlego, já foi percebida por vários analistas. O primeiro foi Sílvio Romero, em *História da Literatura Brasileira*, o segundo foi a análise que apresentamos de Antônio Cândido. Anos depois, essa discussão reaparece em um artigo de Costa Lima que, ao analisar o sistema intelectual brasileiro, formula o conceito de "cultura auditiva", diferenciando do termo "cultura" ou "tradição oral", e estabelece uma variante das propostas oferecidas por Sílvio Romero e Antônio Cândido. A auditividade caracterizaria a permanência de traços de uma cultura oral no interior de uma cultura escrita dominante. Neste sentido, além de uma cultura oral existente, relacionada a uma sociedade analfabeta, existiria também, nos próprios textos impressos, marcas de oralidade.

¹⁴⁷ CANDIDO. *Literatura e sociedade*, p. 79.

Costa Lima se utiliza de uma caracterização de José de Alencar para desenvolver sua análise. O leitor estaria "... embalando-se na macia e cômoda rede", na "hora mais ardente da sesta", folheando as páginas de seu escrito, "para desenfastiar o espírito das cousas graves que o trazem ocupado" ("Prólogo" de Iracema).¹⁴⁸

João Cezar de Castro Rocha mostra outras marcas da auditividade, pois

*A consulta individual ao texto se transformava facilmente na leitura coletiva do grupo familiar ou da roda de amigos em torno de um narrador, responsável por presentificar o enredo lido em voz alta. A abstração que a palavra impressa supõe era, portanto, mitigada no convívio aurático de corpos aproximando pela formação de um círculo de leitura.*¹⁴⁹

Estas duas análises apresentadas, tanto de Antônio Cândido como de Costa Lima, são de grande importância para nosso estudo. Se nosso sistema literário dependeu em grande medida da tribuna e se a literatura foi escrita para ser ouvida e não lida, os recursos retóricos deveriam estar no horizonte desta literatura. Uma das características fundamentais da retórica é o que denominamos de efeito de verdade. O orador tem que se utilizar de um conjunto de recursos para conferir legitimidade ao que fala. Os laços familiares, o personalismo e as redes de favores, como apresentados no primeiro capítulo, são traços indispensáveis a este tipo de literatura que utilizava como recurso a auditividade.

Dentro desses efeitos, a utilização de imagens é recorrente. O denominado *effet de vérité*, relacionado com a retórica, tinha o objetivo de produzir vivacidade ao discurso e, ao mesmo tempo, confiabilidade ao orador que discursava. Nesse sentido, a recorrência das imagens utilizadas na literatura parece coincidir com o tipo de literatura que foi canonizada, a literatura para ser ouvida.

¹⁴⁸ COSTA LIMA. *Dispersa demanda*, p. 7.

¹⁴⁹ CASTRO ROCHA. *Literatura e cordialidade*, p. 176.

Acabamos de relacionar a ausência de um público leitor e a oratória, pois ambos utilizavam como recurso a imagem. Mas qual a relação das imagens com as correntes literárias existentes na época? Recorreremos agora ao trabalho de Flora Sussekind que analisou a presença do Naturalismo no Brasil. Segundo essa autora, existiriam três momentos do movimento naturalista no Brasil. O primeiro teria ocorrido na virada do século com forte apelo ao cientificismo. O segundo momento, já em 1930, com uma referência direta aos ciclos econômicos. A década de 70, com o grande desenvolvimento da imprensa e dos repórteres. O que uniria essas três correntes, em momentos diferentes, além da relação com o determinismo? A resposta é a capacidade de formar imagens.

Sussekind, ao mencionar a recepção destes textos, acreditava que a capacidade de formar imagens estaria, justamente, em referir-se a uma realidade extratextual, produzindo, desta forma, um efeito de verdade. A escrita naturalista, enquanto capaz de produzir imagens, produziria, ao mesmo tempo, um efeito ideológico de identidade.¹⁵⁰

O critério estabelecido para se canonizar uma obra relacionava-se justamente com a capacidade de se formar imagens. Note-se que esse dado é muito importante, pois não é que não tenham existido obras que não produziram esse efeito ótico, mas só as que produziram passavam pelo processo de canonização. E o processo de canonização de uma obra relaciona-se, muitas vezes, com a leitura ou não da mesma.

"Maria do Carmo, personagem de *A Normalista*, ao definir para sua amiga Lúcia *O Primo Basílio*:"Aquilo é que é um romance. A gente parece que está vendo as coisas, que está sentindo..."¹⁵¹

A capacidade de formar imagens é o que produziria o "efeito de realidade" e não são de se estranhar as não diferenciações entre História e Literatura existentes em épocas diferentes. Falam-se em "cenário", "quadros", "mundo animado", e o romance

¹⁵⁰ SUSSEKIND. *Tal Brasil, qual romance?* p. 99

¹⁵¹ SUSSEKIND. *Tal Brasil, qual romance?* p. 100.

torna-se passível de elogios quanto mais próximo estiver do "visual" e não do "literário".¹⁵²

A transformação de letra em imagem, e nada melhor que “roubarmos” uma imagem usada por Flora Sussekind para fazer o mesmo, é a analogia existente entre uma arma e uma máquina fotográfica: em ambos os casos, bastaria apontar, focalizar, disparar.

As três fases do Naturalismo, com sua capacidade unificadora, surgiriam nos momentos de maiores conflitos sociais: "O abolicionismo, a troca do trabalho escravo pela mão-de-obra livre, a República, marcam o fim de século e deixam à mostra divisões no interior das camadas dominantes, cujas lutas pelo poder se faziam acompanhar das discussões parlamentares e polêmicas intelectuais diversas".¹⁵³ Estas discussões eram apagadas, segundo Sussekind, pelo discurso cientificista no fim do século XIX.

O segundo momento a ser restaurado foi o de 1930, em decorrência das várias "fraturas" no ideal nacional ocasionadas pelos acontecimentos dos anos de 1920: movimento tenentista, declínio político-econômico do Nordeste, maior participação da classe trabalhadora. Quando não haveriam "miséria e exploração, patrões e empregados".

Nos anos 70, o terceiro movimento naturalista teria surgido com o discurso jornalístico que tamparia os buracos gerados pela política repressiva do Estado autoritário ao instituir o Ato Institucional número 5.

O elemento mais importante da análise de Sussekind, para esse trabalho, foi a permanência do naturalismo na literatura e o critério dessa corrente de formar imagens e, por consequência, um efeito de verdade aliado à sua ampla difusão.

¹⁵² SUSSEKIND. *Tal Brasil, qual romance?*, p. 102.

¹⁵³ SUSSEKIND. *Tal Brasil, qual romance?* p. 173.

Com a análise de Sussekind, encerramos este capítulo ao apresentarmos a biblioteca e as leituras de Júlio Castanheira, apontando para uma característica do sistema intelectual brasileiro com a valorização da retórica, da leitura em voz alta e do domínio de várias línguas.

CAPÍTULO 3**PERFORMANCE**

Todo texto é único e é, ao mesmo tempo, a tradução de outro texto. Nenhum texto é completamente original porque a própria língua, em sua essência, já é uma tradução: em primeiro lugar, do mundo não verbal e, em segundo, porque todo signo e toda frase é a tradução de outro signo e de outra frase. Entretanto, esse argumento pode ser modificado sem perder sua validade: todos os textos são originais porque toda tradução é diferente. Toda tradução é, até certo ponto, uma criação e, como tal, constitui um texto único.

Octavio Paz

Neste capítulo, estaremos analisando os discursos pronunciados por Júlio Castanheira em Bom Sucesso, entre os anos de 1938 a 1954, e, se procurássemos uma categoria equivalente para caracterizar o nosso objeto estudado neste capítulo, ou seja, o discursar em reuniões públicas, nos aproximaríamos da definição de festa, incluindo nesta categoria o cortejo, a entrada, a parada, o desfile, pois se relacionava com um espaço de celebração de sentidos partilhados socialmente, "constitui uma alegorização coletiva, uma produção de sentido controlada e administrada pela comunidade".¹⁵⁴

Em uma sociedade como a de Bom Sucesso, no período estudado, as reuniões públicas estavam inseridas em uma prática que ocorria em momentos diferenciados, como a volta de um bonsucessense ilustre, a comemoração de uma data importante para o calendário brasileiro ou para Bom Sucesso.

As pessoas saíam de suas casas para participar deste acontecimento. Era o momento que a população de Bom Sucesso se reunia em um processo de articulação dos sentidos tradicionais com os novos, construindo, assim, novas expectativas para o

¹⁵⁴ CAPRETTINY, G. P. *Alegoria. Enciclopédia Einaudi*. p. 258.

futuro. Era o espaço em que a sociedade comungava a diferença, sendo possibilitada a visibilidade da comunidade à qual pertencia com a inauguração de um espaço conflituoso e tenso entre o consenso e o dissenso, a diferença e a identidade. O espaço aberto pelo discursar, que é voz, palavra, gesto, rosto e também espaço físico. Esta festa, então, não seria apenas um conjunto de imagens, "mas uma relação social entre os participantes mediada por imagens".¹⁵⁵

Este capítulo é parte de uma estrutura que concebe o fenômeno comunicativo em sua globalidade e, por isso, relacionamos o discursar em reuniões públicas e as práticas de leitura como dois processos constitutivos do compartilhamento de sentido, entre os anos de 1938 a 1954, em Bom Sucesso. Passamos pela biblioteca de Júlio Castanheira e mostramos a inserção deste mediador em sua sociedade. Os livros forneceram a possibilidade de Júlio Castanheira acessar um conjunto de sentidos exteriores ao da tradição de Bom Sucesso. Estes novos sentidos, obtidos por Júlio Castanheira através da leitura, eram articulados para a população no momento das reuniões públicas.

Existe, então, uma relação entre dois meios de circulação de informação em Bom Sucesso. O impresso, que estava restrito a um grupo de pessoas, e o discursar, que visava traduzir o acervo impresso para a oralidade ou o contrário, pois inúmeros aspectos da sociedade oral, da tradição acabavam sendo incorporados ao impresso para serem traduzidos nos discursos.

Meios diferenciados merecem problematizações diferenciadas, pois produzem formas de recepção e relações diferentes. Não foi acidental, por exemplo, termos trabalhado o impresso no segundo capítulo e, neste momento, o discursar nas reuniões públicas.

¹⁵⁵ HANSEN. A categoria "representação" nas festas coloniais dos séculos XVII e XVIII.

O discurso de Júlio Castanheira, portanto, contribui para mostrar como se estruturava discursivamente o social, "como o discurso é, ao mesmo tempo, portador de normas que sobredeterminam o indivíduo vivendo em coletividade e as possíveis estratégias que lhe permitem singularizar-se".¹⁵⁶

Perseguiremos, nos discursos de Júlio Castanheira, os indícios da linguagem pública ou, em outras palavras, o que Patrick Charaudeau denomina de "contrato comunicativo". Este contrato era firmado na medida em que se concretizavam certos elementos capazes de realizar a comunicação. A ausência do chamado "contrato comunicativo" redundaria na incompreensão, pois, como sabemos, nenhum discurso tem significado em si, sendo o sentido formado à medida em que se constrói um interlocutor.

Este "contrato comunicativo" refere-se a um saber prévio compartilhado pelos interlocutores, que depende da articulação de um conjunto de idéias velhas na inscrição de novas.¹⁵⁷

Júlio Castanheira, ao discursar na cidade, na busca de seu público ou, como denominamos neste trabalho, de seus interlocutores, acabava por criar um sentido de circularidade ao seu discurso. O sentido não se formava antes do discurso ser pronunciado, mas dependia do interlocutor e de outras referências, como o espaço físico, para que o mesmo se formasse. Perspectiva esta que nega inteiramente a passividade dos agentes, pois a construção do sentido não está concentrada no sujeito que discursa.

Assim, as instâncias legitimadoras, como as redes de favores apresentadas no primeiro capítulo, seriam suficientes para a compreensão do discurso? Seria preciso um "contrato comunicativo" com a população para que o discurso fosse entendido ou

¹⁵⁶ CHARAUDEAU. *Para uma nova análise do discurso*. p. 3.

¹⁵⁷ DEBRAY. *Curso de midialogia geral*. p. 28.

pronunciado? Com certeza sim, pois uma das premissas fundamentais ao exercício retórico é o estabelecimento de "um contato de espíritos entre o orador e o seu auditório: é preciso que um discurso seja escutado, que um livro seja lido, pois, sem isso, a sua ação seria nula".¹⁵⁸ Podemos acreditar, então, que, se Júlio Castanheira fosse insuficiente no que se refere ao estabelecimento do "contrato comunicativo", ele teria sido desqualificado pelos seus interlocutores. Encontramos 37 discursos que foram pronunciados em Bom Sucesso por Júlio Castanheira e, em nenhum momento, este mediador demonstrava insatisfação no cumprimento de sua função.

Júlio Castanheira se considerava o escolhido entre os melhores indivíduos para perpetuar o amor à pátria e a Deus, obedecendo à condição primeira para que se realizasse o "contrato comunicativo", o fato dos parceiros "se reconhecerem como interlocutores". Segundo Charaudeau, o reconhecimento recíproco é construído socialmente no discurso através dos índices relacionais como, por exemplo, os códigos de polidez.

Mas o ponto que mais nos interessa, nesta noção de "contrato comunicativo", é o que se denomina intertextualidade, pois o enunciador, para não ser desqualificado, liga-se a um domínio de saber pré-existente comum aos ouvintes: as representações supostamente partilhadas. O discurso seria, assim, um espaço de limitações

*porque ele compreende os dados mínimos aos quais é necessário satisfazer para que o ato de linguagem seja válido, outro que se denominará espaço de estratégias, porque ele corresponde às possíveis escolhas que os sujeitos podem fazer na encenação do ato de linguagem.*¹⁵⁹

O discursar, então, não se concentrava apenas na voz, pois esta é apenas mais uma variável constitutiva do ato e, por isso, como estratégia de análise, dividiremos os discursos em dois grupos. No primeiro grupo, estarão os discursos que foram

¹⁵⁸ PERELMAN. *O império retórico*. p. 28.

¹⁵⁹ DEBRAY. *Curso de midiologia geral*. p. 34.

pronunciados para os alunos, professores e pais de alunos, normalmente em espaço privado, ocupando o interior de uma escola ou de uma instituição que cedia o espaço para a realização de tal evento.

No segundo grande grupo de discursos, estão os que eram pronunciados em espaço público, geralmente na praça nas proximidades da Igreja. O público, nesta segunda ocasião, era composto por autoridades como o bispo, o padre, o prefeito, o juiz, as crianças, o inspetor e o diretor da Escola onde Júlio Castanheira trabalhava. Em todos os discursos aparecia, de forma recorrente, a categoria "público em geral", que correspondia a um conjunto de pessoas que não foram contempladas no cabeçalho do discurso.

Mas qual a necessidade de analisarmos os discursos separadamente, dividindo-os em grupos? A necessidade é que os dois grupos de discursos divergiam-se tanto nos aspectos formais como nos objetivos. Como mostraremos ao longo do texto, os discursos pronunciados no interior da escola, na formatura das crianças, tinham como princípio reafirmar um conjunto de normas sociais, pois a própria escola construiu, ao longo do curso ministrado, uma série de sentidos que estarão sendo apresentados neste texto. Com relação aos aspectos formais, trata-se de uma população alfabetizada, com contato com a escrita e leitura e, por isso, a memória poderia ser acessada pela leitura.

No segundo grupo de discursos, estão os que ocupavam a praça pública e os sentidos não pareciam possuir a mesma estabilidade do primeiro grupo. Um certo tipo de memória estava sendo construído no momento em que Júlio Castanheira discursava e buscava no seu relato elementos de um passado comum, compartilhado. O tema deste grupo de discursos era o da origem do povo brasileiro. Uma origem marcada pela união de raças, tendo o determinismo como a chave explicativa desta união. Esta chave

explicativa já foi mostrada no segundo capítulo, quando analisamos as marcas marginais contidas nos livros lidos por Júlio Castanheira.

Ao pensarmos nos aspectos formais de construção dos discursos, é importante mencionarmos que, para a população analfabeta, a memória não podia ser resgatada através dos livros, estando concentrada no próprio indivíduo. Este grupo recorria a uma memória auditiva e não imagética como ocorria para a população alfabetizada. O discurso para a população analfabeta era caracterizado por uma estrutura de redundância, para que esta população conseguisse memorizar apenas ouvindo os relatos discursados. Outro aspecto importante para este grupo de discursos era o lado performático, ou seja, um conjunto de gestos que compunha o relato oral. Tanto a estrutura de redundância como também o lado performático serão analisados na parte final deste texto.

Os dois grupos, apesar dos recursos diferentes, tinham como objetivo atualizar ou construir uma comunidade de sentido que produzisse laços de identidade entre os habitantes. A urgência e o empenho desta medida eram justificados pelo "mal" que rondava o povo brasileiro. Este mal aparecia de forma mais sistematizada a partir das primeiras décadas do nosso século e vinha atrelada ao debate da questão nacional. Isto porque a educação era vista como a forma de resolver todos os problemas nacionais. Existiam diversos tipos de nacionalismos, pois estes se relacionavam com a delimitação temporal e, para ficar claro, é bom que se diga que estamos aqui nos referindo ao nacionalismo surgido depois das ameaças da Primeira Guerra Mundial. Esta escolha temporal é justificada, pois neste momento o nacionalismo, além de contornos específicos, materializou suas iniciativas em medidas educacionais. As ameaças eram representadas pela conquista territorial e de adeptos às doutrinas — denominadas de

forma pejorativa, como "exóticas" — por incitarem a revolução e também a fragmentação.

As advertências sobre as intenções predatórias das potências estrangeiras no hemisfério americano, como as que haviam feito Eduardo Prado e Raul Pompéia, na década de 90, e Sílvio Romero, em 1906 (no discurso de recepção a Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras), tornavam-se, agora, corriqueiras – o Brasil era pintado como vulnerável a inevitável penetração dos Estados Unidos, forçados a encontrar mercados no exterior para o excesso da sua produção e dos seus capitais – esperando, passivo, na encruzilhada da História.¹⁶⁰

O nacionalismo apareceu, então, como a única forma de reação contra as ameaças – tanto interna como externa – e a campanha nacionalista prescrevia a participação de todos os cidadãos, pois não era mais suficiente o sentimento de amor à pátria com a valorização das belezas naturais e da miscigenação, afirma Skidmore. O "novo nacionalismo" tentava apagar os impactos do determinismo racista.¹⁶¹

Miguel Calmon, recém chegado da Europa, foi o primeiro brasileiro "de nota a prestar um depoimento de primeira mão",¹⁶² mas perdeu seu lugar para outro intelectual. Olavo Bilac discursou, em 1915, para os estudantes da Faculdade de Direito, tendo sido paraninfo. Bilac teria pintado um quadro melancólico sobre a falta de integridade moral no Brasil. "Uma onda desmoralizadora de desânimo avassala todas as almas", porque "hoje, a indiferença é a lei moral; o interesse próprio é o único incentivo".¹⁶³

Mas foi de responsabilidade de outro conhecido orador, Rui Barbosa, a fundação da Liga de Defesa Nacional. Esta Liga congregou grande número de intelectuais como: Coelho Netto, José Veríssimo, Oscar Thompson e Sampaio Dória. Dentro dos preceitos da Liga de Defesa Nacional, estava a necessidade de manter a idéia de coesão e integridade nacional; defesa do trabalhador nacional; difusão da instrução militar;

¹⁶⁰ SKIDMORE. *Preto no branco*, p. 164.

¹⁶¹ OLIVEIRA. *A questão nacional na Primeira República*, p. 80.

¹⁶² SKIDMORE *Preto no branco*, p. 171.

¹⁶³ SKIDMORE. *Preto no branco*, p. 171.

desenvolvimento do civismo; culto do heroísmo; fundação de uma associação de escoteiros; ensino da língua pátria em escolas estrangeiras.

A Liga de Defesa Nacional teve grande importância na difusão do nacionalismo das primeiras décadas do século XX, devido às inúmeras campanhas efetuadas pelos seus membros que ocupavam cargos de destaque na sociedade brasileira, sejam esses públicos ou de grande prestígio intelectual.

Algumas análises afirmam que a grande campanha, empreendida em prol da educação, correspondia à tentativa de acabar com o domínio das oligarquias, pois resultaria em um maior número de pessoas que pudessem votar.

Assim, afirma Jorge Nagle, "a segunda década deste século representa um período fértil de desenvolvimento e estruturação de idéias nacionalistas no Brasil, que se multiplicarão nas direções mais variadas no decorrer dos anos 20".¹⁶⁴

Inúmeras são as direções das análises das campanhas educacionais. Segundo Nagle, e também Steidel, a campanha educacional de forte cunho nacionalista estava relacionada com uma forma de combater os "chefes políticos". Em Minas Gerais, em 1925, a instituição do programa Escolanovista corresponderia ao controle das "classes perigosas", que teriam surgido com o aumento da industrialização e, por consequência, do número de trabalhadores.

Não temos como objetivo, neste trabalho, discutir as intenções desses autores e instituições que atuaram nas primeiras décadas do nosso século, o objetivo maior é problematizar como um conjunto destas idéias permaneceram e apareceram nos discursos de Júlio Castanheira, e uma das portas de entrada foram as escolas inundadas por publicações de cunho nacionalista, destacando os intelectuais Olavo Bilac, Coelho Netto, M. Bomfim e José Veríssimo. Assim, afirma Nagle:

¹⁶⁴ NAGLE. A educação na Primeira República. in: *HGCB. O Brasil republicano. Sociedades e instituições*. Tomo III, volume II (n. 9), p. 44.

as primeiras manifestações nacionalistas aparecem, de maneira mais sistemática e mais influenciadora, no campo da educação escolar, com a ampla divulgação de livros didáticos de conteúdo moral e cívico ou, melhor, de acentuada nota patriótica.¹⁶⁵

As propostas nacionalistas não estavam reduzidas aos livros. Existia, também, ampla campanha de controle das ameaças ao nacionalismo. Neste sentido, inúmeras escolas estrangeiras foram fechadas buscando a homogeneização do ensino.

[...] o governo paulista impondo sua política fechou inúmeras escolas. Imigrantes "insubmissos" e anarquistas "subversivos" não puderam conservar suas escolas, que foram fechadas de maneira repressiva: em 1919 foi a vez dos anarquistas, sendo que em 1939 foram fechadas 284 escolas de imigrantes, em sua maioria de japoneses.¹⁶⁶

O fechamento destas escolas estrangeiras, aliado à obrigatoriedade do ensino da língua portuguesa, eram formas de se controlar o chamado "perigo interno", pois, em algumas regiões do Brasil, os imigrantes montavam colônias mantendo a língua de seu país de origem, formando os chamados "quistos raciais", que poderiam levar à fragmentação, ou seja, vários países dentro do Brasil.

Olavo Bilac percorreu o Brasil levando, nos seus discursos, o ideário do nacionalismo e a campanha em prol do exército e da educação. A campanha a favor do exército configurava-se como a maneira de se controlar o segundo perigo – a invasão de território pelas nações imperialistas.

Em decorrência desta postura, Olavo Bilac, ao mesmo tempo em que passava a ser considerado como herói nacional, também carregava o título de oficialista. Esse título foi concedido por um congressista que acusou o governo de subsidiar as "tournées oratórias" deste intelectual.¹⁶⁷

¹⁶⁵ NAGLE. *Educação e sociedade na Primeira República*, p. 44.

¹⁶⁶ BITTENCOURT. *Pátria, civilização e trabalho*, p. 25.

¹⁶⁷ SKIDMORE. *Preto no branco*, p. 175. Grifos do autor. NAGLE. *Educação e sociedade na Primeira República*, p. 47.

Apesar de não termos um maior número de fontes que comprovem a relação do Estado com a Liga de Defesa Nacional, notamos que os membros desta Liga faziam parte de cargos do Estado. Oscar Thompson foi diretor de Instrução Pública do Estado de São Paulo e Sampaio Dória, responsável pela "polêmica Reforma Educacional no Governo Washington Luiz".¹⁶⁸

Note-se que, tanto Oscar Thompson como Sampaio Dória, eram membros da Liga Nacionalista. Todo este debate sobre a questão nacional esteve presente também nos anos 30, mas com novos contornos. São discussões como, por exemplo, as travadas na Elaboração do Plano Nacional de Educação em 1937, com a disputa entre as humanidades clássicas e a formação científica moderna. As humanidades clássicas, como uma herança renascentista, baseavam-se no ensino do latim e da literatura clássica. A formação científica era caracterizada por apoiar o conhecimento universal, de caráter enciclopédico, contrário ao ensino da cultura clássica.¹⁶⁹

Ainda nas discussões do Conselho Nacional de Educação:

*Alceu Amoroso Lima, Josué D'Afonseca, o padre Leonel Franca e outros, argumentavam que, justamente em prol da cultura científica, os estudantes deveriam priorizar a formação humanística clássica. Pois a partir dessa sólida formação moral e intelectual, os estudantes se tornariam aptos a melhor absorver os estudos científicos, não mais com um caráter "enciclopédico", mas com a sua devida utilidade.*¹⁷⁰

Segundo Luís Reznik, existia uma polarização do debate clássico *versus* o científico. De um lado, estaria a "Associação Brasileira de Educação", e do outro, o Centro Dom Vital, instituição católica que já estava atuando no Brasil no mesmo período da Liga de Defesa Nacional. O ensino clássico, do qual O Centro Dom Vital era partidário, sinalizava para uma concepção de história que deveria ensinar aos jovens a

¹⁶⁸ BITTENCOURT. *Pátria, civilização e trabalho*, p. 26.

¹⁶⁹ REZNIK. *Tecendo o amanhã*, p. 93.

¹⁷⁰ REZNIK. *Tecendo o amanhã*, p. 94.

"viver com os exemplos de virtude dos que nos precederam no mundo, particularmente a História do Cristianismo regenerador da humanidade".¹⁷¹

Mas foi a decisão do Ministro Gustavo Capanema que deu por encerrada a discussão, reduzindo a carga horária de Física, Química e História Natural com vistas ao aumento da carga horária do Latim. Os católicos, mantenedores das principais escolas secundárias, aplaudiram a iniciativa de Gustavo Capanema.

História Pátria, tradição, alma católica brasileira, são termos vinculados a um bloco ideológico que se torna vitorioso. Nesse bloco encontramos, para os fins da nossa análise, os defensores dos estudos clássicos e os conservadores nacionalistas que propugnavam a volta da cadeira de História do Brasil. Por outro lado, está sendo derrotado um outro conjunto de idéias, vitorioso na época da Reforma Campos, que vinculava estudos "científicos/modernos e universalismo, expressos na implantação da cadeira de História da Civilização".¹⁷²

A defesa dos estudos clássicos refere-se a uma perspectiva que valorizava o passado, como também, nas palavras de Resnik, do *ethos* passadista, símbolo da verdade e do belo, que exaltava, necessariamente, a tradição exemplar e da boa moral. "A exaltação dos costumes pré-existentes está na raiz do nacionalismo conservador expresso pelos defensores da volta da cadeira de História do Brasil".¹⁷³

De um lado, civilização, progresso, futuro encontram-se nos estudos "científicos"; de outro, tradição, vocação, especificidade nacional e patriotismo conjugam-se no ensino do latim e da História Pátria.¹⁷⁴

O projeto vencedor resultou na criação da cadeira de História Pátria, assim como a promoção, pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de um concurso que premiaria o melhor trabalho de um aluno que escrevesse sobre História Pátria.

A História Pátria nasceria, então, como o antídoto contra os inimigos do Brasil, pois

¹⁷¹ Centro Dom Vital – Algumas sugestões do Centro Dom Vital ao Plano Nacional de Educação, São Paulo: Empresa Gráfica Revista dos Tribunais, 1936, p. 49. apud: RESNIK. *Tecendo o amanhã*, p. 98.

¹⁷² REZNIK. *Tecendo o amanhã*, p. 103

¹⁷³ REZNIK. *Tecendo o amanhã*, p. 104

¹⁷⁴ REZNIK. *Tecendo o amanhã*, p. 104.

Estudar a História Pátria é armazenar força para engrandecer o Brasil. Os fatos do passado ainda regem o presente e para este traça as normas do bem viver. O jovem que ignora a História do país onde nasceu ou será amanhã um indiferente ou um inimigo do bem comum. Indiferente porque pouco se lhe dará que a nação progrida ou pereça. Inimigo do bem comum o seu coração, fechado à grandeza e ao esplendor do Brasil de ontem, se abrirá facilmente às doutrinas malsãs, hoje a rondar-nos traiçoeiramente.¹⁷⁵

A existência do discursar em reuniões públicas estava diretamente relacionada ao estudo clássico que, além de marcar a necessidade do passadismo, da história pátria, do nacionalismo reacionário, marcava uma postura retórica que valorizava o bem falar, a oratória, o uso do latim. Tais características eram recorrentes tanto na prática do discursar em reuniões públicas, como também nos sentidos expressos nos discursos de Júlio Castanheira.

Todos estes elementos podem ser percebidos com a análise dos discursos de Júlio Castanheira que eram dirigidos, no primeiro grupo, aos pais, professores e alunos. Estaremos analisando sete discursos pertencentes a esta primeira categoria que foram pronunciados na década de 40 em Bom Sucesso.

Apresentaremos, primeiramente, os aspectos formais, ou seja, os movimentos que Júlio Castanheira realizava internamente no discurso para conferir legitimidade ao que discursava. A noção que se forma é de circularidade ou movimento, pois "a palavra nos envia às relações; as relações, à palavra".¹⁷⁶

São pelo menos três os movimentos que Júlio Castanheira fazia em todos os discursos desta primeira categoria. É importante ressaltarmos, entretanto, que estes discursos eram realizados para as crianças alfabetizadas que, por serem alunos de Júlio Castanheira, possuíam contato com uma comunidade de sentido, difundida nas escolas, que faz referência ao projeto educacional vencedor, marcado pela vocação nacionalista, pela tradição e pelo catolicismo.

¹⁷⁵ Correio da Manhã, 01.02.1940, p. 2. apud. REZNIK. *Tecendo o amanhã*, p. 111.

¹⁷⁶ FRANÇA. *Jornalismo e vida social*. p. 45.

Nesta primeira categoria de discursos, Júlio Castanheira iniciava com um movimento que consistia em persuadir a população a ouvi-lo, mesmo sabendo de antemão que esta situação já havia sido estipulada antecipadamente. O convite feito a Júlio Castanheira, para que representasse a turma, significava um consenso entre a maioria dos presentes, ou seja, Júlio Castanheira possuía as características exigidas de um paraninfo, que podem ser resumidas na representatividade das idéias da turma que se formava.

O significado de Júlio Castanheira ter sido escolhido para representar a turma refere-se a um consenso entre os participantes que o aprovaram como interlocutor. Era, então, de conhecimento dos participantes a competência de Júlio Castanheira. Mas, no primeiro movimento, este mediador utilizava como recurso a desconstrução deste pacto. Mencionava, então, que não entendia a razão de ter sido escolhido para agenciar tal situação, pois não possuía a capacidade retórica que lhe era exigida. Neste momento, um movimento que tendia à desconstrução acabava por reafirmar sua competência, pois, além da competência previamente compartilhada entre os participantes, existia agora um pacto de humildade.

O segundo movimento tinha início quando Júlio Castanheira se referia a um conjunto de sentidos compartilhados, indubitáveis para as crianças. Estes sentidos são perceptíveis no discurso 19, pronunciado na década de 40, em homenagem a uma professora da Escola Normal. Neste discurso, Júlio Castanheira convoca os interlocutores mencionando o papel desta professora para a instituição (primeiro movimento). Remete, depois, para um acontecimento passado que deveria ser um sentido compartilhado. Recorre a Roma e a uma citação de Jano Bifronte, afirmando que "felizes os povos que não têm história. Mais ditosos, porém, aqueles que a têm e de

que se não envergonham".¹⁷⁷ Jano era um personagem mítico, o mais antigo rei do Lácio. Jano acolheu Saturno que havia sido expulso do Céu e, como reconhecimento, recebeu o dom de ver tanto o passado como o futuro. Esta dupla faculdade é mostrada imagetivamente na representação de duas faces coladas, uma olhando para frente e outra para trás, ou seja, a caracterização da visibilidade do passado e do futuro.

Júlio Castanheira, ainda neste segundo movimento, remete à importância da tradição que poderia ser acessada pela leitura, ao mostrar os grandes exemplos de um passado de força da raça e da nacionalidade. Júlio Castanheira inicia, então, o terceiro movimento, voltando a Bom Sucesso e dizendo que, se fôssemos contar a história desta cidade, sem sombra de dúvida, nos depararíamos com a professora que estava sendo homenageada. Estes três movimentos, que apresentamos de forma “congelada”, aparecem na tessitura do texto como homogêneos.

Os três movimentos se completam fechando um círculo que começava com um pacto firmado entre os interlocutores, apresentando o propósito da ocasião. Inicia-se o segundo movimento, referindo-se a um sentido compartilhado e de inegável importância. O terceiro movimento é iniciado quase como uma consequência natural e continuidade do primeiro, ao relacionar um acontecimento inquestionável como parte da situação em que se realizava o discurso. No discurso analisado, a importância da história e da tradição é incontestável e, por isso, segundo Júlio Castanheira, nada mais natural que a realização daquela homenagem.

A presença de Jano Bifronte marca muito bem o momento que é capaz de mostrar tanto o passado como o futuro de Bom Sucesso. É importante ressaltarmos, ainda, que a mitologia era uma das matérias ensinadas por Júlio Castanheira na Escola onde trabalhava e, por isso, a referência é um elemento incontestável.

¹⁷⁷ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 19*.

Os movimentos apresentados no discurso 19 também estão representados no discurso 10, também pronunciado na década de 40. Júlio Castanheira inicia seu discurso mencionando que não deveria estar ali naquele momento com as seguintes palavras:

Meninas, quando vós me levastes a notícia de que preparareis uma festinha para mim, pedi-vos sem a hipocrisia de fementida modéstia, que não fizésseis isso, pois, estou mui aquém da homenagem¹⁷⁸. (primeiro movimento).

Inicia-se o segundo movimento com Júlio Castanheira tentando equivaler sua situação com Orellana¹⁷⁹ e, para conferir legitimidade à sua menção, diz ter retirado a história de uma "vetusta crônica". Orellana teria partido em busca do Eldorado, país este em que se localizavam fabulosas minas. "O Eldorado seria uma terra imaginária, que Orellana, oficial de Pizarro, teria descoberto entre o Amazonas e o Orenoco e onde – dizia ele – existia ouro em enormes quantidades".¹⁸⁰

Uma descrição recorrente nos discursos, ainda para caracterizar a situação de Orellana, é mostrar ao ouvinte os cenários. Eram imagens que se formavam à frente do ouvinte que eram fundamentais no exercício retórico, como recurso de obtenção da legitimidade. Note-se que esta característica é mais recorrente para a população alfabetizada, pois, para a outra categoria de discursos, é necessário que se relacione o recurso imagético e também o auditivo, que explicaremos na segunda categoria de discursos.

O efeito de verdade produzido pelas imagens transformaria sentido em forma:

Na realidade, aquilo que permite ao leitor consumir o mito inocentemente é o fato de ele não ver no mito um sistema semiológico, mas sim um sistema indutivo: onde existe apenas uma equivalência, ele vê uma espécie de processo causal: o significante e

¹⁷⁸ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 10*.

¹⁷⁹ Orellana teria descido, em 1547, o rio que recebia o nome de mar Dulce tendo sido atacado "por índios de cabelos compridos, cuja aparência lhe fez supor haver combatido com uma horda de mulheres guerreiras, o que o levou a designar o rio das Amazonas. *Dicionário Prático Ilustrado*. Direção de Jaime de Séguier. Porto: Lello e Irmão, 1967. Verbete Amazonas, p. 43.

¹⁸⁰ *Dicionário Prático Ilustrado*. Direção de Jaime de Séguier. Porto: Lello e Irmão, 1967. Verbete Amazonas.

*o significado mantêm, para ele, relações naturais*¹⁸¹.

O recurso imagético já foi explorado no segundo capítulo, nas relações entre cultura auditiva e imagens, mas pode ser novamente ressaltado com outros autores. Como nos afirma Maria Helena Capellato, "a formação ibérica as habituou ao uso e ao culto de imagens/símbolos propagados pelo catolicismo desde a conquista da colonização".¹⁸² Vera França também mostrou qual a função das imagens

*[...] esse processo de religação, esse movimento de constituição da comunicação se faz senão através de imagens. Existe uma atmosfera de sentido que atravessa o processo inteiro. É no domínio das imagens, desencadeadas pela mensagem, imagens que cercam a relação inteira (imagens da relação, imagens dos interlocutores, imagens da situação extracomunicacional) que chegamos a esse processo de junção operado pela comunicação. A comunicação tem a ver com esses múltiplos elementos, e é nesse processo de ligação estabelecido através das imagens, que fechamos o círculo, que atingimos a pluralidade, mas ao mesmo tempo, a unificação da comunicação.*¹⁸³

É neste sentido que Júlio Castanheira recorre aos cenários:

*Terra bendita, acrescentamos, em cujas campinas, pasce tranqüila a ovelha e o luar; em que campeia livre a gazela e o tapir; Terra bendita, onde florescem a bonina e as gestas; Terra feliz, em que sopra a brisa e a monção; País mirífico em que serpeia o Amazonas e o regato cristalino; em cujo solo se esconde o diamante e a opala; em cujas rochas tremeluzem as cintilações do ouro; em cujas fontes brota a saúde nas águas minerais; em cujas florestas exuberantes águas minerais; em cujas florestas exuberantes crescem e vivem os gigantes da flora.*¹⁸⁴

Tanto Júlio Castanheira como Orellana se perguntavam: porque foram escolhidos? Não se separam mais Orellana e Júlio, apesar da situação diferente, o mesmo sentimento os teria acometido. Um pelo momento do discursar, outro por ter encontrado o paraíso. Júlio Castanheira afirmava que apenas estava cumprindo seu dever e que seu esforço era apenas uma minúscula contribuição, mas que se esforçava para que o Brasil ocupasse o lugar a que teria direito. Júlio Castanheira remetia, então, a

¹⁸¹ BARTHES. *Mitologias*, p. 151.

¹⁸² CAPELATO. *Multidões em cena*, p. 35.

¹⁸³ FRANÇA. *Jornalismo e vida social*, p. 55.

¹⁸⁴ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 10*.

Barroso, representante da história pátria. Barroso, oficial da marinha, nascido em Portugal, comandara a esquadra brasileira na batalha de Riachuelo, enfrentando

inimigo heróico e fanático, exposto às balas que saíam, lançou aos ares o brado “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”. É o que tenho tentado fazer. Bem ou mal trato de desempenhar a minha missão incutindo sempre que possível na alma das crianças amor acendrado a Deus e ao Brasil.¹⁸⁵

Os discursos pronunciados nesta categoria, como dissemos, tinham como meta elencar um conjunto de regras que deveriam ser seguidas pelas crianças que se formavam. É nesta situação que se apresentava, em 1946, o discurso 4 pronunciado por Júlio Castanheira. No primeiro movimento, buscando seus interlocutores, Júlio Castanheira mencionara que iria contar a história de uma criança que era amiga do Brasil. Esta criança era o primeiro aluno da escola, o primeiro que chegava à sala de aula. Júlio Castanheira, através do exemplo desta criança, começava a enumerar todas as características de um bom aluno. Antes que os colegas chegassem, afirma Júlio Castanheira, já estava ele assentadinho em sua carteira, estudando. Ninguém aparecia antes dele. Cumpria religiosamente os seus deveres e

recebia do mestre e dos colegas aplausos e demonstrações de amizade, pois era menino trabalhador delicado e respeitava muito o professor e os companheiros. Todas essas qualidades bonitas atraíram para ele a simpatia e a admiração de todas que com ele conviviam.¹⁸⁶

O aluno terminou com brilhantismo o curso primário, ingressando no curso ginásial. Júlio Castanheira continuava sua narrativa utilizando-se da expressão "se não erro" para se aproximar ainda mais do interlocutor. Esta expressão tem como estratégia a de mencionar que a narrativa não tinha sido preparada com antecedência. Os colegas, continua Júlio Castanheira, resolveram pregar uma peça chegando mais cedo que a brilhante criança na sala de aula. E o planejamento, como adianta Júlio Castanheira, era

¹⁸⁵ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 10*.

¹⁸⁶ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 10*.

o de recebê-lo com uma salva de palmas. Júlio Castanheira deixa claro, entretanto, que esta "peça" era de consentimento dos professores. No dia seguinte, noite ainda, já estavam todos escondidos na sala de aula, alunos e mestres.

Qual não foi porém o seu assombro, quando o rapaz entra carregado às costas por um empregado da casa. É que ele desde pequeno havia sofrido paralisia infantil. Todos apareceram e foram pedir ao companheiro desculpas e perdão. Compreendiam tudo agora.¹⁸⁷

Esta criança cresceu e foi presidente do "grande país da América do Norte, os Estados Unidos". Segundo Júlio Castanheira, este eminente homem enfrentou Adolf Hitler e todos os seus "comparsas e impediu com pulso de gigante que o gênio do mal triunfasse, levando a todos os povos a infelicidade, a escravidão, a ruína e todo o mal, chamou-se Franklin Delano Roosevelt."¹⁸⁸

Júlio Castanheira tenta persuadir os interlocutores, mencionando que a competência não está relacionada a limitações físicas. Qualquer limitação poderia, segundo ele, ser vencida com o trabalho. O trabalho seria, então, a fonte de redenção de todos os males existentes. Estudar e trabalhar seriam as grandes máximas. "O trabalho engrandece a pátria e a si mesmo, aperfeiçoa o caráter, eleva a alma até Deus, pois trabalhar é entrar em comunhão, em pensamentos e em obras com o Pai."¹⁸⁹

A temática do trabalho é recorrente e fica mais clara no discurso 7 pronunciado por Júlio Castanheira. Referindo-se ao "portentoso e sábio Rui".

Não é trabalho digno de tal nome, di-lo Rui, o do mau, porque a malícia do trabalhador o contamina. Não é oração aceitável a do ocioso, porque a ociosidade a dessagra.¹⁹⁰

¹⁸⁷ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 10*.

¹⁸⁸ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 10*. Franklin Delano Roosevelt foi eleito presidente dos Estados Unidos da América em 1933, reeleito em 1936, 1940 e 1944. Decidiu a participação dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial e teve parte importante na vitória dos Aliados.

¹⁸⁹ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 10*.

¹⁹⁰ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 7*.

Esta citação foi retirada de Rui Barbosa em seu discurso pronunciado na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1920¹⁹¹. Júlio Castanheira afirmava que, para comprovar esta premissa, poderia fazer uso de vários exemplos de nossa história, mas que se valeria de apenas dois. Antônio Vieira, da terra onde "o sol em nascendo vê primeiro entregar seu coração grande e magnânimo ao Brasil, pátria que idolatrava".¹⁹² Mas este conhecido orador, Vieira, tinha um pequeno problema: era "Bronco e rude, a vergonha da classe".¹⁹³

*Pois bem. Aos pés da Virgem Santíssima, mãe carinhosa, e a quem devotava fervente amor, rogava Vieira, dia e noite, que lhe desse um pouco de inteligência. Certa vez, em que mais veementemente orasse, deprecando da Rainha dos Céus o que vinha, muito havia, impetrando, estalou-se-lhe a cabeça e transformação pronta se operou. Seu cérebro liso, até então, encheu-se de circunvoluções e Vieira tornou-se, desse momento em diante o aluno modelo, com admiração e pasmo dos que o haviam conhecido.*¹⁹⁴

O segundo exemplo da capacidade da oração vinha de outro padre, Suares, que havia sido rejeitado, em 1564, pela Companhia de Jesus. Sofria do mesmo problema do Padre Antônio Vieira, era, na expressão de Júlio Castanheira, burro. O mesmo caminho de Vieira foi seguido por Padre Suarez, obtendo inteligência após muita oração.

*Não nos deu talento, alcancemo-lo pelo labutar honesto e perseverante. Falta-nos engenho? Oremos, e o Senhor na sua infinita bondade choverá sobre nós em poeira doirada o que nos faz mister.*¹⁹⁵

Júlio Castanheira, ao se referir novamente ao "portento de Haya", mencionou que o trabalho deveria antecipar-se ao nascer do dia. Estas pequenas narrativas utilizadas, de padre Antônio Viera e do Padre Suarez, foram ambas retiradas do discurso pronunciado por Rui Barbosa, denominado Oração aos Moços. Rui Barbosa é uma referência recorrente nos discursos de Júlio Castanheira que, em parte, confirma a

¹⁹¹ BARBOSA. *Oração aos moços*. Discurso na Faculdade de Direito de São Paulo em 1920.

¹⁹² CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 7*.

¹⁹³ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 7*.

¹⁹⁴ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 7*.

¹⁹⁵ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 7*.

hipótese de Antônio Cândido para tratar da ausência de leitores no Brasil. Segundo Antônio Cândido, Rui Barbosa seria o exemplo da encarnação da inteligência no século XX sem nunca ter sido lido fora de algumas páginas de antologia. A presença de Rui Barbosa nos discursos de Júlio Castanheira, na década de 40, é muito ilustrativa para demarcar a existência do conceito de "cultura auditiva", formulado por Costa Lima, e em que nos baseamos para tratar de formas alternativas de transmissão da literatura que não passassem necessariamente pela leitura. O trabalho, a religião, a educação e a tradição eram os pilares básicos que Júlio Castanheira utilizava nesta primeira categoria de discursos.

Apesar de não fugir totalmente dos pilares tradicionais, o segundo grupo de discursos, pronunciados para o público em geral da cidade de Bom Sucesso, marcava algumas diferenças em relação ao primeiro grupo. Diferente dos discursos realizados nas formaturas, os discursos para o público em geral faziam uso da indeterminação pessoal, como se os relatos fossem indiscutíveis.

Os aspectos formais deste segundo grupo de discursos merecem referência, pois, diferentemente do primeiro, ocupavam agora a praça pública. Grande parte dos ouvintes dos discursos era analfabeta e, por isso, possuía exigências específicas que comporiam este grupo de discursos. Para a população que não tinha domínio da leitura, o recurso mnemônico transformava-se na chave de retenção de um conjunto de representações supostamente partilhadas. A memória passava a ser o grande depositário de um grande número de informações da sociedade à qual pertencia.

Neste sentido, o alvo das pessoas que não tinham acesso à leitura passava pelo ouvido. Os discursos eram, como nos demonstra Eric A. Havelock, "elaborados de modo a prender a atenção do ouvido, e não do olho, arranjos correspondentes a

sensibilidades acústicas, de audiências que haviam de escutar e recordar algo do que ouviram".¹⁹⁶

Mostraremos como Júlio Castanheira, diferentemente do primeiro grupo de discursos, utiliza-se de alguns recursos para a população analfabeta, mas primeiro analisaremos os temas dos discursos e, como já mencionamos, tratava-se de relatar a origem do povo brasileiro. O determinismo aparecia, assim, como a chave explicativa para relacionar a união dos brasileiros.

Júlio Castanheira começava os discursos relacionando um passado comum da nossa história, buscando contar, através dos discursos, a respeito de uma origem comum a todos os presentes na ocasião.

Assim, no discurso 1, Júlio Castanheira afirmou que o Brasil se formou pelo caldeamento de 3 raças heterogêneas que "se fundiram no esplendoroso Pindorama", [e por isso] tem o brasileiro, a noção mais ampla de liberdade".¹⁹⁷ Júlio Castanheira começava a descrição racial caracterizando, primeiramente, o negro que, ainda na África, "campeava pelos sertões do Congo, pelos vales escaldantes do Niger e do Zambézia, pelas areias adustas do Saara".¹⁹⁸ Percorria as matas gigantescas da sua pátria,

*galgava os montes, de cujos cimos contemplava a imensidão da África misteriosa e hauria, em largos haustos, o ar sadio e perfumado; palmilhava as campinas e desertos, só obedecendo ao maioral da sua tribo e temendo os seus feitiços, a que prestava culto doentio.*¹⁹⁹

Nas palavras de Júlio Castanheira, quando o negro foi levado para as terras distantes, sentiu a falta das condições naturais da sua pátria, como o sol tórrido, a cascata límpida onde,

¹⁹⁶ HAVELOCK. *A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais*, p.13.

¹⁹⁷ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 1*.

¹⁹⁸ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 1*.

¹⁹⁹ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 1*.

*sedento, mitigava a sede; buscava a choça de sapé, em que nascera e crescera feliz e despreocupado; procurava, na febre que minava o ser, divisar, por entre os ramos floridos, a sua noiva querida, eleita de sua alma, que lá ficara ralada de dor.*²⁰⁰

A natureza africana, da qual o negro fazia parte, escondia feras incríveis que apareciam na memória do negro em um momento febril, remetendo ao amigo dileto, companheiro de infância, que teria sido estraçalhado pelo rei das selvas. Mas, apesar destas características cruéis, o negro sentia ainda saudade do torrão natal que a distância e a saudade transformavam em banzo, e o negro "preferia mil vezes a morte à escravidão".²⁰¹ Era uma liberdade vigiada, pois, além dos perigos naturais, existia ainda o maioral da tribo de quem o negro temia os feitiços e a quem prestava culto doentio.

Continuando o relato do nascimento do brasileiro, aparece a segunda "raça", o índio, que é apresentado comparativamente ao negro e a primeira diferença é a conquista da liberdade

*o silvícola de nada se arreceava; voava e corria, como Moema e Paraguaçu, as morenas virgens, pelas campinas em flor, ligeiras, quais corças e livres como a gazela; atirava-se aos rios; vencida catadupas, varava mata milenárias, cujos recantos conhecia como ninguém; perseguia, na carreira o tapir e lutava com o jaguar de que sempre saiu vencedor. Opunha o corpo vigoroso ao ataque traiçoeiro da jibóia; expunha-se, sem vacilar, a quaisquer perigos para salvar um amigo ou protegido.*²⁰²

O silvícola aparecia idealizado, como nas descrições que eram recorrentes na obra de José de Alencar, "onde é livre ainda, como o filho indômito desta pátria da liberdade".²⁰³

*Aí, o Paquequer lança-se rápido sobre o seu leito, e atravessa as flores como o tapir, espumado, deixando o pelo esparso pelas pontas de rochedo enchendo a solidão com o estampido de sua carreira.*²⁰⁴

Ainda em José de Alencar:

²⁰⁰ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 1*.

²⁰¹ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 1*.

²⁰² CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 1*.

²⁰³ ALENCAR. *O guarani*. Obras completas. Volume 1, p. 9.

²⁰⁴ ALENCAR. *O guarani*. Obras completas. Volume 1, p. 9.

A vegetação nessas paragens ostentava outrora todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendiam ao longo das margens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capitéis formados pelos leques das palmeiras.²⁰⁵

Para se referir aos índios, Júlio Castanheira citou o exemplo de Moema e Paraguaçu, duas figuras da literatura, que são utilizadas para representar a liberdade indígena.

Moema, índia do romance *Caramuru* — "princesa de tão alta estirpe e de tão grande beleza que a todos os pretendentes fora sempre negada"²⁰⁶ – se apaixona por Diogo, o "herói colonizador", português e, por isso, o "motor da sociedade brasileira," o mais evoluído moral e fisicamente.

Diogo, filho do Trovão, se apaixona por Paraguaçu, que estava sendo levada para França, quando

avista a mais linda de todas as índias - a suave e discreta Moema - agarrada ao próprio leme do navio! Em gritos lancinantes, pranteia o seu abandono, acusa Paraguaçu de ser o gênio mau do Herói que a enfeitiçara, e diz a profundidade, o anseio e a sinceridade da sua paixão.²⁰⁷

Esta passagem ocupou, por algum tempo, a atenção de alguns analistas por relacionar mito com elementos acontecidos, históricos. Assim foi a análise de João Ribeiro, em seu *Manual de História do Brasil*, para o curso superior. Júlio Castanheira possuía, ainda, os seguintes livros desse autor na biblioteca: *História Universal*, *História da Civilização*, *A Instrução Pública*, *História do Brasil*, *História da Civilização*, *A língua nacional*. Júlio Castanheira possuía 23 livros de João Ribeiro.

João Ribeiro escreveu sobre *Caramuru* e, segundo este autor, esta passagem da História é uma lenda, mas, como já foi mencionado, com vários fatos "históricos":

O vácuo produzido por êsse desdém [pela colonização] originou as lendas aventurosas próprias dos países primevos e sem história, e,

²⁰⁵ ALENCAR. *O guarani*. Obras completas. Volume 1, p. 9.

²⁰⁶ DURÃO. *O caramuru*, p. 44.

²⁰⁷ DURÃO. *O caramuru*, p. 92.

assim se formou a epopéia do CARAMURU, o dragão do mar — um português que naufraga na Bahia nos primeiros anos do descobrimento [...]. É falso, porém, que estivesse na corte de Henrique II e fizesse aí batizar a linda esposa Paraguaçu com o nome de Catarina (de Médicis).²⁰⁸

Ao voltarmos ao discurso de Júlio Castanheira, notamos que outra diferença marcante, além da liberdade, era a força com que, diferentemente do negro, o índio se expunha para salvar qualquer amigo ou protegido e sempre saía vencedor. É importante ressaltarmos que a visão do índio como preguiçoso, inapto para a escravidão não é utilizada por Júlio Castanheira em sua análise. A liberdade do índio estava vinculada à sua relação com a natureza, pois, diferente do negro, não prestava culto doentio ao chefe de sua tribo e, por ter criado tanto amor à liberdade, nunca se sujeitaria à escravidão.

Em uma escala evolucionista, aparecia a raça mais importante constituinte da nacionalidade, a portuguesa. O português teria se lançado ao mar pela necessidade do comércio e, principalmente, para propagar a fé cristã: "lançou-se o português por mares ignotos, tidos pela mentalidade da época como cheios de perigo e habitados por monstros fabulosos".²⁰⁹

Note-se que a relação entre as determinações da natureza é uma constante presença nas descrições das raças. O índio teria, como característica, a liberdade em decorrência de ter, desde sempre, corrido nas matas milenares e, por isso, nunca se sujeitava à escravidão. O português não foi diferente. Através dos elementos "encapelados, surgiu o destemeroso nauta que se tornou senhor dos mares e oceanos".²¹⁰ Mesmo com a distância, estando perdido no "negrume das noites tempestuosas ou extasiado ante um por de sol das regiões tropicais".²¹¹

²⁰⁸ RIBEIRO. *História do Brasil*, p. 47.

²⁰⁹ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 1*.

²¹⁰ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 1*.

²¹¹ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 1*.

A saudade, comum ao negro, apresentava-se como uma constante também no português, pois

Era a saudade que o animava, lhe fortalecia o ânimo, se alquebrado; amparava-o nos desfalecimentos e quando os perigos se achavam sobrepujados, era ela que lhe enchia o peito de justo orgulho; orgulho do luso que sabe idolatrar o pedacinho de terra, plantado à beira-mar e que tantos filhos heróicos teve para honrar a História.²¹²

Outra descrição, que representava as relações entre as determinações da natureza na formação das características do português, aparecia com a metáfora dos pólipos que se agregavam e iam, paulatinamente, petrificando-se e constituindo os arrecifes de corais e ilhas. Assim, segundo Júlio Castanheira, surgia o sofrimento com a preocupação dos pais, filhos, noivas, mães e amigos dos marinheiros, “perdidos em horizontes afastados, em lutas com os elementos, distanciados do ninho paterno por longos dias”,

Semanas e meses, famintos e sedentes vezes inúmeras, tal se foi acumulando na alma dos filhos de Portugal, o belíssimo sentimento, a saudade, que poucos povos, sentem, já que a língua vernácula é o reflexo da alma nativa, e raras têm vocábulo para traduzi-lo.²¹³

Depois de todas as caracterizações individualizadas de cada raça, Júlio Castanheira separa a contribuição de cada uma. O negro teria doado a "mansides e a resistência à dor, o índio, o amor à liberdade, e o luso, a fortaleza d'ânimo".²¹⁴

Na descrição do negro, a misteriosa África, com o vento quente e violento, pestilencial e mortífero, que soprava na África e na Arábia, o *simun*. É possível percebermos que o negro foi totalmente dominado, antes pelo maioral de sua tribo depois pelos portugueses. O negro não tinha vontade, como aparece em vários trechos, pois foi "levado para longes terras", deixava-se levar, deixava-se sucumbir".

²¹² CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso I*.

²¹³ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso I*.

²¹⁴ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso I*.

O índio era mais livre, pois de "nada se arreceava" e sua relação com a natureza produziu-lhe o espírito de liberdade. O português, por sua vez, representava o herói civilizador e, de tanto lutar contra os "elementos encapelados", surgiu o destemeroso nauta.

A justificativa para que o português tivesse se arriscado tanto, como já foi dito, seria pela "necessidade de comércio e, principalmente, para propagar a fé cristã". E o que lhe animava era a saudade e suas relações com a natureza e, por isto, a característica principal deste "elemento" responsável pelo brasileiro foi a "fortaleza d'ânimo".

A escolha de mencionarmos as características raciais, para apresentarmos a construção da nacionalidade brasileira, foi também o caminho de Reznik ao afirmar que estudou e também chegou a manusear, como professor, no início da carreira, uma série de livros de Educação Moral e Cívica e também de História do Brasil que faziam uma tipologia das raças

*Branco, negro e índios – conjugada com um quadro gráfico – configurativo de uma estrela de seis pontas – relativo aos diversos cruzamentos interraciais: branco e índio = mameluco; branco e negro = mulato; índio e negro = cafuzo. Na ponta superior da estrela estava o branco.*²¹⁵

O brasileiro seria formado, então, do conjunto das características destas três raças.

*Do conjunto de tôdas, amalgamadas, no cadinho da saudade, surgiu a intrepidez do bandeirante; o heroísmo de Vidal de Negreiros, a altivez de Borba-Gato, a atitude magnífica do Padre Roma, apontando o coração aos soldados que o iam fuzilar; o desassombro de Joana Angélica, que se opôs, altiva, às tropas lusas que pretendiam arrombar as portas do Convento da Lapa.*²¹⁶

Com a união destas três raças amalgamadas, no cadinho da saudade, teria nascido a "altivez de Borba-Gato, a atitude magnífica do Padre Roma"

²¹⁵ REZNIK. *Tecendo o amanhã*, p. 179.

²¹⁶ CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso I*.

*Felipe dos Santos e Tiradentes são vultos, cujos nomes a História insculpiam, em suas páginas, com letras de ouro e revérbero de lantejoulas.*²¹⁷

Estes grandes vultos, segundo Júlio Castanheira, teriam morrido por um ideal responsável pela escrita do magnífico verso de Virgílio: "Libertas quae sera tamen".²¹⁸

A história pátria, segundo Júlio Castanheira, continuava sendo refeita com inúmeras provas ao Brasil. João Fernandes Vieira, Anita Garibaldi, a sublime heroína de dois mundos, Caxias, Barroso, Tamandaré, Poti, Andrade Neves

*Recebera Vieira ordens terminantes para depor armas. Iremos, respondeu com o rosto angustiado pela cólera, viemos ao reino receber o castigo de nossa desobediência, mas isso depois que tivemos expulsado do Brasil o invasor holandês.*²¹⁹

Júlio Castanheira, na tessitura do texto, passa a enumerar o grande número de pessoas que se sacrificaram pelo Brasil. Eram, em sua descrição, homens quase sem armas que se opuseram aos Flamengos. E venciam, porque eram brasileiros que sabiam adorar "até o delírio o nosso querido Brasil".²²⁰

*e esse amor transformou esse pungido de homens, esses soldados inexperientes em valorosos lutadores e que iriam mostrar, nos Guarararapes, de que fibra é feita a alma dos filhos do Brasil.*²²¹

E talvez a maior referência à liberdade aparece com a descrição da Independência do Brasil. Apesar do grande número de contribuições do português para a constituição da nacionalidade, depender de Portugal seria uma afronta. As rebeliões que surgiram foram sempre afogadas em sangue. E, novamente, para usar as imagens da natureza, Júlio Castanheira afirmava que todo o sangue derramado no solo produziu sementes maduras que deram origem a revoltas mais vigorosas e promissoras. A referência às sementes parece adequar a parábola do semeador, que lançava sementes que não encontravam terreno fértil para crescer.

²¹⁷ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso 1*.

²¹⁸ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso 1*.

²¹⁹ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso 1*.

²²⁰ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso 1*.

²²¹ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso 1*.

A violência praticada serviu, nas palavras de Júlio Castanheira, para estreitar os laços de união dos brasileiros. O resultado desta união seria a busca da liberdade. As inúmeras tentativas, de libertação de Portugal, eram vistas como "devaneios de poetas". As leis impostas por Portugal eram injustas e não se podia mais protelar a independência.

*Às margens do riacho Ipiranga, certificado do que se fazia em Portugal D. Pedro, irado, atirando ao chão o laço português, soltou o brado que nos libertou do jugo de Portugal. E esse grito ecoou com toda a plenitude do seu significado: Liberdade.*²²²

Júlio Castanheira, depois da descrição do grito do Ipiranga, muda a pessoa do discurso, antes indeterminada passa agora a referir-se a "nós" para relatar os acontecimentos. Júlio Castanheira, depois de ter relatado a origem do brasileiro de forma indeterminada, como se os personagens não tivessem participação efetiva ou escolha, passa depois a usar o "nós" como se a história já estivesse feita, mas que dependeria agora da participação de todos: "Desse momento em diante somos senhores em nosso próprio lar."²²³ Isto é, antes o sujeito era indeterminado, passando agora a relacionar Júlio Castanheira e a população como membros de uma mesma comunidade de sentido, ou seja, um passado que se manifesta no presente.

*Somos livres como o é o estrangeiro que aqui vem trabalhar, colaborar conosco para o engrandecimento do país, laborando honestamente para que possamos merecer as bênçãos de Deus e o amparo sagrado da Querida Nossa Senhora do Bom Sucesso.*²²⁴

O resultado de um povo trabalhador, honesto e unido seria compensado com a bênção da Nossa Senhora de Bom Sucesso. "A virgem estará sempre conosco, estenderá sobre nossa Terra o seu manto constelado, porque o Brasil foi uma lágrima de Deus que se projetou do infinito, cristalizou-se e se incrustou na América".²²⁵

²²² CASTANHEIRA, Júlio *Discurso I.*

²²³ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso I.*

²²⁴ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso I.*

²²⁵ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso I.*

A descrição elaborada passa a se assemelhar quase a um ritual. Uma terra abençoada por Jesus, "alumiada pelas Constelações do éter, beijada pelas brisas do mar que lhe vêm trazer no seu carinho aveludado, o tributo da sua vassalagem."²²⁶

*Terra bendita, em que o toque solene e merencório do Angelus, repercutindo-se e espraiando-se pelo território pátrio, convoca todas os brasileiros dos solares soberbos e suntuosos às mais humildes choupanas, para que, ajoelhados, abram a sua alma à Virgem Santíssima e recebam no Gazofiláceo do coração a benção que ela nos envia e a paz e proteção que Ela e Jesus derramam sobre nosso adorado céspede. Pai Santíssimo, dos páramos infinitos, onde demorais, enviai vossa bênção sobre nosso Brasil!*²²⁷

O povo de Bom Sucesso estava, segundo Júlio Castanheira, disposto a oferecer à Virgem de Bom Sucesso

*um altar ao vosso Filho, bracejados de pedrarias raras e em que empregamos às mandarias, os fulgor das estrelas, as cintilações resplendentes dos brilhantes preciosos de Nizam, ocultos na fortaleza de Golconda; a fulgurância ensangüentada dos rubis; as pérolas da Pérsia e de Manaar; turquesas e opalas; as esmeraldas de Ceilão e os tesouros de incalculável valor dos Xás da Pérsia e dos Rajas da Índia quimérica e lendária, as magníficas pedrarias dos califas de Bagdá, [...].*²²⁸

Todas estas riquezas oferecidas seriam necessárias para que fosse feito um pedido que "entre nós não se arrinchem idéias malsãs"²²⁹. Júlio Castanheira suplica que não deslustremos nossas tradições de povo ordeiro e livre, deixando que

*doutrinas exóticas encontrem campo feroz entre nós; mas, fazei Mãe Querida, que cultuemos, com carinho, a Justiça e tenhamos amor profundo ao Brasil, a esse Brasil que merece toda a nossa feição.*²³⁰

Já mencionamos, neste texto, algumas características deste projeto de sociedade que foi vencedor e que prescrevia os valores da tradição, da educação e da religião. O "novo", como oposto à tradição, representaria o fim de uma sociedade ordeira e católica

²²⁶ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso 1*.

²²⁷ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso 1*.

²²⁸ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso 1*.

²²⁹ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso 1*.

²³⁰ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso 1*.

que permitiria o avanço das doutrinas exóticas, expressão tão recorrente na época de 1937 a 1945.

Podemos observar no jornal *Minas Gerais*, a partir de 1937, o empenho do Governo Vargas pela valorização de uma comunidade de sentido relativa à ordem, expresso na campanha de "Reconstrução do Brasil", antes ameaçado pela desordem.

*Estamos na aurora de uma fase nova, cujo advento se impregnou de sentimentos fundamentalmente brasileiros, que devemos e nos cumpre dominar com altivez. [...] É imperiosa a obra de reconstrução nacional, cujas bases essenciais e norteadas se inscrevem no estatuto político que o gênio do presidente Getúlio Vargas nos conferiu.*²³¹

A ação "pertinaz, laboriosa, proficiente, ordeira, desinteressada, em benefício da Pátria" eram os termos utilizados para denotar a "Reconstrução do País". Se o processo de reconstrução exigiria um trabalho gigantesco, que o buscassem na própria Pátria, "na sua imagem fidedigna, na sua encarnação simbólica".²³²

A Bandeira do Brasil teria sido, durante cinco décadas da vida republicana, "a testemunha silenciosa dos nossos acertos e dos nossos erros, das nossas conquistas pela civilização e dos nossos recuos na identificação consciente e nacionalista de nós mesmos".

*Contemplemos o pedaço de pano sagrado em que o Brasil se esculpe e adensa, porque essa contemplação, que devia ser permanente exercício de vigília cívica, nos ensinará o amor entranhado da terra adorada, que Deus cumulou de riquezas para ser a região edênica de um povo nascido para as efusões da liberdade e da grandeza.*²³³

A partir de 1917, com a Liga de Defesa Nacional, já se prescrevia a necessidade de se controlar tanto o perigo interno como o externo. Mas a intensificação da construção de um imaginário anticomunista ocorre quando do comício da Aliança

²³¹ "SALVE, lindo pendão da esperança". COMEMORAÇÕES do Dia da Bandeira. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 36, n. 263, 19 nov. 1937, p. 1.

²³² "SALVE, lindo pendão da esperança". COMEMORAÇÕES do Dia da Bandeira. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 36, n. 263, 19 nov. 1937, p. 1.

²³³ "SALVE, lindo pendão da esperança". COMEMORAÇÕES do Dia da Bandeira. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 36, n. 263, 19 nov. 1937, p. 1.

Nacional Libertadora. Em comemoração às revoluções tenentistas de 1922 e 1924, o comício iria "ser realizado no dia 5 de julho de 1935, na capital federal, quando seria lido o manifesto revolucionário de Prestes à nação, [...]".²³⁴ Segundo Eliana Dutra, este comício foi o suficiente para que "o país se visse mergulhado num crescente clima de apreensão".²³⁵

As preparações das festas cívicas foram intensificadas, seja na publicação de leis específicas, pelo governo Vargas, ou pela grande campanha publicada nos jornais sobre as mesmas.

Em 1920, o controle do perigo interno passou a ser de responsabilidade das escolas, com grande número de campanhas, em 1937 não foi diferente. As escolas receberam o encargo de manter a ordem para deter o avanço das idéias comunistas na sociedade mineira e, para isso, seriam adotadas medidas para promover o saneamento cívico dos meios escolares.

Neste sentido, o decreto número 1007, de 22/10/1937, instituiu uma comissão para que se formulassem sugestões para se aumentar a eficiência do ensino cívico nas escolas de Minas Gerais. Em outro decreto, número 1008, também de 1937, existia a nomeação de uma comissão para orientar a propaganda anticomunista, por meio de jornais, revistas e radiodifusão, e censurar todas as obras de caráter didático, técnico, político-social ou simplesmente literário que tivessem por finalidade, direta ou indireta, propagar idéias comunistas.²³⁶

O comunista apareceria, segundo Eliana Dutra, quando fosse preso pela polícia e inúmeras foram as aparições, como tenta demonstrar o governo Vargas:

Rio, 9 (S.E.) - A bordo do "Itanage", chegaram presos a esta Capital,

²³⁴ DUTRA. *O ardil totalitário*, p. 36.

²³⁵ DUTRA. *O ardil totalitário*, p. 36.

²³⁶ PEIXOTO. *Educação e Estado Novo em Minas Gerais*, p. 291.

*procedentes da Bahia, os seguintes implicados no movimento de novembro de 1935. Carlos Lacerda, filho do conhecido Tribuna Mauricio Lacerda, Celso Pinheiro Filho, ex-sargento, e Vicente Vieira Paixão, ex-cabo do Exército. [...]*²³⁷

No mesmo ano, 1937, as aparições eram tantas que o Governo Vargas abriu concorrência para a construção de um presídio em Ilha Grande dedicado aos presos políticos.²³⁸

E, por falarmos em presídio, nem os presos eram poupados das comemorações cívicas. No jornal *O Minas Gerais*, em uma coluna dedicada a publicar telegramas confirmando a comemoração das festas cívicas, apareceu uma notícia da comemoração do Dia da Pátria na Penitenciária Agrícola de Neves. O sub-inspetor do presídio, José Dias de Oliveira, teria feito um "brilhante improvisado [e] enalteceu o valor patriótico dos nossos antepassados, pela sublimidade do exemplo que nos legou".²³⁹

O desfile cívico-esportivo teria sido de responsabilidade do instrutor Francisco de Paula Santos. A Bandeira Nacional fora hasteada, na fachada da penitenciária "ao canto do Hino Nacional pelos reclusos".²⁴⁰

A festividade teria sido encerrada através de uma "prova esportiva de bola militar, entre as turmas compostas de reclusos, azul X branca, sagrando-se vencedora a turma azul, pela contagem de 5 X 4".²⁴¹

Ao analisarmos os inúmeros telegramas publicados no jornal *O Minas Gerais*, parece-nos que o apoio ao governo Vargas e, em Minas Gerais, a Benedito Valladares era incondicional.

Alfenas, 31 - Solidário com v. excia., ponho a sua disposição os meus semanários "O Alfenense" e "O Machadense", para o combate ao comunismo. Nesta cidade acaba de ser fundada a Liga Mineira de

²³⁷ A CAMPANHA contra o comunismo. *O Minas Gerais*. Belo Horizonte. 10 de novembro de 1937.

²³⁸ CONCORRÊNCIA para a construção de uma colônia de presos políticos em Ilha Grande. *O Minas Gerais*. Belo Horizonte. 7 de novembro de 1937, p. 14

²³⁹ AS COMEMORAÇÕES do Dia da Pátria. *O Minas Gerais*. Belo Horizonte. 10 de setembro de 1940.

²⁴⁰ AS COMEMORAÇÕES do Dia da Pátria. *O Minas Gerais*. Belo Horizonte. 10 de setembro de 1940.

²⁴¹ AS COMEMORAÇÕES do Dia da Pátria. *O Minas Gerais*. Belo Horizonte. 10 de setembro de 1940.

Defesa Social, sob a presidência do sr. João Leão de Faria, tendo sido criados diversos departamentos, dentre eles o departamento de propaganda, de cujo diretório tenho a honra de fazer parte. Todos os departamentos estão integrados de pessoas de destaque social, e agirão sob as ordens de v. excia., cooperando, na medida de suas forças, para o combate ao comunismo. Saudações cordiais. - Antonio Barbosa Sobrinho.²⁴²

Era publicado, diariamente, um número expressivo de telegramas que vinham das mais diferentes cidades de Minas Gerais, não podendo faltar o apoio de Bom Sucesso. O telegrama é dirigido a Benedito Valladares, que teria elevado o nome do glorioso Estado de Minas em uma fase decisiva da vida nacional, e que,

com patriótica visão, se colocou ao lado do grande presidente Getúlio Vargas, na defesa do patrimônio mais querido dos brasileiros - tal o desejo de ordem, trabalho e paz, seriamente ameaçado por egoístas criminosos e demolidores - eu e os meus correligionários deste município hipotecamos integral solidariedade e enviamos calorosas felicitações pela sua brilhantíssima atuação. Saudações - Cristiano Teixeira de Carvalho.²⁴³

A comemoração do Dia da Bandeira no ano de 1937, segundo *O Minas Gerais*, deveria ter um caráter mais amplo e profundo, pois a nação tinha sido ameaça pela ambição comunista. Os planos comunistas, segundo *O Minas Gerais*, eram diabólicos²⁴⁴ e previam as mudanças dos símbolos nacionais.

E, segundo *O Minas Gerais*, até a "nossa linda bandeira", que há quase cinqüenta anos retratava a nossa Pátria e cuja imagem, "tremulando no tope dos mastros, vive e palpita dentro de nossos próprios corações, cairia igualmente diante da sanha extremista".²⁴⁵

Apesar de estarmos analisando os discursos pós-regime varguista, notamos que as doutrinas exóticas ainda se configuram como recorrentes e, segundo Júlio

²⁴² O MOMENTO Nacional. Telegrama enviado da cidade de Alfenas à Benedito Valladares. *O Minas Gerais*. Belo Horizonte. 5 de novembro de 1937.

²⁴³ Telegrama enviado a Benedito Valadares pela cidade de Bom Sucesso em 14 de novembro de 1937. *O Minas Gerais*. Belo Horizonte, p. 6.

²⁴⁴ Sobre as associações feitas entre comunismo e diabo, conferir a excelente análise empreendida por DUTRA. *O arдил totalitário*.

²⁴⁵ A capital vai celebrar brilhantemente o dia da Bandeira. *O Minas Gerais*. Belo Horizonte. 18 de novembro de 1937.

Castanheira, para controlar todo o perigo representado pelos desordeiros, a população de Bom Sucesso oferecia um altar e, em troca, exigia a proteção, mas se algum povo ousasse invadir a

*nossa Pátria, deixai, Senhor Jesus e Vós Querida Mãe, que a labareda do entusiasmo e do patriotismo crepita vigorosa, para que nós, armas na mão, façamos reviver as epopéias de Riachuelo, Somas Valentinas, Trinti, Himaita e a Campanha da Itália, que o nosso exército, escrevem com letras de ouro nas páginas da História.*²⁴⁶

O discurso número dois, também pronunciado para o público geral na década de 40, comemorava a volta dos expedicionários a Bom Sucesso. Segundo Júlio Castanheira, era um momento de grande alegria recebê-los novamente e a "nossa alma emocionada entoava ao Senhor e à Virgem seus hinos festivos, porque, de novo, vos temos em nosso convívio".²⁴⁷

Bom Sucesso estaria orgulhosa, pois a função exercida pelos expedicionários foi árdua e plena de responsabilidade.

*Difíceis, quão perigosos encargos vos foram impostos. Soubestes, porém, de modo brilhante, desobrigar-vos deles, atraindo para o Brasil a admiração dos outros povos, em virtude das provas incontáveis de heroísmo, de bravura, de disciplina, de que sois dotados, valorosos soldados do Brasil.*²⁴⁸

Os expedicionários de Bom Sucesso não desmentiram a fibra dos nossos antepassados, com o heroísmo de Andrade Neves, de Caxias, de Barroso, de Tamandaré. A Segunda Guerra teria sido importante para mostrar, a todos os povos de todos os quadrantes do globo terrestre, que "o arcabouço do brasileiro"²⁴⁹ flameja ainda, como "brilhará por todos os séculos dos séculos a chama sagrada de patriotismo, de amor a esse Brasil imenso".²⁵⁰ Júlio Castanheira passa, então, a caracterizar este "torrão

²⁴⁶ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso 1*.

²⁴⁷ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso 2*.

²⁴⁸ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso 2*

²⁴⁹ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso 2*

²⁵⁰ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso 2*

idolatrado", utilizando-se das imagens recorrentes da natureza em que "viceja a bonina e as giestas, onde campeia livre a gazela e o tapir; em que sopra a brisa e a moção".²⁵¹ Este país, ainda na descrição de Júlio Castanheira, serpeia o caudaloso Amazonas e o regato cristalino. Possuiríamos muitas riquezas naturais em que se escondem o diamante e a opala e cujas rochas "tremeluzam as cintilações do oiro; em cujas fontes brota a saúde nas suas águas minerais".²⁵² Novamente, como no discurso 1, Júlio Castanheira diria que nas campinas pastariam tranqüilos a ovelha e o muar, as matas e as florestas exuberantes cresceriam e vicejariam os gigantes da flora.

*em que o toque merencório do Angelus, levado nas asas perfumadas da aura se repercute de quebradas em quebradas de nossas montanhas floridas volitando para as nossas aldeias, para os nossos povoados, para as nossas vilas, para as nossas choupanas, onde esse brasileiro religioso e bom se ajoelha e eleva a esse Cristo bem amado e à Virgem querida preces fervorosas, brotadas do mais fundo de o peito; a esse Brasil amado em que tudo é alegria, é beleza, é encanto, é liberdade, é vida.*²⁵³

A proteção deste país maravilhoso, expresso neste conjunto de imagens, não teria sido fácil, pois o inimigo era duro e de têmpera de aço, "adestrados nos prélios de uma disciplina a toda prova, heróico, não há como negar, valoroso, desumano, fanático pelo seu chefe".²⁵⁴

O ataque injusto, covarde e traiçoeiro dos submarinos do Eixo contra os navios mercantes brasileiros fez com que todos os brasileiros exigissem medidas "urgentes e enérgicas". Segundo Júlio Castanheira, a simples simpatia pelos Estados Unidos e pela velha Albion²⁵⁵ teria se transformado nesse desejo ardente de lutas, "de mostrar ao Fueher e aos seus comparsas que o Brasil saberia revidar ao insulto."²⁵⁶

²⁵¹ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso 2*

²⁵² CASTANHEIRA, Júlio *Discurso 2*

²⁵³ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso 2*

²⁵⁴ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso 2*

²⁵⁵ Nome antes dado à Grã-Bretanha.

²⁵⁶ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso 2*

As primeiras tropas brasileiras que desembarcaram na Alemanha, segundo Júlio Castanheira, foram recebidas pelos alemães com palavras de desprezo que, dentro em pouco, "se transformariam em pedidos para que os brasileiros fossem menos ardorosos e tivessem mais consideração para com os amigos. Era, senhores, porque a cobra já estava começando a fumar. E ia fumar no duro".²⁵⁷

Mesmo em uma situação de guerra, os brasileiros teriam um bom humor reinante demonstrado no apelido dado às metralhadoras dos alemães, as Lourdinhas. Dentre em breve, menciona Júlio Castanheira, os alemães já não suportariam os ataques dos russos, brasileiros, ingleses e americanos.

Para todos os nossos patrícios que dormem o sono eterno, em solo italiano,

*Para esses bravos nós pedimos, genuflexos, a proteção da Virgem do Rosário. Para vós outros que tivestes a felicidade de apertar ainda ao peito vossas mães queridas, a nossa mais fervorosa saudação! Vivam os expedicionários do Brasil!*²⁵⁸

Como demonstramos, este grupo de discursos tinha como objetivo construir e reafirmar uma origem comum entre os brasileiros que passavam por uma relação entre as raças e a natureza. Homens pequenos frente a uma natureza transformadora, tendo como chave o determinismo. O objetivo seria, então, promover a união de todos os brasileiros contra as doutrinas exóticas e, como estratégia para fixar na memória este passado comum, o recurso mnemônico era recorrente.

Como também mencionamos, o discurso não se concentrava apenas na voz. Poderíamos dizer que existia um lado performático, ou seja, um conjunto de gestos que deveriam ser seguidos para dar ênfase ao que se falava. Júlio Castanheira possuía, na sua biblioteca, um manual que buscava normatizar os gestos que acompanhariam os discursos.

²⁵⁷ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso 2*

²⁵⁸ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso 2*

Algumas normas, que deveriam ser obedecidas para o bom discursar, foram sistematizadas por Miguel Milano em alguns pontos. A dicção, por exemplo, é definida como a arte de tornar a palavra distinta, correta, expressiva e agradável. Seriam 4, segundo Milano, as formas para uma boa dicção. A palavra deveria ser pronunciada corretamente, deveria ser expressiva e agradável, com o objetivo de fazer "compreender pensamentos, de fazer sentir impressões, sentimentos".²⁵⁹ O objetivo dos gestos seria que a expressão agradasse ao ouvido, mas a expressão não se reduziria às palavras, sendo necessário observar também os "jogos physiomicos (movimentos das feições, movimentos do rosto), de atitudes (posições do corpo) e de gestos (movimentos dos braços e das mãos)".²⁶⁰

O texto segue acompanhado de uma série de exercícios que deveriam ser executados, mas sempre observando que o movimento, apesar de sê-lo, não poderia ser considerado ridículo. Este adendo marca a introdução do primeiro aspecto a ser analisado pelo bom orador: a posição. Segundo Milano, antes do público nos ouvir, ele nos olha e, por isso, o primeiro aspecto seria ficar com o peito para frente e a cabeça para a direita.

*As mãos não devem estar nos bolsos, no dorso, nos cabelos, no ouvido, e muito menos na boca. Quando de pé, os pés devem ficar a uma pequena distância um do outro, geralmente o direito a frente.*²⁶¹

O manual, que foi grifado por Júlio Castanheira, passa a ensinar como pronunciar cada vogal, além de realçar o uso da pontuação, mas nos concentraremos no capítulo quatro do livro de Milano, que se denomina *Gesticulemos mimicamente*.

²⁵⁹ MILANO. *Para bem ler e bem recitar*, p. 15.

²⁶⁰ MILANO. *Para bem ler e bem recitar*, p. 15.

²⁶¹ MILANO. *Para bem ler e bem recitar*, p. 17.

Segundo Milano, "como a linguagem que se ouve, a linguagem que se vê deve ser clara correta, expressiva e agradável."²⁶²

É digno de nota que, para uma sociedade analfabeta concentrada na oralidade, a expressão anteciparia a cadeia de acontecimentos dentro da mensagem difundida. O recurso de antecipação está também presente na própria estrutura textual marcada, nas sociedades sem contato com a escrita, com uma estrutura de ecos, de redundância. Neste sentido, acompanhava o manual uma série de fotografias que tentavam normatizar as expressões no momento do discurso.

Os gestos deveriam, como já dissemos, antecipar uma nova cadeia de acontecimentos e a primeira figura que apresentaremos, abaixo, anteciparia um acontecimento extraordinário.

²⁶² MILANO. *Para bem ler e bem recitar*, p. 99.



Figura 1 – É extraordinário

Esta figura é acompanhada da seguinte descrição. "Arregalemos os olhos, deixando um instante a boca entreaberta, e digamos: "É extraordinário!".²⁶³

²⁶³ MILANO. *Para bem ler e bem recitar*, p. 104.



Figura 2 – M'o pagarás!

A seguinte descrição acompanhava esta figura: "Carreguemos as sobrancelhas, estendamos o braço direito, a mão fechada, ou este braço dobrado, mostremos o punho, resmungando: M'o pagarás!"²⁶⁴

²⁶⁴ MILANO. *Para bem ler e bem recitar*, p. 108.



Figura 3 – Horror! Horror!



Figura 4 – Viva o Brasil!

Esta figura é acompanhada da seguinte descrição. "Elevemos o braço no ar, a mão aberta, os dedos um pouco separados, e gritemos: Viva o Brasil!"²⁶⁵

Estas figuras eram acompanhadas de algumas técnicas para o orador poder conjugar mímica e texto, pois, como já dissemos anteriormente, para uma sociedade concentrada na memória auditiva, é necessário que o gestual ajude a compor a *mise en cene*. Para poder conjugar texto e mímica, era necessário que o orador soubesse o texto de cor e, para isto, deveria seguir alguns passos.

No primeiro item, o orador deveria estudar o poema do ponto de vista do sentido, "lê-lo em voz alta". No segundo item, seria necessário, de acordo com o texto, traduzirmos o poema com frases nossas. "Tanto melhor se, à nossa linguagem, misturarem-se palavras, locuções do autor, (bem entendido, compreendendo-as)".²⁶⁶ No terceiro item, o orador deveria dividir o texto fazendo um esqueleto, "um esboço com certos fragmentos, depois de estar o trecho dividido em suas partes principais".²⁶⁷

Miguel Milano continua seu manual mencionando, ainda, alguns aspectos que deveriam ser seguidos pelo bom orador. A animação seria uma característica fundamental, pois, como já foi dito, a mímica acompanharia as frases. Ainda como resultado de um bom orador, o texto deveria ser acompanhado de movimentos, ou seja, a velocidade com que o texto deveria ser pronunciado. Os movimentos seriam modificados obedecendo às seguintes gradações: com alguma pressa, lentamente, com pressa, depressa e moderado. Este movimento teria a função de prender a atenção do ouvinte e não tornar o texto monótono. Outra característica do orador seria a capacidade de "tomar tempo".

Um meio de despertar a atenção para as palavras que seguem as

²⁶⁵ MILANO. *Para bem ler e bem recitar*, p. 101.

²⁶⁶ MILANO. *Para bem ler e bem recitar*, p. 89.

²⁶⁷ MILANO. *Para bem ler e bem recitar*, p. 89.

*pronunciadas consiste em fazer uma longa pausa relativamente longa, um silêncio longo, em tomar tempo. [...] Uma vírgula é necessária para que seja feita uma pausa mais ou menos longa. Ela serve, neste caso, para dar maior valor e força as últimas palavras d'um verso, quando para elas se deseja chamar a atenção.*²⁶⁸

Ao analisarmos os discursos de Júlio Castanheira, notamos uma estrutura de redundância. Isto acontece, como marcou bem Havelock, em uma sociedade que se utiliza da memória como o único depositário de informações. A redundância e a memória acústica necessitariam recorrer a uma estrutura redundante, ou seja, que a construção do texto crie um sentido de auto referência ao mesmo tempo em que os elementos abstratos sejam expressos como agentes materiais.

Assim, a natureza era utilizada para expressar a disseminação da idéia de liberdade. Esta substituição de fenômenos abstratos por agentes concretos é, segundo Havelock, uma necessidade mnemônica.

*Da mesma forma que, no trabalho de registro e repetição de termos pertinentes a situações humanas, ou na descrição (ou prescrição) de normas morais, a representação do hábito e da conduta dos homens – feita por meio de imagens de homens em ação – tinha de operar funcionalmente em lugar das abstrações éticas que nós usamos, assim também, no registro da situação do ambiente externo, a representação dos hábitos e da conduta de divindades tinha de operar funcionalmente em lugar de apanhados de relações causais atuantes entre forças e materiais.*²⁶⁹

Os versos que expressavam a liberdade teriam sido levados pelos ventos, Evolo e Zefico, para todos os quadrantes do solo pátrio.

*De Norte a Sul, de Leste a Oeste os pássaros entoavam os seus hinos; as canas e os bambuais, agitados pela brisa, eram como que mensageiros de Deus a pregarem a liberdade. Liberdade temos nós, filhos de Terra de Santa Cruz, diriam os pássaros, se a sua voz pudesse ser entendida pelos homens.*²⁷⁰

A estrutura de repetição, também como recurso comum, é percebida quando Júlio Castanheira descreve, por exemplo, o negro na formação do brasileiro. Para que

²⁶⁸ MILANO. *Para bem ler e bem recitar*, p. 123.

²⁶⁹ HAVELOCK. *A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais*, p. 242

²⁷⁰ CASTANHEIRA, Júlio *Discurso I*.

Júlio Castanheira situasse o negro na África, e o caracterizasse como o que temia o maioral da tribo, a seguinte seqüência de redundância foi montada.

O trecho se inicia com "Campeava o negro", logo em seguida, começa uma estrutura de repetição que caracterizaria o ambiente em que o negro campeava, nos sertões do Congo, vales escaldantes do Niger e Zambézia, areias adustas do Saara, matas gigantescas, ele galgava os montes, contemplava a imensidão da África misteriosa em largos haustos, o ar sadio e perfumado, palmilhava as campinas e desertos. Após esta longa caracterização, várias palavras que possuem significados próximos aos do sertão: vales escaldantes, areias adustas. Podemos ainda observar outras repetições, como campear nas campinas, galgar os montes, palmilhar as campinas e desertos. Ainda neste parágrafo, poderíamos observar a repetição do campear, galgar, percorrer e palmilhar.

Esta estrutura de repetição acompanhava todos os discursos que se dirigiam ao público em geral. Vamos insistir mais um pouco, analisando o papel do índio na constituição do brasileiro. O índio seria mais livre que o negro e, por isto, não se sujeitava à escravidão, mas o texto se estruturava da seguinte maneira.

Começava com uma frase inicial, "o silvícola de nada se arreceava", e, a partir desta frase, usava a estrutura de repetições e todas as outras frases acompanhavam a inicial. Voava e corria, pelas campinas em flor, ligeiras, quais corças e livres como a gazela, vencia catadupas, voava matas milenares, perseguia o tapir e lutava com o jaguar. Bem característicos das teorias deterministas, os personagens formadores do brasileiro eram pequenos frente ao meio ao qual pertenciam.

Esta estrutura de redundância, como já foi mencionado, está inserida em uma necessidade de composição dos discursos como estratégia para que o ouvinte pudesse,

juntamente com a mímica, antecipar o texto pronunciado, podendo, depois, acessar através da memória o que foi dito.

Neste sentido, tentamos relacionar neste capítulo a emergência do discursar como uma prática de compartilhamento de sentido em Bom Sucesso na década de 40, mas que faz referência a uma comunidade de sentido que se tenta construir desde o início do século. O discursar responderia, pelo menos em parte, a como se construía uma comunidade de sentido mesmo para uma população analfabeta. Os discursos em praça pública se concentravam na origem do povo brasileiro e a explicação passava pela união de raças, vista sob os moldes do determinismo.

CONCLUSÃO

É extremamente penoso tentar, em algumas páginas, sistematizar as questões levantadas nesta dissertação, mas, ao mesmo tempo, é um espaço que permite destacarmos alguns aspectos que podem estar diluídos em seu volume.

Um primeiro aspecto constatado em Bom Sucesso, entre os anos de 1938 a 1954, com relação às práticas comunicativas, foi que uma responsabilidade normalmente atribuída à comunicação pelo impresso não ocorria devido a um déficit do circuito comunicativo, neste caso específico, à ausência de leitores. O discurso em reuniões públicas configurava-se, então, como uma prática comunicativa recorrente em Bom Sucesso e que, em certa medida, compensava o circuito do impresso.

Percorremos este circuito misto, que relacionava leitura e oralidade, caracterizando, primeiramente, a cidade de Bom Sucesso que ouvia um orador discursando em praça pública. As altas taxas de analfabetismo e as redes de favores foram alguns elementos explicativos, elencados no primeiro capítulo, e que foram capazes de responder como este personagem foi ouvido durante tantos anos.

Dedicamo-nos à comunicação pelo impresso ao analisarmos a composição da biblioteca de Júlio Castanheira, assim como as práticas de leitura que resgatamos pelas marcas marginais deixadas nos próprios livros.

No último capítulo, estudamos os discursos pronunciados por Júlio Castanheira nas reuniões públicas. Tentamos resgatar o momento da performance e quais as estratégias retóricas utilizadas por Júlio Castanheira. Fizemos referência ao conceito de auditividade e memória auditiva, mas não o desenvolvemos nesta pesquisa, abrindo espaço para uma discussão de maior escopo, para um estudo capaz de relacionar oralidade e impresso na sociedade brasileira. Esta discussão, apesar de ter recebido

pouca atenção no Brasil, teve seu início na década de 60 com a publicação de algumas obras advindas de países diferentes e que se transformaram em referência para estudiosos da área. Poderíamos destacar *The Gutenberg Galaxy*, de McLuhan, no Canadá, e *La pensée sauvage*, de Lévi Strauss, na França; em 1963, Jack Goody e Ian Watt publicaram o artigo *The consequences of literacy* na Inglaterra, e Eric Havelock publicou *Preface to Plato* nos Estados Unidos. Mais recentemente, em 1977, Jack Goody publicou *The domestication of the savage mind*.

Na tese *L'épithète traditionnelle dans Homère*, publicada em Paris em 1928, Parry analisou a *Ilíada* e a *Odisséia*, trabalho que teve prosseguimento através de seu discípulo Albert Lord que, em 1960, publicou *The single of tales*. Naquele momento, Lord divulgou o material que Parry havia recolhido entre os bardos, realizando uma análise dos cantores tradicionais iugoslavos. Os efeitos da introdução da escrita e da imprensa em sociedades não letradas têm sido, pois, uma das principais questões que norteiam o campo de estudos sobre as relações entre oralidade e letramento. Em outras palavras, *As interseções midiáticas da pequena Bom Sucesso* talvez não se refira apenas a Bom Sucesso, nem a 1938-1954 e nem apenas a Júlio Castanheira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro Souza. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed., São Paulo: Brasiliense, 1994. vol. 1.
- BITTENCOURT, Circe Maria F. *Pátria, civilização e trabalho*. São Paulo: Loyola, 1990.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Estudos de teoria e história literária. 7 ed., São Paulo: Editora Nacional, 1985.
- CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em cena*. Propaganda política no Varguismo e Peronismo. Campinas: Papyrus, 1998.
- CAPRETTINY, G. P. *Alegoria*. Enciclopédia Einaudi. Imprensa Oficial da Casa da Moeda, 1994.
- CASTANHEIRA FILHO. *História de Bom Sucesso*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1973.
- CASTANHEIRA FILHO. *Romance de uma vida*. Memórias. Belo Horizonte: Editora Littera Maciel Ltda, 1975.
- CASTRO ROCHA, João Cezar de. *Literatura e cordialidade: o público e o privado na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. (Org.) *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Bertrand, 1990.
- CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos 14 e 18*. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: UnB, 1994.
- CHARTIER, Roger. Entrevista concedida por Roger Chartier à *Revista Acervo*: Revista do Arquivo Nacional Rio de Janeiro, v. 8, número 01/02, Janeiro/dezembro de 1995.
- CHARAUDEAU, Patrick. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, Agostinho Dias. (org.). *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996.
- CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *A "Europa dos pobres": Juiz de Fora na Belle-Époque minerária*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1984.
- COSTA LIMA, Luiz. *Dispersa demanda: ensaios sobre Literatura e Teoria*. Francisco Alves, 1981.
- DARNTON, Robert *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DEBRAY, Régis. *Curso de midiologia geral*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1993.
- DURÃO, Santa Rita, Frei. *O caramuru*. Aventuras prodigiosas dum português colonizador do Brasil. Lisboa: Sá da Costa. 1935.

- DUTRA, Eliana de Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
- ECO, Umberto. Símbolo. In: Enciclopédia Einaudi. Imprensa Oficial da Casa da Moeda, 1994.
- FAUSTO, Boris (org). *História Geral da Civilização Brasileira*. Brasil Republicano. Volumes 8, 9, 10 e 11. São Paulo: Bertrand, 1975.
- FRANÇA, Vera Veiga. *Jornalismo e vida social: a história social amena de um jornal mineiro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- FRIEIRO, Eduardo. *O diabo na livraria do cônego: como era Gonzaga? e outros temas mineiros*. 2. ed. rev. aum. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. São Paulo: Cutrix.
- GINZBURG, Carlo. *A micro história e outros ensaios*. Trad. Antônio Narino. Lisboa: Difel, 1991.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinas: morfologia e História*. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução de Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz., 1985.
- HAVELOCK, Eric. A. *A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. Trad. Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. vol. 1. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação a teoria literária*. Tradução de Sérgio Tella Roli. São Paulo: Ática, 1994.
- JAUSS, Rober. *Por une esthétique de la réception*. Paris: Galliard, 1979.
- LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- LAMOUNIER, Bolivar. Formação de um pensamento autoritário na Primeira República. Uma interpretação. in: HGCB. O Brasil republicano. Sociedades e instituições. Tomo III, volume II (n. 9).
- LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1983.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- MARTINS, W. *História da inteligência brasileira*. v. VI, 1915-1933. São Paulo: Cultrix, 1978.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil: 1920-1945*. São Paulo: Difel, 1980.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira* (1933-1974): (pontos de partida para uma revisão histórica). 6. ed. São Paulo: Ática, 1990. 365p. (Ensaio, 30).

MOURÃO, Paulo Kruger Corrêa. *O ensino em Minas Gerais no tempo da República*. Belo Horizonte: Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 1962.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*, São Paulo: E.P.U./E.D.U.S.P., 1974

NAGLE, Jorge. *A educação na Primeira República*. in: HGCB. O Brasil republicano. Sociedades e instituições. Tomo III, volume II (n. 9).

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias da Literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre a política e a nação*. Trad. Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1990.

PERELMAN, Chaïm. *O império retórico*. Retórica e argumentação. Portugal: Editora Asa, 1993.

REIS, José Carlos. "Mudança" e "continuidade" na Historiografia Brasileira. mimeo. Mariana: 1997.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997.

ROUANET, Sergio Paulo. Apresentação de Origem do drama barroco alemão. in: BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução, apresentação e notas: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SCHUWARCZ, Lilia K. Moritz. *"Os Guardiões da nossa história-oficial": os institutos históricos e geográficos brasileiros*. São Paulo: IDESP, 1989.

SCHWARTZMAN, Simon e outros. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, São Paulo: EDUSP, 1984.

SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da [Coord]. *Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*. 2. ed. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1978.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SUSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1986. Vocabulário crítico.

Dissertações

BORGES, VERA LUCIA ABRÃO. *A ideologia do caráter nacional da educação em Minas*: Revista do Ensino. Dissertação de mestrado apresentada a Unicamp, 1993.

CHAMON, Carla Simone. *Festejos Imperiais. Festas cívicas em Minas Gerais - 1815/1845*. Dissertação de mestrado apresentada a UFMG, 1996.

PEIXOTO, Ana Maria Casassanta. *Educação e Estado Novo em Minas Gerais*. Tese de doutorado apresentada a Faculdade de Educação da PUC-SP, 1989.

REZNIK, Luis. *Tecendo o amanhã. A história do Brasil no ensino secundário: programas e livros didáticos. 1931 a 1945*. Dissertação da mestrado apresentada ao departamento de História da UFF, 1992.

Artigos:

ANTUNES, Álvaro de Araújo, VIVAS, Rodrigo Andrade. Indicativos de mudança de paradigma: leitores e retiradas de livros em uma biblioteca universitária. *Anais do XI Encontro Regional de História. História e Exclusão Social*. Uberlândia, 1997.

ALCIDES, Sérgio. Histórias da Literatura como provocação. Resenha publicada no *REGISTRO*. Ano 4, n. 8, set. 1997/fev. 1998.

CÂNDIDO, A. A literatura e a formação do homem. in: *Ciência e Cultura*, 24 (9) set. 1972.

CAVALCANTI, Nireu Oliveira. A Livraria do Teixeira e a circulação de livros na cidade do Rio de Janeiro. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1-2, p. 183-194, jan./ dez. 1995.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*: Rio de Janeiro, v. 1, p. 5-27, 1988.

FONTES

Livros com notas marginais

ALBALAT, Anônio. *A formação do estilo pela assimilação dos autores*. Tradução de Cândido Figueiredo. 4 ed., Lisboa: Clássica Editora, 1928.

ALBALAT, António. *A arte de escrever ensinada em vinte lições*. Tradução de Cândido de Figueiredo. 7 ed., Lisboa: Clássica Editora, 1944.

ALENCAR, José. *O guarani*. Obras completas. Volume 1.

ALMEIDA, Ruy. *Cooperemos para a boa linguagem*. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

BANDEIRA, Manuel. *Noções de História das Literaturas*. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1946.

BARBOSA, Rui. *Oração aos moços*. Discurso na Faculdade de Direito de São Paulo, como paraninfo dos bachalelandos de 1920, lido pelo Dr. Reinaldo Porchat na solenidade de 29 de março de 1921. Coleção Literatura Luso-Brasileira. n. 3. São Paulo: Dicapel, s/d.

BILAC, Olavo, NETO, Coelho. *Contos pátrios* (para crianças), Educação Moral e Cívica, Desenhos de Vasco Lima, Livraria Francisco Alves, 1949.

BILAC, Olavo. *A defesa nacional* (Discursos). Rio de Janeiro: Edição da Liga de Defesa Nacional, 1917.

CALMON, Pedro. *História do Brasil*. Vol. 5, A República, Brasiliana, Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série 5, vol. 176-D, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

CASTRO, Batista. *Correção e estética na leitura oral*. São João del Rei, sem editora, 1941.

CELSO, Afonso. *Por que me ufano do meu País*. Rio de Janeiro: Laemmert. 1908.

CUNHA, Euclides. *Os sertões*. 25 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1957.

Dicionário Prático Ilustrado. Direção de Jaime de Séguiet. Porto: Lello e Irmão, 1967.

DURÃO, Santa Rita, Frei. *O caramuru*. Aventuras prodigiosas dum portuguez colonizador do Brasil. Lisboa: Sá da Costa. 1935.

GEBHART, Émile. *L'Italie mystique*. Histoire de la renaissance religieuse au moyen age. Paris: Librairie Hachette, 1906.

MEIRA, Cecil. *Introdução ao estudo da literatura*. 2 ed., Rio de Janeiro: Zelio Valverde. 1945.

MILANO, Miguel. *Para bem ler e bem recitar. Methodo orthophonico*. Obra aprovada e adotada pelo governo do Estado para uso dos alunos das escolas normaes. 3 ed. São Paulo: Casa Editora Antonio Tisi, 1926.

MURTA, Guerreiro. *Como se aprende a redigir*. Edição revista e aumentada. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1950.

PEIXOTO, Afranio. *Noções de história de história geral*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1932.

PEIXOTO, Afranio. *Panorama da literatura brasileira*. São Paulo: Companhia Editora. 1947.

REMÉDIO, Mendes. *História da literatura portuguesa*. Desde as origens até a atualidade. Coimbra: Atlântida, 1930.

RIBEIRO, João. *História do Brasil*. Curso superior. 17 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. 1960.

ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. Formação e desenvolvimento autonômico da Literatura nacional. 5 ed., Tomo Segundo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

SERRANO, Jonathas. *Antologia Brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d.

Jornais:

"SALVE, lindo pendão da esperança". COMEMORAÇÕES do Dia da Bandeira. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 36, n. 263, 19 nov. 1937.

A CAMPANHA contra o comunismo. *O Minas Gerais*. Belo Horizonte. 10 de novembro de 1937.

AS COMEMORAÇÕES do Dia da Pátria. *O Minas Gerais*. Belo Horizonte. 10 de setembro de 1940.

O MOMENTO Nacional. Telegrama enviado da cidade de Alfenas à Benedito Valladares. *O Minas Gerais*. Belo Horizonte. 5 de novembro de 1937.

RELATÓRIO do inspetor técnico João Batista Maciel sobre a cidade de Bom Sucesso em 1907. Arquivo Público Mineiro. Documentação da Secretária de Interior. 3250.

PÁGINA DA INTERNET

<http://www.mediologie.com>

DISCURSOS

- CASTANHEIRA, Júlio. *Discurso 1*. Bom Sucesso: mimeo, [s.d.]
 _____ . *Discurso 2*. Bom Sucesso: mimeo, [s.d.].
 _____ . *Discurso 6*. Bom Sucesso: mimeo, [s.d.].
 _____ . *Discurso 7*. Bom Sucesso: mimeo, [s.d.].
 _____ . *Discurso 10*. Bom Sucesso: mimeo, [s.d.].
 _____ . *Discurso 12*. Bom Sucesso: mimeo. [s.d.].
 _____ . *Discurso 19*. Bom Sucesso: mimeo. [s.d.].
 _____ . *Discurso 20*. Bom Sucesso: mimeo, [s.d.].
 _____ . *Discurso 21*. Bom Sucesso: mimeo, [s.d.].
 _____ . *Discurso 24*. Bom Sucesso: mimeo. [s.d.].
 _____ . *Discurso 34*. Bom Sucesso: mimeo. [s.d.].
 _____ . *Discurso 35*. Bom Sucesso: mimeo. 10 de maio de
 1938.

Arquivos pesquisados

Arquivo Público Mineiro.

Hemeroteca do Arquivo Público Mineiro.

Arquivo morto da Escola Estadual Benjamin Guimarães em Bom Sucesso.

Arquivo morto da Escola Protásio Guimarães de Bom Sucesso.

Arquivo do Colégio Santo Antônio em São João del Rei.

Biblioteca particular de Júlio Castanheira.

Museu de Bom Sucesso.

Centro de Referência do Professor em Belo Horizonte.